**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA**

**Análise de textos de jornal impresso: releitura na voz que
faz rir e faz calar**

Janaina Michele de Oliveira Silva

**Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Filologia e
Língua Portuguesa, do Departamento
de Letras Clássicas e Vernáculas da
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo, para obtenção do título
de Mestre em Letras.**

Orientador: Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto

**São Paulo
2008**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA**

**Análise de textos de jornal impresso: releitura na
voz que faz rir e faz calar**

Janaina Michele de Oliveira Silva

**São Paulo
2008**

Folha de aprovação

Janaina Michele de Oliveira Silva

Análise de textos de jornal impresso: releitura na voz que faz rir e faz calar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto

Instituição: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH/USP

Assinatura: _____

Profa. Dra. Anna Maria Marques Cintra

Instituição: Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP

Assinatura: _____

Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade

Instituição: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH/USP

Assinatura: _____

À minha mãe, que sempre me incentivou e pela dedicação.

Ao Alexandre, pelo amor e por sempre torcer por mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo.

À minha família, que sempre me estimulou.

Ao Alexandre, que com sua paciência e carinho insuperáveis, conseguiu me acalantar nos momentos difíceis.

Ao Prof. Valdir, pelos constantes desafios e por mostrar-se mais que um orientador, por mostrar-se verdadeiro mestre na arte de conduzir caminhos e que tanto dá de si no seu fazer, meus mais sinceros agradecimentos.

Ao GEPPEP, que com fita de garoto sedento em aprender e dividir, me laçou e tanto me ensinou e vem me ensinando.

Aos meus amigos, todos eles, que me fizeram sorrir quando tinha vontade de chorar, que me descontraíram e me deram ânimo, acalmaram-me e suportaram-me.

À minha querida amiga Ana Maria Monello, que mesmo em face a tantos contratempos, despendeu a mim e a este trabalho, com carinho, seu precioso tempo, meu agradecimento especial e sincero, obrigada.

Às professoras Anna Maria Marques Cintra e Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade, por suas leituras cuidadosas e enriquecedoras.

Aos funcionários do DLCV, que me atenderam com tamanha atenção.

E por fim, ao humor, que me fez rir e chorar, angustiar e trabalhar.

RESUMO

Silva, Janaina M. O. **Análise de textos de jornal impresso: releitura na voz que faz rir e faz calar**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Nesta pesquisa buscamos compreender como o humor se manifesta na sociedade brasileira (ou no mínimo na sociedade paulista/paulistana) a partir dos textos impressos do jornal Folha de S. Paulo, na coluna de José Simão. Tentamos entender como a construção do texto humorístico se efetiva e como o humor pode ser observado tendo-se em vista a perspectiva conceitual de mercado e mercadoria lingüísticos, valor de troca, produto, ideologia, relações de poder e ainda como a cultura e o desejo (aqui entendido na vertente psicanalítica) do indivíduo em se inserir nela (pois só assim será aceito por outros iguais) corroboram com a propagação de um tipo de humor/riso. Além disso, voltamos o olhar sobre como o discurso adotado pelo humor incide numa repetição marcada pelo/no senso-comum e, conseqüentemente, reflete uma ideologia; caracterizando a repetição como se fosse a própria crítica e não um instrumento para tal, tornando o texto humorístico apenas uma embalagem (não só o texto humorístico como o próprio texto acadêmico). Desse modo, tomamos e retomamos a idéia de que a linguagem (e mais precisamente a escrita) se torna um dos instrumentos de poder dentro da sociedade, o que nos leva a pressupor que o sujeito/indivíduo buscará sempre o senso-comum e por ele optará, já que será nele que o indivíduo encontrará uma forma de se inserir no grupo. Ainda tentamos entender um outro tipo de humor, aquele que denominamos de infantilizado no qual se ri por ri, sem que haja necessariamente uma interferência ideológica, com isso mostramos que é possível sair de um humor totalmente controlado. Com esta pesquisa propomos uma nova leitura com embasamento de teóricos da Análise do Discurso, algumas conceituações na História Cultural, na Filosofia, além de estabelecermos um diálogo com propostas teóricas de estudiosos do humor.

PALAVRAS-CHAVE:

Humor; Jornal Impresso; Análise do Discurso; Mídia; Escrita; Ideologia; Mercadoria Lingüística.

ABSTRACT

Silva, Janaina M. O. **Analysis of the texts of newspaper: a re-reading of a voice which makes laugh and makes shut up.** Dissertation (Mastership) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

On this investigation we look for a comprehension of how the humor manifests itself on the Brazilian society (or at least on the society of São Paulo – city or state) from texts of *Folha de S. Paulo* newspaper, on José Simão' section. We try to understand how the construction of a humor can be watched from the conceptual perspective of trade and linguistic goods, change values, product, ideology, power relations and also how the culture and the desire (understood in a psychoanalytic slope) of a individual to take part in it (just because only by this way he will be accept by his equals) corroborate by the propagation of a kind of humor/laughing. Besides, we look at some linguistic works which study the humor and we point how their speech fall upon a repetition of the common sense and, consequently, reflect a ideology, characterizing the repetition like the critic, becoming the humoristic text in just a package, (not only the humoristic text but also the academic one). Therefore, we take and retake the idea of the language (sharply the writing) becomes itself of a power tool in a society, which makes us assume that the person/individual will always look for the common sense and will choose it, so that will be on the common sense that the individual will find out a way to take part in a group. We also try to understand another kind of humor. A humor called by us as an infantile humor in which people laugh by laugh, without necessarily an ideological interference. Because of it, we show that it is possible getting out of a totally controlled humor. In this investigation we recommend a new reading within frameworks of the theorists of Discourse Analysis, some conceptions of Cultural History, Philosophy and also we settle a dialog with theoretical proposals of humor studios (experts).

KEY WORDS:

Humor; Newspaper; Discourse Analysis; Media; Writing; Ideology; Linguistic Goods.

”Uma regra básica do humor: se você se preocupa com estar indo longe demais, ainda não foi longe demais. Se todo mundo ri, você fracassou”.

(Hitchens, 2006).

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo I – Uma breve abordagem sobre o humor	12
1.1. A manifestação do humor nos séculos	12
1.2. Sobre o humor	19
1.3. O humor e os termos relacionados a ele	26
1.4. Sobre o cômico	37
Capítulo II – Discursos: mídia e humor em movimento	46
2.1. Discurso midiático: analisando o texto humorístico no jornal impresso	46
2.2. Discurso humorístico	65
2.3. Ideologia e poder	82
2.4. Ideologia e Análise do Discurso	87
2.5. Estratégias discursivas e argumentativas	96
Capítulo III – A escrita sobre o humor e sua espetacularização	104
3.1. Texto humorístico, escrita, suporte e sociedade	104
3.2. Humor, mercadoria e poder	115
3.3. A mídia, o humor e o poder ou o poder por meio do humor ...	133
3.4. O lúdico e a infantilização: outras faces do humor	141
Considerações finais	145
Referências Bibliográficas e Bibliografia Consultada	149
Anexos	156

Lista de Esquemas	Página
Esquema 1	23
Esquema 2	80
Esquema 3	81
Esquema 4	86
Esquema 5	90
Esquema 6	95
Esquema 7	98
Esquema 8	105
Esquema 9	114
Esquema 10	143

Lista de Quadros Página

Quadro 1 71

Quadro 2 101

Quadro 3 102

Lista dos Anexos Página

Anexo 1 – Data: 03 de março de 2006 157

Anexo 2 – Data: 11 de março de 2006 158

Anexo 3 – Data: 28 de abril de 2006 159

Anexo 4 – Data: 20 de junho de 2006 160

Anexo 5 – Data: 26 de agosto de 2006 161

Anexo 6 – Data: 31 de março de 2007 162

Anexo 7 – Data: 01 de abril de 2007 163

Anexo 8 – Data: 10 de agosto de 2007 – Editorial 164

Anexo 9 – Data: 10 de agosto de 2007 – Painel do Leitor 165

INTRODUÇÃO

Rir é o melhor remédio?

Seria por demais prepotente sugerir uma resposta onisciente para a pergunta acima. Mas, alguns indícios foram percebidos e ao longo deste trabalho pretendemos esclarecer um pouco mais, mote-a-mote, o apanhado de informações que pesquisamos e colhemos, e assim, pusemo-nos a dissertar. Além do mais, tal resposta não nos apareceu de imediato, ao contrário, foi preciso percorrer um caminho que ia se constituindo entre escolhas, convicções e a partir da própria elaboração do trabalho.

Sabemos que o discurso humorístico tem um espaço significativo na mídia brasileira, por atrair o leitor com a possibilidade de uma leitura rápida e de fácil contextualização, visto que se manifesta sobre os fatos cotidianos com humor e opinião, decidimo-nos por estudá-lo. Assim, algumas questões eram constantes quando pusemo-nos a investigar sobre o texto humorístico: “como se dá o funcionamento do riso em uma sociedade?”, “qual é o papel da língua na sua consolidação?”, “o momento social, político, histórico tem relevância para a construção do humor?”.

Conforme seguíamos com a pesquisa, outras perguntas surgiam e outras, se não esclarecidas, eram intensificadas; houve também aquelas que ao longo do

percurso foram sendo descartadas por não serem condizentes ao olhar que propomos a cada momento do trabalho.

Em relação ao olhar que elegemos, este está totalmente relacionado com o título desta “Introdução”. Recuemos um pouco.

Quando nos decidimos por estudar o humor, chamava-nos a atenção o fato de muitos de nossos contemporâneos, ao serem questionados sobre as facetas do humor, dizerem, comumente, que era o caráter crítico e subversivo que mais os seduzia. Isso nos intrigava. Poderíamos simplesmente aceitar tal fato e discorrer sobre ele, mas optamos por olhar com um pouco mais de cuidado e apresentar uma outra leitura possível. Este será nosso foco.

Essa leitura é a que expomos neste trabalho. Foi buscando relações e associações com conceitos como mercadoria lingüística, poder, mídia, ideologia, entre outros, que se vai constituindo nosso projeto. Assim, construímos uma nova leitura com embasamento de teóricos da Análise do Discurso – o que implica dizer que buscamos, nas disciplinas pertencentes ao mundo da AD, algumas conceituações, além de procurarmos dialogar com teorias próprias dos estudos do humor.

Nosso propósito é o de colocar em discussão, por meio de análises dos próprios textos humorísticos, a visão de que o humor é necessariamente subversivo, como ele é pensado ser. Como objetivos adjacentes, mas não menos importantes, que corroboram para a demonstração de nosso objetivo principal, analisando os elementos relativos ao discurso (situação discursiva, enunciação, ideologia), buscamos investigar as estruturas que possibilitam a análise e a produção- interpretação do sentido do texto, assim como examinar as relações pertinentes ao

enunciado e às estruturas discursivas que compõem o texto humorístico. Será, de certa forma, questionar se rir é realmente o melhor remédio.

Notemos, por exemplo, que o humor aparece em todas as sociedades, em todas as formas de linguagem, em todos os tempos, o que nos autoriza dizer que ele não é exclusivo de uma ou outra sociedade, mas do ser humano, e isso já nos bastaria como justificativa para estudá-lo e conhecê-lo de forma mais pormenorizada.

Acrescente-se a isso o fato de haver literatura e análise nesse campo que buscam uma outra vertente de leitura que não a que propomos aqui. E apesar de haver vários estudos valiosos sobre o humor (e em menor escala, sobre o discurso humorístico), é, porém, notória nossa carência de análises que focalizem a relação que não seja subversiva do humor.

Para iniciarmos, partamos do próprio título deste trabalho “*Análise de textos de jornal impresso: releitura na voz que faz rir e faz calar*”. Com esta denominação, pretendemos, de certa forma, condensar uma das funções que detectamos do texto humorístico, publicado no jornal, qual seja: retomar os assuntos tratados ao longo do impresso, fazendo com que o leitor tenha reafirmada a importância dos mesmos.

No que concerne à metodologia, primeiramente lemos os textos de José Simão¹ – JS – (foram em torno de 500 textos, datados de novembro de 2004, início de 2005 até textos bem mais recentes, de setembro de 2007), e foram escolhidos aqueles textos que nos chamaram atenção, podemos dizer que nosso guia foi o gosto pessoal, nessa primeira leitura. Nessa primeira seletiva, foram selecionados cerca de

¹ A partir deste momento poderá ser grafado como JS.

setenta, e dentre estes, seis², os quais estarão dispostos ao longo deste trabalho. O critério que se estabeleceu com a leitura dos textos foi o da repetição de expressões, da estrutura de texto e de assunto que já estavam na mídia.

Observando o nosso *corpus*, percebemos que algumas informações seriam necessárias para efetivarmos nossa postura na análise dos dados, foi assim que pensamos estabelecer uma divisão metodológica a fim de explicitarmos aos poucos a construção que propomos para a leitura dos textos humorísticos. Desse modo, este trabalho foi dividido em introdução e três capítulos.

Em relação à introdução, escolhemos começar transformando uma máxima popular afirmativa em interrogativa, com o intuito de já adiantar que este trabalho foi um questionamento também para nós, ao qual tentamos, se não responder, ao menos elucidar, algumas questões, ao longo da dissertação.

Ao iniciarmos um projeto de trabalho que objetiva o estudo do humor, focalizando mais diretamente o texto humorístico verbal escrito, publicado pelo jornal “Folha de S. Paulo”³, no Caderno “Folha Ilustrada”, e escrito por José Simão, algumas circunstâncias ordenavam-se em planos que podemos dizer complementares. Por isso decidimos principiar com “*Uma breve abordagem sobre o humor*”, nosso primeiro capítulo.

Assim, no primeiro dos três capítulos, fazemos uma breve abordagem sobre o humor, nele apresentamos um panorama sobre como o humor se fez presente e no que concerniu em diversos momentos históricos, o que ele significava para cada uma das épocas destacadas. Foi com a leitura das obras “*A cultura popular na Idade*

² Os textos encontram-se integralmente dispostos ao fim deste trabalho, nos “Anexos”.

³ A partir de agora poderá ser grafado como FSP.

Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais”, de Mikhail Bakhtin (1999), “*História do riso e do escárnio*”, do historiador Georges Minois (2003) e de outros autores que compusemos este panorama.

Além disso, no mesmo capítulo, buscamos delimitar como será entendido o “humor” neste trabalho e também as relações que ele estabelece com outra categoria – o cômico – e com outros termos familiares, pertencentes ao mesmo campo semântico. Fazemos uma exposição sobre alguns termos que remetem ao humor e, inclusive, algumas palavras do que se mapeia por ‘humor’, a fim de melhor situar os textos que analisamos em capítulo posterior. Com este capítulo, objetivamos contextualizar um pouco mais de perto nosso objeto de estudo e ao mesmo tempo esclarecer e pontuar alguns aspectos referentes a ele.

Com o intuito de melhor entender o objeto em questão – o humor –, nosso objetivo, no segundo capítulo, é o de penetrar no universo midiático: desde a sua elaboração até o resultado final – e aqui estamos pensando numa cadeia de produção, como numa fábrica, em outras palavras, pensando, ainda que não tão explicitamente, o jornal como um produto, como de fato o é, e como o discurso humorístico é elemento constituinte do “mundo globalizado”.

No segundo capítulo, focalizamos e ambientamos, se é que podemos dizer desse modo, os discursos midiático, jornalístico e humorístico, tentando aproximá-los e também distingui-los. No caso do texto jornalístico há como característica – ou deveria haver – o vínculo com a realidade, segundo aponta-nos Melo (1994). É neste sentido – de vincular-se à realidade – que o jornalismo integra-se ao texto de JS.

Porém, o texto de JS também faz parte do discurso midiático, se aqui o entendermos como sendo, grosso modo, aquele discurso que está sendo divulgado pela mídia. Contudo, ele não é em essência um texto jornalístico por não ter o objetivo de apresentar a notícia como ela é. Ao contrário, o autor da coluna retoma as informações contidas no noticiário dando a elas uma outra roupagem, que é a roupagem do humor. Não queremos dizer que as notícias veiculadas pelos meios de comunicação sejam isentas de opinião, mas sim que a informação noticiada por JS se distingue de uma notícia jornalística por apresentar-se com uma roupagem diferenciada.

Damos seqüência a um diálogo no qual discutimos um pouco mais sobre o texto humorístico, as relações estabelecidas entre o humor e o sistema mercadológico (lingüístico e não-lingüístico) e, ainda, entre a visão do humor que é ressaltada em trabalhos não pertencentes exatamente ao campo pertinente aos estudos lingüísticos.

Tentamos mostrar isso por meio do jogo criado pelo autor dos textos humorísticos, nosso *corpus* do jornal; um jogo no qual se o leitor não estiver inteirado sobre o que a própria mídia diz ser importante para se estar informado, corre o risco de não entender a piada e ser excluído do grupo⁴. E partindo disso apresentamos algumas estratégias e discorremos um pouco sobre as relações de poder que se estabelecem a partir desse movimento. Por isso intitulamos o segundo

⁴ A propósito, Clóvis de Barros Filho em artigo intitulado “Mundos possíveis e mundos agendados: um estudo do uso da mídia na sala de aula”, chama-nos a atenção a respeito dessa imposição da informação e de temas de discussão social pela mídia, a qual nomeia de *agenda setting*. Para melhores detalhes verificar: BARROS FILHO, Clóvis. Mundos possíveis e mundos agendados: um estudo do uso da mídia na sala de aula. In: Barzotto, V. e Ghilardi, M. I. (orgs.). *Mídia, educação e leitura*. São Paulo. Ed. Anhembi Morumbi e Associação de Leitura do Brasil. 1999.

capítulo como “*Discursos: mídia e humor em movimento*”, por acreditarmos haver transitoriedade e (in)fluência entre as duas instâncias, como num ciclo que a cada vez que se completa, renova-se.

No terceiro capítulo, partimos para o entendimento do texto humorístico e da relação que ele tem com a escrita. Também relacionamos o humor com o conceito de mercadoria, proposto por Rossi-Landi, tentando ligá-lo às relações de poder que foram tratadas no espaço do capítulo anterior.

Aqui mostramos esta relação a partir da escrita (contrapondo-a ao conceito de escritura apresentado por Baudrillard), acrescentando a “influência” da mídia, mais uma vez. Fazemos isso relacionando, agregando e direcionando os conceitos de modo a convergir e a discutir que o poder é perpetuado por meio da mídia, e mais especificamente, do humor.

Nesse terceiro capítulo ainda buscamos mostrar como o humor veiculado na mídia impressa é carregado de propósitos que não se restringem apenas ao ato de fazer rir. Pretendemos discorrer um pouco sobre como o humor é caracterizado por membros da sociedade e pela própria mídia. Buscamos averiguar quais são as impressões que o público leitor e os membros representantes da mídia têm sobre o humor, inclusive sobre qual a importância dele. Supomos que as respostas serão muito semelhantes, cairão de alguma maneira no senso-comum, e acreditamos que isso seja relevante para ser apresentado.

No item subsequente, último item do terceiro capítulo, pretendemos apresentar uma outra face do humor, que acreditamos estar mais desvinculada das relações de comando e, por isso, estar mais próxima do que intitulamos ser a face

positiva do humor, por oferecer uma possibilidade de leitura menos controladora – e controlada – de humor.

Nesta pesquisa, a análise propriamente dita do *corpus* se faz presente no decorrer das páginas, ao longo do trabalho, desde o início da discussão proposta até as últimas linhas, procurando sinalizar os elementos encontrados até então, buscando compreender o funcionamento textual no que tange os aspectos lingüísticos e discursivos. O texto humorístico desencadeia a uma discussão que procura entender o movimento discursivo e, portanto, social do humor. Assim, focamos os elementos que são constituintes a ele. Por exemplo, quando analisarmos “a repetição” no texto do JS, queremos mostrar o que ela é, que lugar social e lingüístico ela ocupa no texto, a que ou a quem está direcionada, e assim por diante, para cada tipo de análise, ou seja, como cada uma delas reflete um ou outro humor, e qual a importância disso.

Dessa forma, então, voltamos à nossa interrogativa inicial: “rir é o melhor remédio?”.

Adentrando no universo da cultura brasileira, vemos que esta frase – e/ou suas variantes (como “melhor rir para não chorar”, por exemplo) – será comumente pronunciada em momentos em que a seriedade (e aqui entendemos isso por sendo algo não suscetível ao desvínculo com a cultura) de um determinado tema – geralmente constrangedor para aquela determinada sociedade – não poderá ser negociada e assim o riso aparece para abrandar a situação. Imaginemos a hipotética situação em que duas pessoas conversam sobre política e em certo momento uma delas pronuncia que no Planalto Central só tem ladrão. O outro interlocutor, estando

inserido conforme as regras desígnias da cultura, soltará em bom tom algo do gênero “é, o jeito é rir, para não chorar”. E o primeiro, também estando inserido no processo de “culturização” (que aqui entendemos como o processo de inserção do indivíduo em uma determinada cultura, como a brasileira, por exemplo), certamente irá concordar. Ou seja, se pensarmos em mais outros momentos semelhantes, vemos que o humor para esses casos surge como modo de escapar de uma responsabilidade, é um momento de fuga sem a necessidade de oferecer uma possibilidade de reflexão ativa (a isso entendemos como modo de refletir objetivando uma ação).

Ao longo do trabalho fazemos uso de algumas teorias tais como a já mencionada Análise do Discurso e mais especificamente de autores como Althusser, Pêcheux, Ducrot, e Ricoeur. De cada um desses autores, pudemos resgatar algumas considerações que nos foram bastante perspicazes no momento da elaboração deste trabalho.

Também utilizamos de forma bastante significativa Rossi-Landi, Certeau e Chauí, o que não filia nosso trabalho de forma direta somente a AD, mas faz uma congruência de diferentes teorias as quais, não sendo incompatíveis entre si, podem conviver em uma análise, fornecendo suporte para interpretação e para refletir sobre o objeto de pesquisa.

Começamos pensando que a Lingüística, dentre as disciplinas das Ciências Humanas, incorporou procedimentos de abordagem para a análise e descrição de seu objeto: a linguagem. Constitui-se a Lingüística por um conjunto de postulados e pressupostos teóricos com a função analítica de seu objeto de estudo. Estudá-la, requer conhecer a complexidade humana e compreender o mundo à sua volta.

Passa-se então a dizer que a linguagem é um simulacro de sua realidade, que se expressa por meio de discursos; estes, então, são um todo de significação. É a partir desse viés que nos propomos a estudar o humor, entendido como discurso. Então, entendemos o texto como um objeto em constante construção.

Partimos da premissa de que a construção é constante na fundamentação e produção do sentido, havendo, incessantemente, uma reconstrução: ora por quem o produz, ora por quem o apreende.

Ao teorizar o discurso como objeto de estudo, Pêcheux (1999), afirma a necessidade de se acionar elementos não estritamente lingüísticos como sujeito, cultura, história, ideologia, além da própria língua. O que lhe instiga é a marca deixada por esse sujeito e sua intervenção na linguagem. Com os pressupostos teóricos da Análise do Discurso, examinamos não o que os textos significam, mas como funcionam as chaves que transitam e resultam no/do humor.

Apresenta-se, assim, o texto humorístico como uma alavanca para o discurso que está inserido em um determinado momento – histórico, cultural, político, social. Dessa maneira, o humor produzido por JS, presentificado nos textos humorísticos, se faz obrigatoriamente subjacente a uma receita textual, a uma tipologia; porém, o efeito do riso dependerá, do efeito de sentido produzido no leitor perante os recursos lingüísticos e discursivos da linguagem utilizada.

Com esse enfoque, tomamos além do texto propriamente dito, o que está a sua volta: o momento histórico-político-social, o sujeito e sua cultura, a linha de raciocínio acerca do processo de produção. E sendo o interlocutor um sujeito contextualizado nesse processo histórico-político-social, percebe-se sua volubilidade ao transitar de um contexto a outro, visto ser a linguagem um produto

social, e o sujeito, ser integrante, tornando-o alguém que interage com os (inter)discursos a que é submetido.

CAPÍTULO I

1. Uma breve abordagem sobre o humor

Ao iniciarmos esta pesquisa, verificamos que seria necessário conhecer um pouco sobre o desenvolvimento do humor nas sociedades ocidentais, para isso e por tal motivo, elaboramos uma breve abordagem sobre o tema, a fim de nos ambientarmos com o assunto.

1.1. A manifestação do humor nos séculos

Desde os tempos primeiros o humor está presente, podendo-se dizer, talvez, que aparece a partir da primeira interação de linguagem humana. Apesar de não ser um trabalho sobre a “história do humor”, pensamos ser preciso, ainda que de modo generalizado e sucinto, estabelecer as ligações entre as sociedades humanas sob o foco das manifestações do humor em seu cotidiano. Para tanto, recorreremos, mais pontualmente neste capítulo, a alguns autores como Umberto Eco (1983), Mikhail Bakhtin (1999), José Camboim (1999), Henri Bergson (2001), George Minois (2003), dentre outros, a partir dos quais pudemos fazer apreciações e condensações

das idéias presentes em suas obras, podendo edificar um panorama que abrangesse as mais diversas épocas de manifestação do humor.

Optamos, primeiramente, por esclarecer que aqui trataremos do humor ocidental, por nossa origem cultural e social ser latina (não única, mas em maioria); desse modo, preferimos iniciar este capítulo com o humor dos gregos e romanos, perpassando pelo inglês, francês até os dias de nossa contemporaneidade. Assim, intentamos aqui fazer e perfazer os aspectos do humor nos momentos históricos com base nas suas diversas formas de apresentação.

As comédias gregas de Aristófanes, Plauto e Terêncio podem ser consideradas – e o são – como um dos precedentes mais antigos de humor, com seu escárnio pontual e deliberativo da política e da sociedade de Atenas do século V a.C. Entre os romanos, há a depuração da forma e a tendência ao jocoso, perdendo a força crítica, como é possível notar em Juvenal e Marcial. Em geral, as obras greco-latinas podem ser classificadas ora como burlescas ora como satíricas, como nos informam diversos autores, dentre eles o próprio historiador Georges Minois (2003).

Na Idade Média, ainda há a predominância de um humor herdeiro dos padrões da Antigüidade Clássica, do burlesco e da sátira, por um tempo, sendo visível não somente nos textos escritos como também nas festas de caráter popular; e depois, nas farsas originadas na França do século XII. A título de demonstração, podemos citar o “Festival dos bobos” (ou variações, como a “Festa dos Tolos”, a “Festa do Asno”, a “Festa dos Loucos”) que, segundo Bakhtin (1999), era uma manifestação da cultura popular, consentida pelo poder do rei (e pelo poder eclesiástico), a fim de diluir no sistema, mesmo que temporariamente, os rigores

daquela sociedade. Característica também dessas festas era o aparente desalinho em sua estruturação, queremos dizer que por trás da aparente desordem, havia uma organização, onde se realimentavam as relações hierárquicas tanto de cultura quanto de poder. Observemos o que diz o autor a respeito:

Os festejos do carnaval, com todas os atos e ritos cômicos que a ele se ligam, ocupavam um lugar muito importante na vida do homem medieval. Além dos carnavais propriamente ditos, que eram acompanhados de atos e procissões complicadas que enchiam as praças e as ruas durante dias inteiros, celebravam-se também a “festa dos tolos” (*festa stutorum*) e a “festa do asno”; [...] Nenhuma festa se realizava sem a intervenção dos elementos de uma organização cômica, como, por exemplo, a eleição de rainhas e reis “para rir” para o período da festividade. [...]. (Bakhtin, 1999, p. 4).

Já na Península Ibérica, em período correspondente, a manifestação do humor pode ser percebida nas cantigas de escárnio e de maldizer, nem sempre tão contundentes, mas de certa forma reveladoras, apresentam-se com um teor sarcástico na composição burlesca.

Passado algum tempo, no século XIV, percebe-se na manifestação do humor, que há indícios de certa gratuidade nos textos, algo semelhante ao imediatismo da sátira, além da própria ambigüidade. Com a Renascença, a paródia ganha força e tem como uma de suas características ser uma reflexão sobre as fraquezas humanas. Em algumas personagens, por exemplo, o elemento cômico é o

limite com o fantástico, ainda que os ideais de harmonia e classicismo não favoreçam o cultivo do humor na literatura dita erudita.

Em contrapartida ao século anterior, no século XVI é o humor popular que se expande pela Península Itálica, com as personagens da *commedia dell'arte*, considerada por alguns autores um capítulo à parte na trajetória do humor e, mais especificamente, da própria comédia.

A partir desse período também, o humor passa a integrar-se ao conto, à novela, ao romance, procurando disciplinar-se aos moldes do momento, assumindo o ar de sátira para desvelar os defeitos dos homens. Nesse período também passa a ser visto, pelo poder eclesiástico, como sinônimo de ofensiva político-religiosa do sério, algo que se estenderá até o século XVIII. Estabelecemos aqui uma ligação com textos que buscam retratar a percepção sobre o humor na Idade Média, caso em que se enquadra o livro *O nome da rosa*, de Umberto Eco (1983), como no trecho que destacamos:

Imitemos o exemplo do profeta que diz: ‘decidi, vigiarei o meu caminho para não pecar com a minha língua, coloquei uma mordaça na boca, emudeci em humilhação, abster-me de falar mesmo de coisas honestas’. E se nessa passagem o profeta nos ensina que às vezes, por amor ao silêncio, deveríamos nos abster até dos discursos lícitos, tanto mais devemos nos abster dos discursos ilícitos para evitar a pena desse pecado. [...] Mas as vulgaridades, asneiras e as palhaçadas nós as condenamos à reclusão perpétua, em qualquer lugar, e não permitimos que o discípulo

abra a boca para fazer discursos de tal feitio. (Eco, 1983, p. 98).

Podemos dizer que o auge do humor do século XVII está na França, com autores como Molière (e suas obras de retrato do pensamento humano) e Voltaire (com textos que apresentam algum aspecto satírico), no início do século XVIII. Naquele século, com o Barroco na Europa, o humor passou a ganhar uma visão menos otimista, firmando-se na espirituosidade, praticada, muitas vezes, para fazer sobressair o cômico, como salienta Camboim (1999).

O Iluminismo inerente à lógica do século XVIII acrescenta ao humor uma nova funcionalidade não só moral, como, inclusive, sócio-político, de ser combativa e racional, à luz do exercício de pensar dos filósofos, *o "espírito das Luzes não é mais favorável às festas burlescas, indecentes, de mau gosto, relíquias de uma época bárbara e grasseira, como as qualifica, em 1741, um fidalgo de Dijon [...]"* (Minois, 2003, p. 328). Concomitantemente, a partir do século XVIII, prelúdio do XIX, a estética vinculada ao Romantismo volta um pouco de sua atenção ao humor, seja na expressão verbal, seja na caricatura. Nesse período, o humor expressa-se também pelo grotesco (entendido aqui como aquilo que se distingue do Belo romântico, o que não pertence ao mundo do sublime, o disforme) – é percebido como uma das formas do cômico.

Nesse momento, o humor passa a receber mais uma acepção: a de nem sempre ser ligado ao engraçado, podendo associar-se ao incômodo, aproximando o estranho ao cômico, ou seja, a experiência do estranho podendo fazer rir. Bakhtin (1999) relata esse movimento em seu livro *A cultura popular na Idade Média e no*

Renascimento: o contexto de François Rabelais, onde se refere à cultura popular, suas festividades e o riso nas várias manifestações. De certa forma, o mesmo se confirma em *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, de Sigmund Freud (1977), de onde podemos deduzir o riso – e o humor – como expressão da angústia, sendo o humor uma economia com as das aflições sentidas.

Seguindo seu curso, o humor praticado no século XIX, pode ser qualificado como popular, no sentido de amplitude e extensão, isto é, passa a entrar nas casas, nas propriedades privadas, tornando-se um produto de massa. Esse movimento que se iniciava em resposta ao Iluminismo, funcionando – o humor – como arma de combate aos excessos racionais, talvez como rebeldia.

O humor moderno amplia suas fronteiras, indo além dos limites territoriais nacionais, firmando-se cada vez mais como elemento de manifestação da própria atividade humana.

Por outro lado, relacionado ao aspecto da gratuidade, já prenunciado no século XIV, no século XX, já adentrando o XXI, o humor fica a serviço de tudo e serve para todos. Não há uma exatidão em seu sentido: não há negação marcada, nem mensagem precisa, o humor se torna moda. Aquele riso das festividades que servia para unir, num determinado momento, com o objetivo de desviar a norma, é deixado de lado e assume o caráter laico, em sua essência.

O humor, até meados do século XX, não é mais aquele direcionado exclusivamente aos fins das festividades, nem somente critica os costumes e o comportamento, nas sociedades de cultura ocidental; volta-se também a retratar a vida política de uma sociedade, talvez, e inclusive, pelo fato de, a partir dos séculos anteriores, ter sofrido os mais diversos tipos de censura. Quando houve o

estabelecimento do espaço público – momento que se alicerça com a Revolução Francesa, segundo Minois (2003) – foi que se firmou a ligação entre o humor e a política, de maneira mais contundente, mas o que não o exclui como forma de poder controlador de sua sociedade. O autor diz que:

[...] Nos fatos, os estilos de cômico seguem a inevitável tendência de globalização: as séries cômicas são trocadas entre os países, e o “humor inglês” é um produto estrangeiro que corresponde à imagem que se gostaria de dar à Inglaterra. (Minois, 2003, p. 564).

E continua:

O humor e a ironia generalizam-se no século XX, mas um e outro são constatações de impotência, condutas que permitem ultrapassar o absurdo do mundo, do homem, da sociedade. Nesse sentido, esse século que ri de tudo pode ser aquele da morte do riso, de um certo riso. (Minois, 2003, p. 569).

Pelo que se verificou, o humor em nenhum momento histórico do mundo moderno ou contemporâneo foi reconhecido por aqueles de cada época, como objeto merecedor de ser estudado⁵, assim, sua manifestação ficou restrita a uma textualização secundária, isto é, autores e seus textos nos quais se percebia o componente humorístico, eram considerados de qualidade menor, eram tidos por

seus contemporâneos como não merecedores de pertencer à denominada literatura erudita, como salienta Minois (2003) em vários momentos de sua obra.

Chamamos a atenção ainda, pois, mais adiante, notaremos que há em consolidação uma inversão de “conceitos”, ou como aqui denominamos, uma “sacralização” pelo objeto, pode-se constatar que se houve um tempo em que o riso era visto como ameaça ao que é sério, a mudança de atitude frente ao humor consolidou a aceitação quase que incondicional, levando o leitor a uma submissão ao texto humorístico.

1.2. Sobre o humor

Aristóteles prenunciou seu interesse em estudar o humor e em sua *Arte Poética* já anunciava seus questionamentos. E o mesmo permanece: nas últimas décadas voltou-se atenção especial para com o humor e o riso. Isso se faz justificável com a presença massiva nos meios de comunicação – publicidade, jornais, rádio, televisão e, mais recentemente, *internet* – de quadros, programas, seções e campanhas publicitárias com tom humorístico.

Nosso intento neste trabalho é o de analisar o discurso humorístico, contudo, para tratarmos dele, faz-se necessário antes, discutirmos sobre o humor. Surge então uma pergunta: o que é humor?

⁵ Não entraremos, neste trabalho, no mérito do possível texto supostamente perdido de Aristóteles que trataria do humor, como bem narrou Eco, em seu livro “*O nome da rosa*”.

O humor, de imediato, toma para si uma característica interessante: a de ser multiforme, ambíguo e ambivalente. Seu caráter inquietante revela-se em uma dupla verdade, pode expressar alegria pura ou maldade, empatia ou não, tanto serve para afirmar como para seu oposto, negar. Ou melhor, nega, afirmando e afirma, negando, o que o descreve com propriedade como sendo um elemento da indeterminação; flutua entre as esferas do físico e psíquico, do individual e coletivo, do público e do privado, da negação e da afirmação.

A impressão que se tem quando se começa a pesquisar sobre o humor é a de que os gregos, romanos e outras sociedades antecessoras a nossa, riram como nós. Evidentemente, não se trata apenas da ação física, mas do conteúdo por trás dela, com as mesmas percepções, pelos mesmos motivos.

O que nos leva a questionar sobre a própria teoria e prática do humor. A primeira, sem receios, mostra-se muito mais perceptiva em suas mudanças, visto estar intrinsecamente ligada à opinião dominante da época daquela sociedade. Já a prática, apesar de presente, apresenta-se com menor grau de notabilidade em referência a mudanças.

Surge outro questionamento: exaltar ou condenar o humor? Talvez não se trate de classificar, mas de perceber o quanto o humor, como discurso, é resultante de processos históricos, sociais e culturais.

Georges Minois (2003) questiona a respeito, apresentando o humor como sendo um valor: *“O humor não é valor supremo que permite aceitar sem compreender, agir sem desconfiar, assumir tudo sem levar nada a sério?”*.

Concordamos em parte com o historiador. O humor elemento constituinte da história do Homem, e este da do humor. Condená-lo ou não, revela, sempre, a

mentalidade de um momento, de uma sociedade, além de sugerir o que esta ou aquela sociedade pensa sobre o mundo, sua visão geral. Portanto, estudar o humor é também estudar uma sociedade e o porquê do uso desse código para apresentar a realidade e sua história.

A imagem que se tem é a de que o humor não deve ser levado a sério. O que nos leva então a refletir sobre a relação sério–humor. Sob este ângulo, o sério e o humor – aqui caracterizado pelo riso – são elementos constituintes da realidade, coexistem e por vezes se mostram incompatíveis, até para a confirmação um do outro. A ambivalência do riso, assim como sua universalidade, admite a idéia de coexistir com o sério sem, contudo, submeter-se a ele, ao passo que dele também se utiliza. Por isso, talvez, a latência de sua complexidade seja notória no momento de sua revelação.

Partamos do pressuposto de que o humor – e seu intuito mais óbvio, o riso –, não tem uma forma única. Isso significa dizer que as mudanças fazem parte de sua constituição elementar. Bakhtin (1999) sinaliza essa característica no que se refere tanto à natureza e ao modo de ser produzido do humor, quanto às relações privadas, públicas e institucionais e sociais em pertinência ao humor.

Em outras palavras, o humor do século V não é o mesmo da Idade Média, assim como este não se iguala ao do Romantismo e, conseqüentemente, nenhum deles ao da nossa contemporaneidade. No entanto, isso não significa que não haja a presença de elementos deles no humor contemporâneo, já que ele não pode ser compreendido como um fenômeno homogêneo. O fato disso ocorrer se deve à idéia de que o humor muda de uma época para outra, assim como entre as culturas e sociedades.

Em nossa cultura, ocidental e voltada ao Cristianismo, o sério está associado à sabedoria. Todavia, nosso objeto de estudo, também é sério e faz dessa característica, com suas construções e edificações, seu cerne, não para o atingir como forma de supremacia, mas para deles alimentar, sustentar, o que lhe atribui grande profundidade.

Bakhtin (1999) ressalta, por exemplo, que o humor seria, se assim podemos dizer, uma forma mais pura e completa do riso; seria então o humor (assim como o sarcasmo, a ironia, a paródia, a burla) uma das “*formas reduzidas do riso*”, ou seja, uma maneira de se incitar o riso. Não é exatamente este nosso posicionamento. Acreditamos, sim, que o riso se faz por meio do humor e de outras formas de expressão análogas, entretanto, não são elas meras formas reduzidas, se quisermos utilizar os termos de Bakhtin (1999), a serviço exclusivo do riso, pois têm seu próprio valor e constituem-se singularmente.

Para demonstrar nosso entendimento, elaboramos o seguinte quadro esquemático:

Neste esquema, buscamos demonstrar como seria um esquema de funcionamento, de maneira hierárquica, tendo o riso como o ápice dos elementos envolvidos. Percebe-se com nitidez que o humor que aqui propomos não é homogêneo, pelo contrário, é pela manutenção e sustentação do componente híbrido que ele se constitui, ou seja, são diversos componentes que entrelaçados tornam o

texto “humorístico”. Por sua vez, tais características não são exclusivas do texto humorístico, podendo em outro momento ser elemento do cômico.

No esquema mostrado, como percebemos, o riso é o fator encadeante, ou ainda, o produto resultante de dois processos que apresentamos no esquema 1: o cômico e o humor. Assim, se de um lado temos o cômico e as diversas instâncias que o constituem, como o sarcasmo, a ironia, a paródia, a sátira, dentre outros; por outro lado, temos estes mesmos elementos atuando como “componentes do humor”. Além deles, temos também os “tipos de humor”, relacionando-se aos “componentes do humor”, caracterizando com a união deles o “humor” e, dessa maneira, ao próprio riso.

Ainda faz-se necessário um esclarecimento em relação aos desdobramentos que provêm do humor e que no quadro denominamos como “componentes do humor” e “tipos de humor”.

No que concerne aos “componentes do humor”, podemos caracterizá-lo como sendo os elementos tanto semânticos quanto lingüísticos que sustentam e tornam o texto com características humorísticas. Vemos no quadro que intrinsecamente ligados a eles estão a ironia, o sarcasmo, a paródia, a sátira, há também outros como o jocoso, o chiste, a burla, a zombaria e muitos mais. Os “componentes do humor” são, geralmente, os elementos que se destacam na centralidade do texto, exaltando a condição humorística do texto, ou seja, de onde se pode depreender o sentido humorístico.

Para este trabalho entendemos o segundo, os “tipos de humor”, como sendo a manifestação acerca do assunto, por exemplo, nos textos de JS há grande incidência de assuntos e temas relacionados à política, à sociedade, aos esportes. Se

quisermos exemplificar, podemos utilizar a forma da piada, que podem ser classificadas quanto aos “tipos de humor” em:

- 1) sócio-cultural: quando o aspecto predominante são as questões que interessam de modo particular àquela sociedade (brasileira especificamente, no caso dos textos de JS), abrangendo os símbolos e as manifestações deles na sociedade ou o que se pensa de um grupo específico;
- 2) político: quando o tema em supremacia é a situação política, é o caso, por exemplo, de piadas sobre políticos – deputados, senadores, presidente da República;
- 3) de costumes: se o que estiver em temática forem as regras sociais que implicam numa certa obrigatoriedade dentro da cultura, por exemplo, as piadas de cunho religioso, que apresentam a mesma faceta de uma determinada religião;
- 4) híbrido: geralmente, os textos de humor, e em especial, as piadas, apresentam variadas facetas, podendo ser classificadas por igual em dois ou mais “tipos de humor”.

1.3. O humor e os termos relacionados a ele

Definir o humor não é uma tarefa simples, nem o pretendemos, mas queremos mostrar um esboço de seu significado sem, contudo, delimitá-lo – algo que nos parece bastante complexo.

Antes de nos atermos a esse ponto, lembremos que o termo *humor* oriundo do latim vem como significado de “líquido”, remetendo-se aos líquidos do corpo como influenciadores do estado de espírito, pois acreditava-se na influência desses fluídos corpóreos sobre o caráter e o estado de ânimo dos indivíduos, é o que podemos verificar ao pesquisar tal termo em dicionários e em enciclopédias. Com o constante uso, passou a ser também sinônimo de “gênio”, “temperamento”.

É do/no *humour* inglês (depois de sofrido um período de evolução semântica) que se tem o sentido de “disposição para ver as coisas”, explicada pelo Oxford English Dictionary como sendo “*a faculdade de perceber o que é ridículo ou divertido, ou de expressá-lo através da conversação, da escrita ou qualquer composição; a imaginação ou abordagem jocosa de um assunto*”.

No mesmo dicionário há ainda a diferenciação de *humour* e *wit*, neste, há a qualidade de ser “puramente intelectual”, e naquele há uma qualidade de simpatia que o liga ao *páthos*, à emoção, que segundo Bergson (2001), em *O Riso...*, é o que o diferencia das demais formas do cômico. Seria o humor, nas palavras do autor:

A mais generalizada destas oposições é certamente a do real ao ideal, do que é ao que devia ser.

Também aqui a transposição se pode fazer nas duas direções inversas. Uma vez falar-se-á naquilo que devia ser, fingindo que se acredita que é precisamente o que é: nisto consiste a *ironia*; outras vezes, pelo contrário, descreve-se minuciosamente e meticulosamente o que é, fingindo acreditar que é isto que as coisas deviam ser: é este, a maior parte das vezes, o processo do *humor*. O humor, assim definido, é o inverso da ironia. [...] a ironia é de natureza oratória ao passo que o humor tem qualquer coisa de mais científico. (Bergson, 2001, p.92).

Visto por este viés, seria então o humor a expressão mais profunda do cômico por se relacionar ao que o homem pensa de si mesmo.

Outro modo de circunscrever uma definição é pelo que ela não é, ou seja, pela negação. O *wit* é registrado ainda como semelhante à agudeza do espírito, próprio do *esprit* francês; ambos se relacionam semanticamente por serem expressões da inteligência pura. O humor, propriamente dito, aqui entendemos como sendo também expressão das emoções dos indivíduos, embora não se mostre sempre aparente.

O humor nem sempre apresentou a mesma acepção, como é notório, tendo aos poucos incorporado a concepção de ser uma “maneira excêntrica de ver as coisas”. Somente nos fins do século XVIII, início do XIX, é que temos a consolidação do seu significado atual: uma das formas do cômico (Camboim, 1999).

Visto assim, podemos presumir que sua essência está vinculada à idéia do homem comparar o irracional, o inatingível ao infinito da idéia. Isto é, o homem se identifica com o objeto de riso e depois com a própria condição humana; vê, no *páthos*, o riso; ao mesmo tempo em que reflete sobre, se emociona – entendido como fruto filosófico.

Freud (1977), em *Os chistes e sua relação com o inconsciente* não confirma essa posição, pois não afirma haver empatia entre o sujeito com o objeto alvo da circunstância de humor, mas sim como uma atitude para se defender da possibilidade de sofrimento, afirmando que a função do humor não é só de provocar o riso, mas de revelar os lados não tão visíveis da realidade. A partir dessa teorização, o humor, no século XX, tornou-se alvo de conceituação ambígua e, concomitantemente, adquiriu amplitude na extensão de significado. Cabe-nos lembrar, entretanto, que Freud (1977) assim como Bergson (2001), não se referem a produção do humor feita por profissionais.

Passando a tratar dessa extensão de significados, adentramos naquele esquema proposto anteriormente⁶. Para nós, não há um “humor puro”, se assim podemos dizer, o que acreditamos é na heterogeneidade das formas cômicas, ou seja, acreditamos que exista humor do tipo sarcástico, do tipo satírico, irônico, paródico, jocoso, que originam expressões nas mais diversas formas específicas do próprio humor, como a chacota, a piada, o ridículo, a anedota, a caricatura, isto é, a hibridização prevalece na sua constituição.

Outra informação relevante se baseia no fato de que o humor faz parte de uma família semântica abrangente. Por exemplo, se perguntarmos a alguma pessoa

o que usaria para expressar o humor, muitas poderiam ser as respostas, tais como: piada, anedota, paródia, chacota, sátira, picaresco, burlesco, caricatura, ridículo (algo), divertido (algo), chiste. Passemos então a explicitar o que entendemos em uma dessas e outras formas.

Começaremos pela anedota. Entendemo-la como uma forma sucinta de relatar um acontecimento, onde o fato jocoso⁷ está presente. Pode ter como personagens pessoas conhecidas no âmbito da sociedade, ou ainda, ser uma figura típica de lendas e do folclore. Geralmente, caracteriza-se por ser um relato breve e com nuances de graça ou caçoadas, misturados com momentos curiosos.

Ainda podemos fazer um elo com a primeira expressão: jocoso. Palavra oriunda do latim e desde então significava “*que gosta de gracejar, folgazão, alegre*”⁸, classificada em Língua Portuguesa como adjetivo que tem por intuito fazer rir, ser engraçado ou cômico.

Percebemos que o verbete “graça” e o seu derivado “engraçado” aparecem logo nas duas primeiras formas. Nosso entendimento no que se refere a ele é o de ser um dito com elemento espirituoso, ser um gracejo, chiste. Assim define “graça” o *Dicionário Aurélio*⁹: [...]. 6. Dito ou ato espirituoso ou engraçado. [Sin.: gracejo¹⁰, graceta, caçoadas, chiste, pilhéria, troça e (no Brasil) gozação.].

⁶ Cf. Esquema 1.

⁷ As palavras sublinhadas representam o que chamamos aqui de “família semântica” do humor.

⁸ Etimologia latina anotada do “*Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*”. Houaiss, Antônio. 2001. 1ª edição. Editora Objetiva/ Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia.

⁹ Holanda Ferreira, Aurélio B. de. *Dicionário Aurélio Básico de Língua Portuguesa*. 1988. Editora Nova Fronteira.

_____. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1986. 2ª edição (revista e ampliada). 35ª impressão. Editora Nova Fronteira.

¹⁰ Grifos nossos.

Outra palavra comum ao universo humorístico é “caçoadá”. Esta tanto no Dicionário Houaiss quanto no Aurélio¹¹, recebe a denotação de fazer zombaria escarnecer, troçar, provocar o riso. O primeiro explicita de maneira mais longa seu sentido¹²:

Caçoadá: s.f.: o que é feito ou dito com intenção de provocar riso acerca de algo ou alguém determinado; pilhéria, troçar, zombaria. Caçoar: 1. V.t.d., t.i.int. Fazer caçoadá, galhofa, ou chacota de; provocar o riso ou hilaridade acerca de alguém ou algo determinado, com palavras ou atos espirituosos ou engraçados, que manifestam humor, ironia, malícia, desdém, etc; escarnecer, gracejar, troçar, zombar. 2. t.i. Fazer caçoadá por brincadeira ou para provocar; brincar, implicar. [...]

Pilhéria aparece como sinônimo de piada. Sendo que estes verbetes fazem alusão a outros termos já mencionados, tais como anedota, chiste, com o objetivo de causar o riso. Outra expressão muito utilizada é a chacota. Sucintamente, denota a idéia de fazer gracejo; porém, esta designação está relacionada à sua origem de festa popular, de caráter chistoso, do século XVI, com dança alegre e musicada por guitarras próprias.

Em todas, ou quase, aparece a palavra ‘divertido’. Este adjetivo traz consigo, assim como a maior parte das palavras relacionadas, sentido de alegria, recreação a fim de produzir o riso. O vocábulo “ridículo” caracteriza-se pelo ato de provocar, incitar o riso ou escárnio. Uma peculiaridade do escárnio é a presença do grotesco,

¹¹ Referimo-nos aos dicionários já citados nas notas anteriores.

por meio do exagero natural ou adquirido, em determinada circunstância. Bergson (2001) aponta para esta faculdade do cômico, quando discute sobre a rigidez e o vício:

[...] Aquilo que a rigidez duma idéia fixa é para o espírito não será o mesmo que aquilo que certos vícios representam para o caráter? Quer seja um defeito da natureza quer contraído pela vontade, o vício assemelha-se muitas vezes a uma deformação da alma. Sem dúvida que há vícios onde a alma profundamente se instala com tudo que ela comporta de poder fecundante e que arrasta, vivificados, num círculo movente de transfigurações. São os vícios trágicos. Mas o vício que nos há de tornar cômicos é sobretudo o que nos vem de fora, tal como um caixilho onde nos inseríssemos e nos impusesse a sua rigidez em lugar de se adaptar à nossa maleabilidade. (Bergson, 2001, p.24)

Seguindo a linha proposta pelo autor, notamos que o risível ocorrerá quando houver certa rigidez mecânica em substituição à flexibilidade que se espera no homem, seja provocada por elementos externos – de modo accidental, seja estrutural ou interior quando provém de uma mania ou vício, “*É cômica toda combinação de atos e de acontecimentos que nos dê, inseridas uma na outra, a ilusão de vida e a sensação nítida de arranjo mecânico*” (Bergson, 2001, p. 51).

¹² Os grifos que seguem na citação são nossos.

A espontaneidade é substituída pelo mecânico, visto ele estar ligado ao inconsciente¹³, os defeitos ridículos procuram não se mostrar, a sua revelação explica porque *ridendo castigat mores*¹⁴. Ou nas palavras do Bergson (2001):

[...] Ele faz com que procuremos imediatamente parecer o que deveríamos ser, o que nós, sem dúvida, acabaríamos um dia por ser verdadeiramente. (Ibid., p.26).

O ridículo faz rir por apresentar visivelmente a mecanicidade de acontecimentos humanos, mas preservando o aspecto verossímil, entrando em conflito com a maleabilidade da vida. O mesmo se aplica a uma cena verbal:

[...] Numa repetição cômica de palavras há geralmente dois termos em presentes: um sentimento comprimido que se estira como uma mola e uma idéia que se diverte a comprimir de novo o sentimento. (Bergson, 2001, p. 54).

A propósito do uso verbal, ainda salienta, resumidamente, naquilo que nomeia como sendo as três leis fundamentais do que chama “*transformação cômica das proposições*”:

[...] que uma frase se torna cômica quando consegue conservar ainda um sentido mesmo depois de se alterar ou quando exprime

¹³ Apesar de mencionar o inconsciente, Bergson não explica em qual sentido e/ou linha teórica está relacionando o termo; em outras palavras, não explica o que entende por tal.

indefinidamente dois sistemas de idéias completamente independentes, ou enfim, se se obteve transpondo uma idéia num tom que não é o seu. [...]. (Ibid., p.87).

Do ridículo passamos à ironia. Vejamos o que propõe o dicionário Aurélio:
“s.f. 1. *Modo de exprimir-se em que se diz o contrário do que se pensa ou sente.* 2. *Contraste fortuito que parece um escárnio.*”.

A partir dessa definição, podemos dizer que a ironia não está vinculada ao sentimento somente, mas até para isso se faz necessário o uso do *logos*¹⁴. Para nós isso é elemento essencial, visto ser o jogo de raciocínio o constituinte básico dessa forma. Outra característica sua é presenciável ao, de certa maneira, estar vinculada ao oposto do que é o próprio humor, como mostramos, mais uma vez, com Bergson (2001), que assim a define:

Acentua-se a ironia deixando-nos arrebatado cada vez mais pela idéia do bem que deveria reinar, razão pela qual se pode elevar interiormente a temperatura da ironia até se transformar, de certa maneira, em eloquência sob pressão. (Bergson, 2001, p. 92).

Notemos que ao falar de ironia, pensamos principalmente no seu aspecto engraçado, contudo, nem sempre é o riso, digamos, “inocente”, que a caracteriza. Por trás dessa aparência há um outro elemento que a constitui: a maldade ou o

¹⁴ Comumente traduzido por ‘Rindo se castigam os costumes’.

¹⁵ Entendido aqui em sua acepção mais usual, como “raciocínio”, “pensamento”.

sentido maldoso. Este, compreendemos como sendo, por exemplo, a formulação de piadas que se utilizam de adjetivos de caráter negativo ou que buscam depreciar a imagem de uma pessoa. Nesse sentido, podemos observar que JS faz uso dessa característica em vários de seus textos, como por exemplo do texto que segue:

*E o novo PFL? O DEM? Deixa Eu
Mandar, Deixa eu Mamar e agora um
novo significado: Desespero em
Marcha. Rarará. É mole? É mole, mas
sobe!*

Data: 31 de março de 2007.

No exemplo acima, podemos verificar que nas expressões que seguem a denominação dada por JS a “DEM” são utilizadas palavras que carregam consigo, individualmente ou em conjunto, uma carga semântica negativa, designando um sentido pejorativo à sigla, que, pelo contexto, não se limita à sigla, transcende-a elevando essa característica aos seus partidários políticos.

É contrapondo a ironia e o humor que o autor mostra-nos mais precisamente suas diferenças e congruências, ao mesmo tempo em que complementa sua anterior definição sobre o humor e acrescenta sua visão sobre o humorista:

Acentua-se o humor, pelo contrário, descendo cada vez mais ao interior do mal real, para notar as suas particularidades com uma mais fria indiferença.

[...] o humor se dá bem com os termos concretos, com os pormenores técnicos, com os fatos precisos. Sendo exata a nossa análise temos de reconhecer que isto não é somente um traço adicional do humor, mas a sua própria essência, um traço em que inteiramente se contém. Desta maneira o humorista é um moralista disfarçado de sábio, qualquer coisa como um anatomista que só fizesse dissecações para nos aborrecer; e o humor, no estrito sentido em que tomamos a palavra, não é mais que uma transposição do moral para o científico. (Bergson, 2001, p.92).

Uma versão, digamos, mais mordaz é o sarcasmo, que etimologicamente vem do grego ‘*sarkasmós*’, que traduzido para o português toma o significado de “riso amargo”.

Isso leva-nos ao termo, por vezes citado, escárnio. Ao falar dele, a primeira imagem que nos vem são as das “cantigas”. Popularizadas nos livros didáticos, nas aulas de literatura portuguesa, firmaram-se como elementos primordiais nos estudos de uma época, de uma determinada cultura e sociedade. Sempre foram descritas como portadoras de grande zombaria. E é nesse sentido que entendemos o escárnio como componente humorístico.

Por sua vez, a “zombaria” não se diferenciara muito do que até então foi exposto. Talvez venha a inferir sobre algum tipo de chacota, ou ainda algum tipo de manifestação debochada, com o intuito de “fazer graça” expondo seu alvo ao

ridículo ou semelhante, como propõe o Dicionário Aurélio¹⁶: “s.f. *Manifestação malévola, irônica ou maliciosa, por meio do riso, de palavras, atitudes ou gestos, com que se procura levar ao ridículo ou expor ao desdém ou menosprezo uma pessoa, instituição, coisa, etc, e até os sentimentos*”.

Não menos importante e constante é a presença da sátira no humor. A esta podemos lembrar a partir de sua origem latina (na literatura, de ser uma forma livre de composição poética) por objetivar a censura de costumes e da própria contemporaneidade – em seus vícios e defeitos – com estilo oscilante entre o irônico e o mordaz, num discurso¹⁷ crítico, incisivo, não se modificando em muito seu sentido até os dias atuais, talvez um pouco mais ameno e menos contundente.

Independentemente do vocábulo usado percebemos que há muito em comum entre os termos expostos. Por vezes, aparentemente, simplesmente se excluem. O que para nós também se apresenta de grande importância é lembrar que acreditamos, nesse momento, não haver um, digamos, humor puro (talvez não nos nossos dias, por motivos que mais adiante pretendemos mostrar), assim como uma forma pura. Ao contrário, acreditamos na possibilidade de uma incorporação de elementos diversos entre eles, seja na estrutura, seja na forma, seja no conteúdo, compondo um humor heterogêneo, híbrido em essência, como dissemos em momento anterior¹⁸.

O humor seria, aceitando isso, um patamar “conciliador” e, hierarquicamente, superior às outras formas cômicas, com suas características

¹⁶ Holanda Ferreira, Aurélio B. de. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 1986.2ª edição (revista e ampliada). 35ª impressão. Editora Nova Fronteira.

¹⁷ No sentido de exposição escrita, peça oratória.

¹⁸ Cf. item 1.2 e 1.3 deste trabalho.

peculiares e a singularidade de formação, sem, contudo, apresentar-se de algum modo relacionado aos termos expostos. Ao que nos parece, tudo vem a fazer parte de um conjunto mais abrangente: o do cômico, sobre o qual passamos a explicar.

1.4. Sobre o cômico

A amplidão semântica acompanha o humor e todo o campo semântico a ele agregado, por assim dizer, não sendo exclusiva de apenas um ou outro, mas todos aqui serão entendidos primeiramente e a partir, da significação de humor-graça.

Tratemos de investigar seu conglomerado: o cômico.

O cômico se instaura no elemento exterior, ou seja, ele é acidental e isso lhe proporciona ser uma característica para o riso, que se apresentará:

[...] quando um determinado efeito cômico deriva duma certa causa, o efeito parece-nos mais cômico quanto mais natural considerarmos a causa [...].
(Bergson, 2001, p. 23).

O que implica dizer que será mais risível aquilo que tivermos contato com sua origem e/ou que seja passível de arquitetar sua história. Neste sentido é que o vício surge como elemento cômico. Disso resulta, como característica formal, o fato de comédias serem intituladas com nomes comuns – adjetivos ou substantivos –, por exemplo, *O Avaro*, de Molière.

Em outras palavras, no cômico procuramos parecer algo que deveríamos ser, é por esta direção que o riso “castiga os costumes”. Ou ainda: esta rigidez de estrutura é o cômico e o riso aparece como sendo seu castigo, como nos afirma Bergson (2001).

O efeito cômico está relacionado ao próprio individual e sua rigidez, ou ainda, a falta de flexibilidade. E isto estará sempre notado a partir do outro, pois um terceiro será a referência para se evidenciar o vício (cômico). É como se se criasse uma máscara usada para o disfarce do indivíduo e da sua sociedade. Segundo Bergson (2001), é por vivermos em sociedade que quando se mostra mascarada, a situação se torna risível, em outras palavras, significa dizer que será nos moldes e nas fórmulas construídas que o cômico se inserirá.

Se o cômico está no indivíduo e, conseqüentemente, na sociedade, será então deles que retirará seus escopos. Por isso são elementos cômicos as profissões, os próprios vícios (exageros de caráter, por exemplo, uma pessoa excessivamente metódica, será um alvo fácil para cômico), as deformidades físicas, morais ou intelectuais, as repetições (de ação, de palavras), as desproporções.

Aqui cabe mostrar alguns aspectos concernentes à repetição no humor, assim, quando a analisamos podemos perceber em sua manifestação elementos que tornam o humor ligado (ou com características similares) ao cômico, ao mesmo tempo em que se possibilita a sua distinção.

Assim, em relação à repetição, primeiramente observamos a rigidez de estrutura. Faz-se preciso dizer que por razões de ‘modernização’ do jornal FSP, houve mudanças em todo o diário e, no Caderno Ilustrada, a coluna de JS que antes se apresentava com três colunas e cerca de 40 linhas com espaçamento de caracteres

largo, após a remodelação, passou a ter quatro colunas e cerca de 70 linhas com espaçamento de caracteres bem mais estreitos.

Os seus textos sempre se iniciam com uma espécie de introdução pessoal e breve contextualização espacial, se assim podemos dizer. Nos textos que pesquisamos, sempre inicia-os com *“Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta!”*.

Chama atenção o autor se nomear de ‘Macaco Simão’, pois permite pensar que é a personagem que atua no lugar do cidadão e colunista. Antes disso, há ainda a exclamação “Buemba!”, como um alerta ao leitor para o que vem depois: “vejam o furo de reportagem que eu vou mostrar para vocês”. A escolha pela língua espanhola também é motivo de reflexão. Segundo o autor, em entrevista mencionada, a escolha se deu por representar bem o espírito dramático dos brasileiros.

Do mesmo modo que um texto escolar, o colunista, já no início de seu texto, anuncia como tratará o tema e assuntos a serem desenvolvidos. Para isso, cristalizou uma chamada: “O esculhambador-geral da República! Direto do País da piada Pronta!”. Note-se que esta frase já impõe ao leitor uma certa visão para a leitura do restante do texto. É como se por trás dela estivesse implícito um comando para que os leitores “lessem exatamente nesse tom”. E qual seria esse tom? Um tom que denota (e visto por outro lado, conota) muitas das faces do humor. Lembra-nos também a abertura dos noticiários televisivos.

Por ele também percebemos que o autor se põe numa posição de autoridade que detém conhecimento suficiente para analisar a sociedade em que vive e fazer conclusões que melhor lhe forem úteis. Ao mesmo tempo impõe uma dinâmica de

leitura, de conhecimentos e de raciocínio, construído a partir de um código cultural, social e histórico daquela determinada sociedade.

Podemos dizer ainda que a forma também influencia na constituição do sentido, neste caso, por meio da repetição de um mesmo modelo para leitura que se faz presente, por exemplo, com a intensificação no uso de certos recursos lingüísticos. Quanto a isso, Barzotto (1998) diz que:

[...] no ato de leitura, pode decorrer encadeamento de sentidos que extrapolam os limites de um único texto, e vão contribuindo para a constituição do discurso e de uma mentalidade. [...] (1998, p. 128).
[...] porque é através da legitimação e do uso desses recursos que se pode forjar uma mentalidade, na medida em que se procura formar e selecionar um tipo de leitor específico. (1998, p. 129).

À semelhança do humor, no cômico a repetição é elemento bastante presente nas duas formas de expressão, ainda que cada uma utilize-a de maneira distinta. A repetição quando aparece na estrutura do cômico, ou seja, quando está ligada ao indivíduo (ou às profissões, aos exageros, aos vícios), ela emerge e tonaliza o texto. Assim, como resultado desse cômico baseado na repetição do indivíduo, eclode o riso, que por sua vez, exprime um significado de alcance social. Apresenta-se, num primeiro momento, sobretudo, como um meio de correção e, tendo esta característica, nem sempre será repleto de bondade. Ao contrário, ele não poderá se mostrar incondicionalmente justo, pois muitas vezes intimidará, humilhando, sobressaltando quem dele é objeto por uma visão penosa, desmerecida. Faz isso até

tornar o riso de quem ri algo consciente e assim punitivo. Aqui resgatamos mais uma vez a proposta feita por Bergson (2001), em *O Riso...*

Contudo, não é somente esta a função do riso. Muitas vezes, ele apresenta-se realmente como elemento punitivo. Outras, não menos importantes, circunscrevem-se num contexto diferenciado, podendo receber características diversas, opções múltiplas, formulações diferentes, de acordo com o contexto sócio-político e cultural de uma determinada sociedade. Este aspecto, que acreditamos ser de suma importância, pretendemos explorar mais cuidadosamente, sem contudo, deixar de tocar em outros já mencionados.

Tocamos novamente nesse assunto pois nos parece que o humor funcionará como elemento de sedução para a persuasão com relação a uma intencionalidade imbricada no enunciado. Torna-se secundário por estar a serviço de uma pauta prévia, seja ela uma crítica política, seja uma informação sobre um assunto considerado ser importante ler, trata-se, portanto, de estratégia para controle da perlocução.

Podemos dizer que a função ideológica se sobrepõe a do inconsciente. Para discorrer sobre o apelo ao humor como estratégia de persuasão apoiamo-nos em Zizek (2003). O autor, ao tratar do inconsciente afirma-nos que ele está articulado no desejo que, por sua vez, liga-se ao Outro. Assim, outorgamos ao Outro o direito de abastecer-nos, cabe a ele suprir uma necessidade insuperável, de certa forma, deixamos que o Outro viva por nós e em nós, e basta-nos isso para sentirmo-nos saciados. É como o Coro das peças de tragédia da Antigüidade Clássica:

O Coro vivencia o terror e a piedade em nosso lugar, de nós, espectadores – podemos observar o espetáculo com um olhar fatigado e sonolento, preocupados com nossos interesses cotidianos; por intermédio do Coro, teremos mesmo assim experimentado “objetivamente” as emoções apropriadas. [...] E para refutarmos a idéia de estarmos aqui diante de fenômenos próprios das chamadas “etapas primitivas de desenvolvimento social”, basta lembrar algumas transmissões da televisão norte-americana e inglesa em que o riso “artificial” faz parte da trilha sonora: depois das *gags* ou de tiradas supostamente picantes, há uma gargalhada ou aplausos – aí está, sem dúvida, o equivalente atual do Coro antigo, aí está a “antigüidade viva”. [...]. (Zizek, 2003, p. 145).

Continua o autor seu raciocínio acerca do lugar do riso nesse questionamento:

[...] Para que serve esse riso? A primeira resposta (ele nos lembra que devemos rir, incita-nos a fazê-lo), embora apresente o interessante paradoxo de colocar o riso como uma questão de dever, não basta – a única resposta que convém é que o *outro ri em nosso lugar*, isso comporta o pressuposto, é claro, de que nosso lugar, o lugar de “nós mesmos”, já é de antemão o lugar desse Outro – caso contrário –, como explicar a eficácia dessa substituição. Desse modo, divertimo-nos muito “objetivamente”, mesmo que, na realidade, mudos

e exaustos, tenhamos-nos contentado em fitar a tela.
(Ibid., p. 146).

A adesão a esse riso que chamamos de onipotente, relaciona-se, muito nitidamente, à questão ideológica, posto que ela é a via de entrada na cultura e sendo assim, estará o riso ao lado do poder, mascarando o vazio, parcializando o olhar nas relações sociais. Nas palavras de Žižek (2003):

[...] A ideologia reinante nesse sistema se exerce justamente pelo fato de não ser “levada a sério” por ninguém [...], e a distância irônico-cínica é um componente *sine qua non* de seu funcionamento – o famoso “riso libertador” carnavalesco está inteiramente do lado do poder. (Žižek, 2003, p. 146).

Tendo-se em vista isso, para nós, o essencial não é o “fazer rir”, mas as chaves lingüísticas e discursivas do elemento cômico. A pergunta que faz Possenti¹⁹ é semelhante a que fazemos: “*qual é a característica textual, verbal*” do humor? O autor apresenta seus argumentos em favor de tal posicionamento:

Um olhar sobre os dados humorísticos mostra que são extremamente interessantes enquanto dados lingüísticos, qualquer que seja a teoria adotada, e o efeito de humor é secundário desse ponto de vista, sendo apenas uma forma auxiliar de validar o dado

¹⁹ Possenti, Sírio. Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas. 1998. Campinas, SP. Mercado de Letras.

enquanto dado – por exemplo, como teste para saber se o texto está em língua corrente, se determinada estrutura é ambígua ou unívoca, se o falante domina a regra relevante para o caso etc. neste sentido, o efeito de humor deve ser considerado como não especificamente lingüístico, sendo a língua apenas (apenas?) um meio entre outros para provocar esse efeito de sentido. Para um lingüista, seja esse meio mais ou menos relevante, é evidentemente o que mais interessa. (Possenti, 1998, p. 23).

Adentramos assim num outro modo de percepção e investigação sobre o humor: a especificidade de seu texto passiva de análise pela perspectiva lingüística. Nosso interesse se faz presente visto que, por meio deste tipo de texto – o humorístico –, um mundo de informações se torna disponível ao leitor e ainda, que é por tal linguagem que se estabelece a comunicabilidade, através da construção de um simulacro, por meio de um discurso próprio.

Interessa saber como o discurso humorístico funciona e é organizado, conhecer mais profundamente sua estrutura particular e seus mecanismos, assemelhando isso à pergunta de Possenti (1998) no que se refere à caracterização e constituição textual presentes no humor, visto que este tipo de texto – o humorístico – caracteriza-se como um universo discursivo. Como um objeto de investigação da Lingüística, ele é significativo para a compreensão do meio social, cultural e político, sua visão de mundo e a ideologia inerente em sua cultura, por meio de análises de estruturas específicas, das suas relações de enunciação e enunciado.

Acreditamos também que aproximando a perspectiva de análise lingüística dos textos humorísticos àquela que considera a hipótese do inconsciente, a do desejo vinculado ao Outro, podemos cumprir nosso objetivo de analisar tais textos de modo a desviar do difundido caráter subversivo do humor.

Posto isso, a partir desse movimento de apreciação e consideração sobre o contexto em que se inserem as vozes que fazem rir, passamos a discutir um pouco as teorias sobre o discurso e sobre o humor.

CAPÍTULO II

2. Discursos: mídia e humor em movimento

Neste capítulo, discutiremos sobre o movimento discursivo que faz a interação entre a mídia e o humor, entre texto midiático e texto humorístico, mais pontualmente. Analisaremos como os dois tipos de discursos se assemelham e procuraremos entender como são as estruturas que asseguram sua funcionalidade em se atingir o humor e, conseqüentemente, o riso.

2.1. Discurso midiático: analisando o texto humorístico no jornal impresso

Para os fins a que se destina este estudo, mais especificamente a partir deste capítulo, buscaremos pontuar e analisar alguns recursos e elementos constitutivos do discurso midiático, enfocando como o texto humorístico aparece no diário e sua relação com outros tipos de textos que formam o jornal impresso que estamos estudando.

Acreditamos ser necessária uma maior distinção entre os discursos midiático e humorístico em que se inserem os dados deste estudo. Assim, permitimo-nos destacar algumas das características inerentes nesses discursos – midiático (de um

modo geral), jornalístico e humorístico – que se evidenciam na constituição do texto de José Simão.

Melo (1994) afirma que o texto jornalístico se vincula (ou deveria se vincular) à realidade, com os acontecimentos concretos. É pensando por este ângulo e entendendo o texto jornalístico desse modo que se faz presente o jornalismo nos textos de José Simão, pois pode-se observar que em cada texto há uma retomada das notícias que estavam disponíveis no próprio jornal que veicula a coluna e também aqueles fatos que receberam atenção da mídia como um todo.

Ao longo dos seus 20 anos de publicação na Folha de S. Paulo²⁰, a coluna passou por diversas modificações, porém, não se desviou de seu foco: o de retomar, acrescentando recursos que com o intuito de levar ao humor as situações que estão permeando a mídia – inclusive a do próprio jornal em que veicula, portanto, e mais uma vez afirmamos que o humor proposto nos textos de JS realça o que está sendo oferecido ao leitor pelo próprio jornal e pela mídia de modo geral.

Este tipo de instrumentalização da informação é utilizada como forma de constrangimento e estratégia de manipulação em prol da mercadoria. Assim, o movimento discursivo exercido por JS incita em seu leitor um desejo, nem sempre real, de informar-se sobre o que a mídia diz ser importante e sobre o que deve estar informado. Caso não o faça, o leitor corre o risco de não ‘entender a piada’ e assim ser excluído do grupo. O texto de JS é uma espécie de segunda leitura, ou seja, de uma leitura que tem como pré-requisito estar inteirado sobre a notícia veiculada. Portanto, é uma leitura que torna obrigatório que se leia outros textos do jornal,

²⁰ A primeira publicação foi no ano de 1987, segundo autobiografia publicada no site do Universo On-Line (UOL), empresa do grupo Folha.

reforçando assim a construção por parte do próprio veículo sobre sua importância, bem como daquela dos assuntos que veicula.

A repetição, elemento característico do texto de JS, pode ser percebida desde suas linhas iniciais (que se mostram iguais em todos os textos dele aos quais tivemos acesso) com “*Buemba! Buemba!*”²¹. Expressão que remete à típica “Bomba! Bomba!”, do âmbito jornalístico, e particularmente a um dos mais conhecidos colunistas sociais da história da imprensa brasileira, Ibrahim Sued, referindo-se ao sentido de furo de reportagem, ou seja, uma notícia urgente, extraordinária que, por sua vez, remete a um conhecimento prévio e partilhado pelos leitores.

JS assegura ainda como função de seu texto, mostrar as variadas facetas do mundo político, econômico e social, e trazer à tona a opinião dominante que não chegou ao leitor, ou ainda, (o que se torna mais verossímil com a leitura que propomos), de reforçar a que já chegou até seu público por meio da mídia (do jornal Folha de S. Paulo – FSP ou de outros). Desse modo, a coluna de JS pode ser percebida como uma seção em que se permite a utilização de adjetivos, a (re)modelação de vocábulos, a expressão de pontos de vistas pessoais, além da veiculação de informações com intuito de persuadir e de assegurar a filiação do leitor.

Essa apresentação de leitura possibilita que o leitor se torne, se assim podemos dizer, um co-autor. A compreensão das formulações apresentadas pelo

²¹ Em entrevista concedida a jornalista Érika Sallum, em 17/12/2003, José Simão informa de onde tirou algumas de suas expressões mais frequentes; dentre elas, diz que “*Buemba!*” é uma versão “mexicanizada” de “Bomba! Bomba! Bomba!”, já que o povo brasileiro é “supermelodramático”, como classifica JS.

colunista ao leitor não se dá de maneira direta com os enunciados, mas em relação às partes textuais direcionadas por expectativas, interesses e necessidades que conferem importância à comunicação: há um diálogo, uma conversa entre o colunista e o leitor, ainda que isso não se mostre tão evidente em algumas passagens.

A leitura dos textos do colunista demonstra que este é o retrato de uma época, de uma cidade, de uma classe social e de uma sociedade. Representa um tipo de jornalismo considerado pessoal ou subjetivo, cuja opinião e a personalidade de seu autor estão presentes. Suas notas são resultado de uma combinação constante de informação e opinião, quesitos característicos dos textos de JS.

Dado que costumeiramente é no editorial que se nota mais explicitamente a opinião, questionamos, então: se na coluna de JS e no editorial há opinião e ela é quesito característico, há diferença entre eles? O que os diferencia?

Em uma visualização superficial são completamente diferentes, contudo, numa leitura mais atenta, podemos notar uma característica que os aproxima é exatamente a opinião utilizada como ferramenta de persuasão perante o leitor. Porém, é na forma de expressão dessa opinião, ou mais, como ela é manipulada para se atingir o objetivo, que se marca a diferença.

No primeiro, o editorial, a credibilidade é postada no fato de ser a seção um ‘porta-voz’ do jornal, ou seja, é ali que o leitor encontrará, de modo mais explícito, a linha editorial, política e social do jornal. Já na coluna de JS, o leitor é levado à mesma opinião que consta no editorial, entretanto, o elemento sedutor que levará o leitor à coluna de JS será o humor. Assim, estamos entendendo aqui que na coluna há retomada de notícias, talvez das mesmas notícias enunciadas no editorial, logo,

não poderá haver discordância entre as partes do jornal; porém, o leitor deixa-se envolver pelo toque de humor ali presente, isto é, a forma de capturar o público é que distinguirá os dois tipos de textos – editorial e coluna de JS, no tocante às características de sedução como modo de persuasão.

Outra informação relevante, e de certa forma relacionada à filiação do leitor, se refere às *personas*²² que são anunciadas no texto e fazem parte de um mundo externo ao do leitor, contudo, parece-nos que ele quer fazer parte desse mundo, quer se integrar a um mundo que lhe parece distante; o tom de humor trazido para o texto, carrega consigo esta carga de aproximação, como bem notou Castro (1997):

[...] Os relatos das colunas configuram-se uma visão fantasmática do social, um mundo de poucos, na maioria bem-nascidos, sempre bem sucedidos, que atuam sob os holofotes da mídia, consentem no devassamento de sua privacidade - afinal, são personagens públicas - e se sabem ou se desejam objetos de atenção da multidão. É para ela que a 'sociedade' se representa, ou melhor se apresenta. E, mais do que uma representação, vê-se aí uma apresentação do social, o qual se encontra, enquanto construção simbólica, sempre elidido no discurso [...]. (1997, p. 117).

O leitor, então, torna-se parte integrante e essencial para o desenrolar do humor e da comunicabilidade entre as partes – colunista e leitor. Melo (1994) observou a participação do público e dela podemos constatar que:

²² Estamos entendendo por *persona* qualquer “ator social” que representa um papel na sociedade brasileira, mais especificamente.

[...] atende a uma necessidade de satisfação substitutiva existente no público leitor. Já que a maioria das pessoas está excluída do reduzido círculo dos colunáveis (poder/estrelato), dá-se-lhe a sensação de participar desse mundo, através dos colunistas. Trata-se de uma forma de participação artificial, abstrata. Participam sem fazer parte. Acompanham à distância. (1994, p. 140).

Pêcheux (1997), em seu livro *Semântica e Discurso*, ao discutir sobre a língua, informa-nos que a mesma está articulada no discurso e, conseqüentemente, relaciona-se ao fator social. Dessa forma, não pode ter um valor exclusivamente individual. Em suas palavras:

[...] o sistema da língua é, de fato, o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para aquele que dispõe de um conhecimento dado e para aquele que não dispõe desse conhecimento. Entretanto, não se pode concluir, a partir disso, que esses diversos personagens tenham o mesmo discurso: a língua se apresenta, assim, como base comum de processos discursivos diferenciados [...]. (1997, p.91).

Nesse sentido, esse leitor é trazido para o texto, como se fosse um cúmplice do colunista. Ele é, supostamente, chamado para participar, para atuar como agente ativo, não só receptor passivo, isto é, ele é chamado para deixar temporariamente o lugar de um leitor alheio para ocupar provisoriamente, no momento da leitura, o posto do autor ou um lugar ao lado dele, num mesmo nível hierárquico e isso podemos verificar com a inclusão do endereço eletrônico do colunista que estará

indicado na quarta e última coluna de texto. O mesmo também é percebido pela inclusão dessas mensagens de textos enviadas ao JS que anuncia a presença do outro (o leitor) no seu texto.

Assim, com a inserção desse endereço eletrônico, tem-se a sensação de que o leitor torna-se parte integrante e essencial para o desenrolar do humor e da comunicabilidade entre as partes – leitor e colunista; em outras palavras, JS usa estratégias para tentar incorporar (ou dar a sensação de) o leitor. Contudo, não nos cabe aqui acreditar que essa anunciação de um outro seja real e verdadeira, pode ser que seja mais uma estratégia para criar determinados efeitos como, por exemplo, garantir um elo de cumplicidade. Vejamos:

“[...] Aliás, uma amiga minha perguntou para a filha: ‘Você sabe o que é metáfora?’. ‘Sei, é uma música do Gilberto Gil’. Rarárá.”

Data: sexta-feira, 28 de abril de 2006.

Outro exemplo desse tipo de construção nos é mostrado mais adiante:

“[...] Acabo de receber mais um exemplo irado de um militante do antitucanês. É que em Malawi, na África, tem uma universidade chamada Bunda College”.

Data: sexta-feira, 28 de abril de 2006.

Nos exemplos percebemos que há uma estratégia que busca convencer de que o leitor é novamente trazido para dentro do texto, e mais, tal estratégia incute naquele que lê o texto a sensação de que o leitor realmente participa na sua confecção através do uso da expressão “Acabo de receber”, e mais pontualmente pelo núcleo dessa oração, o verbo “receber”. Acreditamos ser importante mostrar isso como estratégia que objetiva elucidar que há leitores e que eles têm participação ativa, mas não nos convém sermos cegamente crédulos quanto ao fato de ser utilizada a expressão “Acabo de receber” ou qualquer outra que permita entrada para o argumento que é evidenciado pela expressão, o que também se relacionar com as respostas dadas às cartas dos leitores.

Pelas construções “uma amiga minha”, “acabo de receber”, como vemos nos exemplos, o colunista tenta fazer crer que compartilha de certa cumplicidade com seu leitor, é como se o leitor estivesse escrevendo o texto também, ou seja, não são mais duas pessoas distintas, tanto faz ser o JS quem escreve ou ser o leitor, as *personas* se confundem. Porque cria-se a impressão de que todos partilhamos de uma mesma posição, é quase dizer que são todos iguais, massificados, buscando-se assim criar um vínculo de cumplicidade e de credibilidade.

Tanto no primeiro quanto no segundo exemplos – do texto 1 –, o leitor é trazido para ratificar o posicionamento que está implícito no seu dito e assim criar um vínculo, além da homogeneização das idéias. É como se ele dissesse: “não sou só eu quem pensa assim”, assim, o leitor insere-se (ou desse modo se sente) na sociedade, “[...] *ler o discurso da mídia é condição para a inserção do sujeito na sociedade e na História de seu tempo*” (Ghilardi, 1999, p. 107), o que, em nossa

leitura, não é uma condição positiva usar apenas a mídia como forma de inserção social.

Analisemos os textos²³ que seguem:

Editorial	Painel do leitor	Texto de JS
<p>Vício antigo</p> <p>Como sempre na história deste país, o governo federal recorre ao testado e comprovado estratagema de liberar verbas e cargos para influenciar votações no Congresso. Trata-se de uma crônica distorção da democracia brasileira que Lula, na oposição, prometia corrigir. Mas seu governo, neste como em outros pontos, em nada inovou. [...]</p> <p>Data: 10 de agosto de 2007.</p>	<p>Maluf</p> <p>“Peço, pelo amor de Deus, aos excelentíssimos ministros do STF que digam que não é verdade. Digam que é tudo intriga da imprensa. Que o STF não pactua com a impunidade. Que reta ainda um mínimo de justiça no país. [...]”.</p> <p>Juros</p> <p>“ [...] Além da completa corrupção estatal, este é o tema por excelência da nossa triste contemporaneidade: o domínio do país pelos plenipotenciários e vampirescos banqueiros e financistas. [...]”</p> <p>Data: 10 de agosto de 2007.</p>	<p>Rio Urgente! Recruta Zero subiu morro!</p> <p>[...] Sabe como se chama a suspeita de falsificar a planilha do lixo em Ribeirão? Marilene FALSARELLA! [...] E a RIOLÊNCIA? E a comédia do Exército procurando os fuzis roubados do quartel lá no Rio? Primeiro, como é que os bandidos roubam fuzis do quartel? Os soldados alegaram que foram pegos desprevenidos. Mas a gente paga o Exército para eles NUNCA estarem desprevenidos. Rarárá!</p> <p>Data: 11 de março de 2006.</p>

Ao lermos os textos, a primeira impressão que nos marca se é o fato de todas, a seu modo, tratarem de temas em comum: a política no Brasil e/ou as Instituições. Percebemos que além de relatarem sobre tópicos tão semelhantes, o

²³ Os textos encontram-se na íntegra nos “Anexos”.

foco real está nas construções que se faz para o alicerçamento de uma aparente crítica às Instituições, de maneira geral.

No “Editorial” notamos que a opinião vem calcada nessa (pseudo) necessidade de crítica, ou seja, ela serve como argumento para se fazer crítica (ou, aos nossos olhos, uma não-ação). Vemos que o próprio título, assim como em frases “*Como sempre na história deste país...*” e “*Mas seu governo, neste como em outros pontos, em nada inovou*”, são carregadas de negatificação semântica e a opinião aparece mesclada a julgamentos pré-estabelecimentos (e permitidos) e conhecidos, isto é, não há um trabalho reflexivo na sua elaboração, parece-nos que há uma ratificação de valores e reprodução de ideologias.

Aspecto semelhante ocorre com as frases destacadas do “Painel do Leitor” como “*(...) ministros do STF que digam que não é verdade. Digam que é tudo intriga da imprensa (...)*” e “*(...) Além da completa corrupção estatal (...)*”, nelas podemos perceber que há uma cumplicidade entre os leitores e o jornal, aqueles se tornam vozes ativas, mas de uma atividade limitada e limitadora, ou seja, não percebemos que haja grandes diferenças no que diz o leitor e os colunistas do jornal, ao compararmos as frases dos leitores com as frases do “Editorial” e as do texto de JS, como “*(...) Mas a gente paga o Exército para eles NUNCA estarem desprevenidos*”, notamos que, apesar de estarem discutindo sobre instâncias sociais distintas, tratam, em sua essência, de uma necessidade de afirmar o mal desempenho das instâncias sociais, porém, em nenhuma das frases há um caminho que busque ações, são frases que reafirmam o já dito, o *déjà vu*. A imagem de leitor criada é a que interessa ao jornal, pois:

[...] ele é capaz de expressar uma avaliação baseada em julgamentos de valor centrados em pólos antagônicos do tipo honestidade/desonestidade, profundidade/superficialidade, engajamento/alienação etc., sem maiores preocupações com o que se produz para além disso em um texto. (Barzotto, 1999, p. 144).

O que nos leva a dizer que os assuntos tratados, por um lado, são aqueles que têm aceitação do público, e por outro lado, têm espaço no jornal; em outras palavras, só se diz o que o público quer ouvir e este busca ler aquilo que lhe substituirá, frisamos, temporariamente, a falta. Essa substituição poderá ocorrer com a leitura de quaisquer umas das diversas partes do jornal, podendo tomar forma de um texto do “Editorial” ou de humor, por exemplo.

Perelman (1999), em sua *Retóricas*, ao tratar de uma das partes essenciais da relação entre a retórica e a linguagem, salienta a importância do *auditório*²⁴ (ou público-alvo, que para o nosso caso também podemos entender como leitor) na relação com o orador (para o nosso caso, o autor/colunista).

A partir de tais informações, podemos pôr à mostra nossas percepções acerca do discurso midiático, em geral, e jornalístico, em particular. Para tanto, faremos uso de algumas postulações desenvolvidas por Van Dijk (1995) questionadoras do papel e do que vem a ser a mídia na nossa contemporaneidade.

Van Dijk (1995), em seu texto “*The mass media today: discourses of domination or diversity?*”, informa-nos que para ele, a função da mídia está diretamente vinculada à questão ideológica e destaca seu papel como sendo o de

transmitir as ideologias de uma sociedade, tais como as dos mercados, as da política, da exploração e marginalização, ou seja, forças sociais, econômicas e culturais. Dessa forma, o humor pode ser entendido como uma produção e um reprodutor das ideologias requerendo um processo através da mediação da mídia, seja ela falada ou escrita. Pensando a partir do nosso *corpus*, constatamos que o fato do humor estar veiculado a um dos veículos da mídia, o jornal, ele reproduz de várias maneiras a prescrição interna daquele que é seu “patrão”.

Esta (re)produção, nos meios de comunicação, está ligada à própria reprodução de estereótipos e preconceitos. Isso faz com que a mídia ajude a criar um consenso entre os leitores (para o caso de um jornal), seja ele de qual âmbito for: social, político, cultural. Ou melhor, cria uma pseudo-sensação de consenso, de anuência, a fim de uma homogeneização das idéias. A respeito desse processo, Barzotto (1998) diz:

[...] a fim de ditar um modo de vida em que recursos lingüísticos entram como marcadores de identidade, quase da mesma natureza de outros acessórios, de um grupo que busca integrar-se a esse tempo, fugindo da parcela social sobre a qual recai o maior peso da exclusão. Como não incide sobre a língua propriamente dita, a uniformização é feita através de uma ação sobre o uso, num tempo e num espaço circunscrito, de determinados recursos lingüísticos identificatórios, com vistas a formar uma direção comum às opiniões, às falas, com vistas ao consumo, como se faz com a moda, por

²⁴ Termo usado pelo próprio Perelman.

exemplo, ou como acontece com expressões que surgem em períodos eleitorais, em períodos de plano econômico, ou que são lançados por programas de televisão. (1998, p. 125).

A impressão que se tem é a de que a mídia está a serviço do poder e das elites, pois ambos estão vinculados: um sem o outro se tornam inconcebíveis. A mídia, vista por este viés, contribui para a produção e reprodução do domínio social, político, econômico e cultural, fornecendo-nos as diretrizes (temas, metáforas, linguagem) para a legitimidade de uma normalização das diferenças e desigualdades, focando aspectos que lhe são pertinentes e de maior interesse.

É o que faz JS em seu texto, ele é autoridade para trazer a notícia que melhor lhe aprouver ao jornal, pois, supostamente seu próprio leitor lhe concede e confere tal poder: é uma das colunas mais lidas e há mais tempo presente no diário. No entanto, o que traz como notícia é o que já apareceu no próprio jornal, o que talvez explique a adesão do leitor, pois JS incide sobre o já sabido. Trata-se de uma estratégia usada freqüentemente nos textos de JS e, dessa maneira, é parte integrante do seu discurso, isso lhe concede um caráter bastante peculiar ao analisarmos seu discurso.

Observemos o texto que segue:

Buemba! A Varig é viável ou voável?

“ BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta! O Lula costuma usar tudo o que ele ganha! Na terça-feira, vestiu a camisa da seleção argentina. Essa merece uma camisa-de-força. E quando ele vai vestir a camisa-de-força? Rarará!

E o dalai-lama? A gente já está afundado num mar de lama, só com o focinho de fora, e aí chega mais lama. Dá-lhe lama. Que visita mais inconveniente. Aparecer na casa dos outros na hora errada. Eu vou fazer uma denúncia contra esse dalai-lama. Que ele é irmão ao Gushiken, primo do Okamoto e tio do acunpunturista do Alckmin. Família lama”.

Data: sexta-feira, 28 de abril de 2006.

Observemos primeiramente que neste texto, dentre diversas notícias apontadas, algumas foram previamente selecionadas para integrar o elenco de notícias que “mereceram” ser incorporadas no texto de JS e se focarmos nosso olhar, notaremos que elas serão informações em destaque, não só no jornal impresso como também na mídia de um modo geral. Começemos pela que menciona a tentativa do presidente Lula de estabelecer uma relação amigável com o presidente do vizinho de território, a Argentina, em visita a este país. Outra pauta que tomou bastante a atenção da mídia foi a terceira visita e estada do *bodhisattva*, o budista tibetano, Dalai Lama.

Porém, se observarmos com um pouco mais de cuidado, veremos que já no título o colunista indicia qual será o ponto que tomará também sua atenção, sendo esta a notícia que mais se propagou nos discursos da mídia. A partir desse tópico inicial, segue sua exploração das notícias, especialmente as de cunho nacional. Podemos notar essas características com o trecho:

E o dalai-lama? A gente já está afundado num mar de lama, só com o focinho de fora, e aí chega mais lama. Dá-lhe lama. Que visita mais inconveniente. Aparecer na casa dos outros na hora errada. Eu vou fazer uma denúncia contra esse dalai-lama. Que ele é irmão ao Gushiken, primo do Okamoto e tio do acunpunturista do Alckmin. Família lama”.

Data: 28 de abril de 2006.

A utilização do pronome “a gente” faz com que mais uma vez o sentido se concretize em comunhão com o *outro*, isto é, numa relação, sendo, desse modo, impossível pensar a própria linguagem fora dessa ambientação.

Além do jogo sonoro entre o nome Dalai-Lama e a expressão “dá-lhe lama”²⁵, podemos observar o entrelaçamento feito com o conhecimento prévio do leitor. Pois ao mesmo tempo em que o País recebe uma visita ilustre mundialmente, está num momento delicado na política, o que pode ser inferido pelo “dá-lhe lama”, que remete a um momento, julgado pelo autor, de “lama” na política.

²⁵ Como já dissemos no item 2.2.

Por sua vez, isso é ratificado pelas orações seguintes “Que visita mais inconveniente. Aparecer na casa dos outros na hora errada”. Ou seja, o autor afirma ser o monge budista um visitante, mas que isso não era o momento mais oportuno para sua visita, já que o assunto mais interessante para a imprensa não seria o do visitante, e sim o do cenário político nacional. Porém, sabemos que para a imprensa qualquer assunto pode ser notícia e, nesse caso, o que JS faz é, estrategicamente, atribuir um tom desdenhoso ao tema para, dessa maneira, facultar-lhe certa importância.

Um cenário que é apresentado ao público como catastrófico, assegurado pelas notícias dadas pela imprensa, com chamadas de reportagem como “Serra toma posse e faz críticas à crise moral e política do país”²⁶; “Escândalo do mensalão – A hora das provas: Gushiken discute na CPI e culpa direita”²⁷; “Para OAB, ação da PF desvia foco da crise”²⁸; “Sem consenso, Câmara adia votação de reforma política”²⁹; “Lula rebate críticas em Congresso socialista”³⁰; assim, mais uma vez, JS ratifica em sua coluna a posição demandada pela mídia.

Com isso, somos levados ao questionamento das condições de produção na construção do sentido, pois a entendemos como sendo um “significado” gerado pelas condições de produção. Observa-se que sua composição é heterogênea, formada por diversos elementos como a memória, a valoração, elementos que são caracterizados pelo caráter social intrincado no determinado contexto sócio-histórico.

²⁶ In: www1.folha.uol.com.br/brasil/ult96u88192.shtml. Data: 15/09/2005.

²⁷ In: www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1509200544.htm. Data: 15/09/2005.

²⁸ In: www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0108200509.htm. Data: 01/08/2005.

²⁹ In: www.estadao.com.br/nacional. Data: 07/08/2007.

Assim, o contexto sócio-histórico gera uma pauta e é a partir dela que se faz a leitura, ou seja, ele envia a leitura para aquela que quer permitir (visto que o contexto acompanha as mudanças culturais, os valores sociais). Isso é notado, particularmente, nos textos de JS, que com seu humor leva o leitor a um modo específico de leitura. Para demonstrar esse aspecto, retornamos ao texto, mais diretamente à primeira frase:

<p><i>“E o <u>dalai-lama</u>?”</i></p>
<p>Data: 28 de abril de 2006.</p>

Logo à primeira vista percebemos no trecho acima que se trata de um texto conotado, isto é, com mais de um plano de leitura.

Há ainda um elemento que se faz presente para o e no estabelecimento do significado e do sentido: a marca que o indivíduo deixa registrado no discurso. Dentre outras coisas, isso firma a diferença entre significado e sentido, visto que o primeiro está relacionado diretamente ao signo, dele sendo uma das partes, ao passo que o segundo liga-se ao contexto sócio-histórico e este ao discurso.

Nos textos humorísticos, e mais particularmente do colunista JS, é marcadamente abrangente o uso do sentido conotativo, sendo ele que infere na possibilidade do humor, ou seja, é através da conotação que se permeia e se produz

³⁰ In: <http://ee.jornaldobrasil.com.br/reader/default.asp?ed=137&ca=33&num=1>. Data: 17/06/2006.

o humor dos textos de JS. A presença da conotação se presencia com a utilização de adjetivos, a (re)criação de vocábulos, de jogos de palavras, trocadilhos, inversões.

Vejamos os exemplos com o uso conotativo no texto do JS:

“ E uma amiga minha que vai viajar quer saber se a Varig é viável ou voável”

Data: 28 de abril de 2006.

E o trecho que segue:

“E a campanha do Garotinho, que recebeu grana até de assaltante? O quê? O Garotinho está sujando o nome do assaltante? Rarará. Então manda o Garotinho para a Febem. E essa rixa Itamar x Garotinho? Garotinho x Véinho! Corre na internet que é a disputa entre o Estatuto da Criança e da Adolescência versus o Estatuto do Idoso”.

Data: 28 de abril de 2006.

Notamos que em “*viável* ou *voável*” há um jogo entre as palavras ‘viável’ e a partir dela a formação de uma outra: ‘voável’; esta é formada com a troca da vogal ‘i’ pela vogal ‘o’. Há neste caso, um exemplo de paronomásia, que acontece quando significantes com imagens acústicas semelhantes podem ter seus significados aproximados, embora os significados sejam completamente diferentes.

Na ilustração que vem em sequência no texto, percebemos o jogo que é feito entre as possibilidades conotativas e denotativas do vocábulo ‘Garotinho’. Sabemos que ‘Garotinho’ é o nome público de um político do Rio de Janeiro; porém, sabemos também que ‘garotinho’, grafado com letra minúscula, é uma das formas de se designar ‘menino, criança do sexo masculino’. O que o colunista faz é jogar com as acepções e criar dessa maneira uma piada; utilizando o sentido denotativo no lugar do conotativo e assim cria-se o elemento cômico. Isto é, ao dizer ‘Garotinho para a Febem’, faz uso do significado ‘menino, criança do sexo masculino’ no lugar do substantivo próprio ‘Garotinho’, ou ainda, credita a este mais uma acepção.

Processo semelhante ocorre em seguida, com ‘Garotinho x Véinho’. Ao creditar ao ex-presidente a qualidade de ser idoso, passa a chamá-lo de ‘Véinho’ – vocábulo próprio da linguagem informal, mais coloquial, e então contrapõe as duas instâncias etárias: ser garotinho (que se inclui no campo semântico de ‘ser jovem’) e ser idoso. Mais uma vez usa-se de estratégias semânticas e discursivas para a elaboração de uma piada. E afirma seu posicionamento com a frase posterior: *‘Corre na internet que é a disputa entre o Estatuto da Criança e da Adolescência versus o Estatuto do Idoso.’*, fazendo dela um argumento para legitimar seu humor. Ainda podemos conceber ao ‘Estatuto da Criança e da Adolescência versus o Estatuto do Idoso’ o caráter de ser um argumento para a ratificação na construção da sua piada.

A todo o momento JS faz uso dessa relação existente entre a semântica e o discurso para dar a seus textos caráter humorístico, tornando-o um texto interessante e cheio de nuances nem sempre perceptíveis num primeiro olhar. Com algumas

leituras percebe-se que a construção do texto se dá de maneira elaborada, com precisões lingüísticas cabíveis somente no contexto em que está inserida sua coluna e, deixando evidente, para seu leitor, que lerá de modo a captar tais similitudes recorrentes de um texto ao outro, de um momento ao outro.

Com isso, há uma profunda interferência nos aspectos cognitivos e discursivos do seu leitor para cada uma das situações propostas pela mídia, e mais especificamente, pelo humor proposto por JS.

2.2. Discurso humorístico

Sabemos que o discurso humorístico recebe um espaço significativo na mídia brasileira por atrair o leitor com a possibilidade de uma leitura rápida e de fácil contextualização, visto que se manifesta sobre os fatos cotidianos com humor e opinião, tornando o texto bastante sedutor para seu leitor.

A opinião funciona como fio condutor e elemento de sedução. Ao tratar um determinado assunto e apresentar elementos que se mostram como opinião, o leitor, talvez, primeiro, por um processo de identificação, vê na palavra do colunista JS a sua própria voz, então, a suposta opinião enunciada por JS se torna a de seu leitor.

Dessa maneira, o humor torna-se pano de fundo para a enunciação da opinião, atraindo o leitor pelo estilo de escrita de JS (abundante de variações e trocadilhos, o que hipoteticamente revelaria certo domínio de língua por parte de

JS), pois se mostra um conhecedor das nuances da língua e que sabe usar as possibilidades propiciadas pela língua a fim de incutir o tom humorístico.

Porém, cabe-nos lembrar que o fato de o autor saber manusear algumas técnicas de construção da língua não o torna exatamente um usuário diferenciado, pois pelo menos potencialmente todos os falantes nativos seriam capazes de tais formulações. O que nos é relevante é o modo como se utiliza a língua para a e na manifestação e expressão do humor.

Vejamos a seguir o texto:

Buemba! A Varig é viável ou voável?

“BUEMBA! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta! O Lula costuma usar tudo o que ele ganha! Na terça-feira, vestiu a camisa da seleção argentina. Essa merece uma camisa-de-força. E quando ele vai vestir a camisa-de-força? Rarará! (...)

E o dalai-lama? A gente já está afundado num mar de lama, só com o focinho de fora, e aí chega mais lama. Dá-lhe lama. Que visita mais inconveniente. Aparecer na casa dos outros na hora errada. Eu vou fazer uma denúncia contra esse dalai-lama. Que ele é irmão do Gushiken, primo do Okamoto e tio do acunpunturista do Alckmin. Família lama”.

Data: sexta-feira, 28 de abril de 2006.

Partamos da análise da notícia que trata sobre o tibetano Dalai Lama. Ao observarmos as expressões (1) “*Dalai Lama*”, (2) “*dalai-lama*” e (3) “*Dá-lhe lama*”, poderemos notar que uma troca de elementos lingüísticos (sejam eles de nível fonético, morfológico) causará o efeito desejado. Desse modo, temos:

Dalai Lama → dalai-lama → dá-lhe lama

Analisando o quadro acima, nota-se que o nome do budista tibetano Dalai Lama foi transformado em substantivo comum, por meio de uma delicada, mas significativa, troca das iniciais maiúsculas pelas letras minúsculas, com a inserção do hífen: *Dalai Lama* para *dalai-lama*. Assim, muda-se o sentido, passa de uma pessoa a uma coisa, um objeto, sendo levado por uma aproximação fonética a (3) *dá-lhe lama*. Podemos ainda dizer que o uso das maiúsculas servem também para chamar a atenção, o fato de JS escrever “dalai-lama” faz-nos inferir seu contrário, o de minimizar a atenção, da falta de importância (ou de destaque) da personalidade na nossa sociedade.

Observando um pouco mais o texto, veremos que já no título o colunista indicia qual será o ponto que tomará também sua atenção, sendo esta a notícia que mais se propagou nos discursos da mídia. A partir desse tópico inicial, segue sua exploração das notícias, especialmente as de cunho nacional. Pois bem, se é assim, então o texto é regido por “ser notícia” mais do que por “ser humor”. Para haver riso a partir da palavra *lama*, de sua sonoridade, é preciso acionar dois significados:

o substantivo próprio, de *Dalai Lama*, e o substantivo comum *lama*, além disso, deve-se acionar uma pauta (prévia, da qual o leitor tem ciência) – a crítica obrigatória à política. A leitura, então, de certa maneira, torna-se extrapolativa: seleciona-se uma palavra e a descola do texto, fazendo uma leitura autorizada, no contexto do humor e não-autorizada, no contexto da informação como notícia.

Do leitor, então, para a compreensão discursiva, exige-se um prévio conhecimento dos acontecimentos contemporâneos, aos quais, por sua vez, são os fatos encontrados no jornal, como já dissemos. E se a ele – leitor – forem estranhas as informações representadas pelo discurso, o texto se exprimirá como um elemento de (re)conhecimento dos mais variados e múltiplos acontecimentos sobre sua contemporaneidade.

Interessa-nos estudar o humor sob a perspectiva de que seu discurso assemelha-se a um eco de discursos que o antecedem. Nas palavras de Amaral (2002):

[...] o riso é tão amplamente difundido nas formas de vida social do homem, podendo ser considerado fator primário de seu comportamento, que falar do riso é tentar compreender e interpretar a história do homem. [...]. (2002, p.11).

Dessa forma, o riso – produto mais óbvio do humor – não pode ser entendido apenas como uma das formas de subverter padrões, ou de ser uma crítica social, política e cultural que se mostram com uma aparente presença de elementos como o inconformismo, ruptura (ou a tentativa de) com as regras e padrões (sejam eles lingüísticos, sociais), visto que ao invés de se confrontar a realidade, questioná-

la, apenas usa-se o espaço físico ocupado pela coluna no jornal para se imprimir um humor catártico, o que em nossa concepção não vislumbra ações, fatos que anunciariam uma possível subversão, ou seja, são alinhadas durante a leitura dos textos, o que aqui chamamos de pseudo-inconformismos. Hitchens (2006) diz que:

A risada pode ser o som mais desagradável; é um elemento essencial na conduta da turba e é parte do ruído de fundo do sarcasmo e da zombaria nos linchamentos e execuções. Com frequência, multidões ou platéias irão rir servil ou cumplicemente, só para mostrar que “entendem” a piada e que estão participando. [...] Mas há também comédias tão medíocres que exigem a imposição pós-pavloviana de uma trilha sonora de gargalhadas. Não é, portanto, verdadeiro dizer, como alguns otimistas fazem, que o humor é essencialmente subversivo. Ele pode ser um apelo ao familiar e aos clichês, uma fonte de reafirmação por meio de uma hilaridade compartilhada. [...]. (2006, p. 106).

Geralmente são retratados esses pseudo-inconformismos através de temas que são socialmente controversos, onde é possível identificar marcas e manifestações culturais, ideológicas, crenças compartilhadas, conhecimentos de grupo, uma memória em comum, um processo, um senso comum, entre outros. Assim, são explicáveis os motivos pelos quais textos como os de José Simão se mostram tão veementemente lidos e procurados pelos leitores do jornal FSP, pois

nesses textos o leitor encontra uma válvula de escape, sem que lhe seja exigido grandes (ou pequenos) movimentos ativos que transcendam a (de)codificação das palavras: pede-se apenas que leia, identifique-se e ria, preferencialmente um riso vazio.

Vemos nos textos do colunista a presença das mesmas marcas e manifestações sociais, culturais e ideológicas que já são parte do universo enunciativo/comunicativo do leitor, e isso assegura o interesse do leitor por esse tipo de texto e, conseqüentemente, de discurso, por haver nele uma constante repetição a que se está acostumados e, digamos mais, acomodados a permear como enunciação.

Neste âmbito, emerge a repetição como forma de se propagar o já dito, manifestando-se de três formas, a saber: 1) o próprio jornal; 2) a coluna escrita por ele; e, 3) a mídia, de modo geral.

Observemos o quadro a seguir:

Quadro 1		
Trecho de 31/03/20007	Trecho de 01/04/2007	Referência no jornal de 31/03/2007
E esse calor do inferno?!	E esse microondas global?
Trecho de 31/03/20007	Trecho de 01/04/2007	Referência no jornal de 31/03/2007
<p>Tô suando mais que periquita de cozinheira. O Lula podia lançar mais um programa social: o BOLSA VENTILADOR! O filho do companheiro que for pra escola ganha um ventiladorzinho de pilha.</p> <p>E a pomba que paralisou Congonhas? Congonhas muda de nome pra POMBONHAS! E o chargista Alecrim ensina como se declina o verbo atrasar: “Os vôos do Rio atrasaram, os vôos de Belo Horizonte atrasaram e os vôos de São Paulo atrasaram”. Aeroporto de Atrasonhas. Rarará!</p>	<p>Acordei suando mais que periquita de cozinheira. Por isso que o Lula vai lançar o BOLSA VENTILADOR! O filho do companheiro que for pra escola ganha um ventiladorzinho de pilha!</p> <p>E finalmente o Lula fez uma retumbante declaração sobre a zona aérea: “O pobrema nos aeroporto é PASSAGEIRO!”. Rarará!</p> <p>E essa: “Pomba paralisa aeroporto de Congonhas por 14 minutos”. Então é Pombonhas! Rarará!</p>

No quadro é notória a repetição e a reprodução de informação, que se estabelece entre as partes do jornal e a coluna de JS e entre esta e ela mesma. Isso nos leva a reafirmar que a notícia apresentada por JS é aquela que circula nos meios de comunicação. Essa constante insistência é o que se busca, já que, ao nosso ver, um dos objetivos desses meios é a massificação das idéias e, conseqüentemente, sua homogeneização. Contudo, aparentemente, essa repetição emerge não como reprodução de idéias, mas sim como o estopim do riso, é de onde manifesta-se o humor.

Percebemos ainda que no discurso humorístico há um processo de envolvimento, no qual quem o lê – no caso de nosso *corpus* – evoca sentimentos que estão projetados no outro, causador, segundo Freud (1977), do “sentimento economizado” que se transforma em prazer humorístico. É como se algo que fosse feito para provocar dor se revelasse em humor.

Assim, ao nos propormos a olhar o discurso humorístico nesta pesquisa, estamos levando em conta seus mais diversos aspectos – lingüísticos, textuais, sociais, ideológicos.

Possenti (1998), em seu *Os humores da língua...*, dá-nos seu parecer a respeito da importância do estudo do texto humorístico, afirmando que a relevância em se estudar os dados humorísticos se efetiva ao serem observados e analisados enquanto dados lingüísticos, isto é, deixando o efeito humorístico a um plano secundário, é explicar como a língua atua nessa elaboração, a partir do que é enunciado.

Segundo Bergson (2001), em *O Riso...*, esse processo se dá pelos seguintes motivos: quando rimos de nosso interlocutor, nós não nos identificamos com ele e

nos sentimos superiores a ele quando rimos com nosso interlocutor, nós nos identificamos com ele e, portanto, não somos inferiores ou superiores a ele.

Parece-nos que Bergson está falando de dois interlocutores enquanto seres no mundo, mas há um outro modo de analisar o texto, considerando que nele se constitui um enunciador com a responsabilidade de persuadir o co-enunciador.

Assim entendido, no caso do humor há, pelo menos, dois atos ilocutórios, direcionados do enunciador ao destinatário:

- 1- O de que ele precisa deter certas informações e;
- 2- De que é feio ser desinformado.

O riso de alívio postulado por Freud, nesse caso, dá-se quando o leitor se percebe como sendo um terceiro o destinatário informado. Nesse sentido, o riso de que fala Bergson (2001) vai se dar entre este co-enunciador que se descobre no poder das mesmas informações do primeiro enunciador, portanto, que não é bobo, que se descobre livre de um julgamento pejorativo: ser desinformado.

No entanto, para ter esta satisfação ele precisa submeter-se às regras do jogo impostas pelo enunciador – o leitor tem de ter estas informações ou não vai entender a piada, é desinformado. E estas informações estão no jornal ou na mídia em geral e como é típico do humor, ou você compartilha dados ou não ri. Eis o trunfo propagandístico do humor no jornal: ele obriga a ler o que o jornal julga importante e vai ser recuperado no humor, transmitem *“aquilo que o texto ou o cotidiano nos apresentam”* (Confortin, 1999, p. 84).

Desse modo, o humor caracteriza-se por ser socializante, ou em outras palavras, exige a presença do outro, tanto o Outro da Psicanálise quanto um outro que pode ser entre:

- 1) o próprio enunciador (ou co-enunciador), ou seja, quem fala; ou
- 2) o destinatário, ou seja, para quem se fala; ou
- 3) um terceiro, de quem se ri; ou seja, de quem se fala.

Essa noção se faz importante por destacar a relevância do discurso, do modo de formulação do elemento verbal e dos elementos extralingüísticos.

É extralingüístico, por exemplo, o conhecimento cultural, o compartilhado por um grupo social, como salienta Van Dijk (1983). Nos textos analisados neste trabalho percebemos que ele faz uso desses elementos, como quando cita nomes de personalidades nem sempre conhecidas de um público maior, menos elitizado. Para demonstrar esse aspecto, retomamos um trecho do nosso *corpus*.

Observemos o trecho a seguir:

“E o dalai-lama? A gente já está afundado num mar de lama, só com o focinho de fora, e aí chega mais lama. Dá-lhe lama. Que visita mais inconveniente. Aparecer na casa dos outros na hora errada. Eu vou fazer uma denúncia contra esse dalai-lama. Que ele é irmão ao Gushiken, primo do Okamoto e tio do acupunturista do Alckmin. Família lama.”.

Data: 28 de abril de 2006.

Neste trecho, além daquilo que já exploramos do texto, podemos observar nas últimas a expressão “Família lama”, a qual remete-nos facilmente a uma conhecida família de músicos, a “Família Lima”. Por outro lado, percebemos que o

jogo proposto por JS provoca um pouco mais, ou melhor, reforça à necessidade de crítica à política brasileira e aos seus políticos. Assim, Gushiken, Okamoto e Alckmin acabam por formar uma família: a “Família lama”.

Van Dijk (1983) nos ressalta a importância no estudo do discurso (midiático):

[...] este tipo de análisis proporciona una idea clara de las diversas propiedades de la producción de la noticia, de los valores e ideologías de los periodistas y de los periódicos, y, especialmente, de la manera como los lectores entenderán, memorizarán y usarán la información de la noticia para la elaboración de su conocimiento y opiniones acerca de la ‘realidad’. (1983, pp. 77-105).

Vejamos agora um outro trecho:

“[...] E adorei o Galvão Urubueno na Rússia Abaixo de Zero! Ele devia trabalhar naquele documentário de pingüins. [...]

Data: 03 de março de 2006.

No trecho do texto verificamos que, ao contrário, do trecho do texto anterior, a personalidade que destacada é conhecida por grande maioria do público, só assim cria-se uma sintonia com o público-leitor, então, volta-se o humor para o que é reconhecido facilmente. Assim, ao construir a piada em cima do nome do locutor

Galvão Bueno, o autor está validando uma caracterização da personalidade socialmente aceita naquele momento; logo, já que todos diziam que Galvão Bueno estava em fase azarada, nada como aproximar o sobrenome “Bueno” com a ave urubu, símbolo de azar na nossa sociedade; desse modo, “Urubueno”.

Por um lado, se inserir no texto personalidades conhecidas é sinal de sintonia, por outro, ao trazer ao texto personalidades que (ao serem transpostas ao texto tornam-se personagens) não são necessariamente conhecidas demasiadamente pelo grande público, cria-se um ar de superioridade, pois, se são poucos os que conhecem, essa minoria acaba sendo vista como um público privilegiado.

Outras características podem ser notadas no discurso humorístico, tais como a presença de estereótipos das minorias (para a sustentação do poder daqueles que detém o poder, como salienta Van Dijk [2003]) como as de raça (os negros, índios), credo e/ou etnia (os judeus sempre serão mostrados como gananciosos, os portugueses como burros), situação financeira (o melhor estilo de vida é dos que têm dinheiro, o pobre será desqualificado), visual (a busca do corpo perfeito, quem não se encaixar nesse padrão merece ser apontado como chacota), as instituições em geral (igrejas, escola, política, casamento, a própria língua – que passam a ser vistas por um outro ângulo), como é o caso acima.

Esta postura está presente em Possenti (1998) ao referir-se sobre as possibilidades no estudo do discurso humorístico, sobre isso o autor diz que “[...] *veiculam discursos não explicitados correntemente (ou, pelo menos, discursos pouco oficiais)*” (2002, p.26), se entendermos por “*discursos pouco oficiais*” aqueles que estão presentes na falácia pública, mas não exata e nem

necessariamente – presentes de forma explícita em noticiários e impressos jornalísticos ou documentos oficiais, por exemplo.

Porém, não parece ser esse o caso de JS, que é mais debochado. As personagens que participam de seus textos são, de alguma maneira, trazidas ao público por meio da mídia; logo, a razão para estarem presentes é a necessidade de reforço da crítica ao governo Lula³¹, sentimento (supostamente) partilhado pelos leitores da coluna.

A esse ponto, podemos notar que o humor proposto por JS utiliza-se abundantemente de recursos como os mencionados:

*O Lula costuma usar tudo o que ele ganha!
Na terça-feira, vestiu a camisa da seleção
argentina. Essa merece uma camisa-de-
força. E quando ele vai vestir a camisa-de-
força?*

Data: 28 de abril de 2006

Neste excerto, nota-se nitidamente que o discurso evidenciado é o corrente na sociedade: brasileiro não gosta de argentino (mesmo que isso não seja uma unanimidade: a parte pelo todo – Van Dijk (2003) apresenta esse elemento como uma das formas de estratégias usadas nos discursos) – e logo o presidente da

³¹ Luiz Gushiken, citado no texto 1, foi secretário da Secretaria de Comunicação de Governo e Gestão Estratégica, do governo Lula, tendo deixado o cargo no governo definitivamente em 2006 (pouco depois da reeleição de Lula) após ter seu nome envolvido em denúncias de corrupção e no escândalo do “mensalão”. E Paulo Okamoto, também citado no texto 1, até a data presente, é diretor-presidente do Sebrae, desde o ano de 2005 – nota nossa.

República brasileira, que deveria, representar as ‘ideologias’ da sua sociedade – usar um símbolo de nacionalidade e patriotismo que é a camisa da seleção nacional de futebol, e no caso argentino. Se seguirmos esta linha de raciocínio, será com o agravante de estarmos às vésperas da Copa do Mundo de futebol (cerca de um mês e meio antes), ainda que as intenções (e aqui neste estudo não trataremos de intencionalidades) não tenham sido estas e que os propósitos tenham sido simplesmente de estabelecer uma relação amistosa, o fato repercutiu bastante na imprensa brasileira, tornando-se alvo fácil de retomada do reforço à necessidade – construída – de crítica ao governo Lula.

Nota-se ainda que a “camisa da seleção” passa a ser “camisa-de-força”, isto é, a atitude do presidente é, ao menos aos olhos do autor, julgada como qualificativa de desprovemento de juízo, loucura; então se o presidente para ser simpático veste a camisa da seleção de um adversário futebolístico tão condenável (para os co-enunciadores), logo ele – o presidente – merece outro presente: uma camisa-de-força, símbolo dos antigos manicômios, para que a vista sem hesitação, o que pode ser confirmado com a frase “*E quando ele vai vestir a camisa-de-força?*”. Outra vez suscitando a (pseudo)necessidade de crítica ao sistema político brasileiro.

Vejamos a seguir como o texto humorístico se utiliza dos mecanismos lingüísticos para envolver o leitor em sua pseudo-necessidade de fazer, refazer e ratificar a crítica política e social.

Possenti (1998) ao explorar piadas em seu livro “*Os humores da língua...*” afirma a necessidade de pesquisas de cunho lingüístico que voltem a atenção ao estudo de textos de humor (piadas ou demais textos humorísticos), classificando-as a partir dos mecanismos lingüísticos.

Observemos o trecho:

Exemplo 1
<p><i>Gravata dá nó no rabino!</i></p> <p><i>Rabino Henry Sobel foi pego sobeltraindo gravatas da Vuitton, Gucci e Armani na Flórida! Então não é rabino, é ROUBINO! ROUBINO Sobel!</i></p>
Data: 31 de março de 2007.

Vejamos também:

Exemplo 2
<p><i>“E a pomba que paralisou Congonhas? Congonhas muda de nome pra POMBONHAS!”.</i></p>
Data: 31 de março de 2007.

Nos dois casos acima percebemos que é a troca de um fonema que provoca a sensação de graça no texto. No exemplo 1 temos a diferenciação entre as palavras RABINO e ROUBINO garantida pela permutação entre os fonemas /a/ e /o/ e inserção de um outro, o /u/, distinguindo-os tanto no plano oral quanto no escrito. Dessa maneira, constrói-se uma nova palavra. No exemplo 2 a distinção entre as palavras se dá pela troca de dois fonemas /c/ por /p/ e /g/ por /p/, assemelhando-as

na pronuncia. Esse recurso fonológico é constantemente utilizado por JS para a elaboração das piadas, e assim, para a construção dos sentidos esperados.

Esta análise ainda nos permite dizer que é pelo viés fonológico que JS acaba aproximando também os sentidos e significados, já que ao trocar o uso de rabino por roubino, dá a entender que o rabino é um ladrão. Aspecto semelhante se efetua também no exemplo 2, pois ao autorizar o uso de pombonhas, intrinsecamente, está dizendo que o aeroporto Congonhas deixou de ter a função para tráfego de aeronaves para ser antro de pombas.

Ao fazer do sobrenome do rabino um verbo, JS, ele o conjuga como se fosse o verbo subtrair, dando equivalência de sentido aos dois. Além disso, faz a equivalência verbal a partir do sobrenome da *persona* envolvida. Assim:

Esquema 2			
Sobel →	sobel + traindo →	sobeltraindo →	subtraindo
Sobrenome	Sobrenome + Verbo “Trair”	Forma Resultante	Sentido Resultante

Percebemos, que há a inversão de sujeitos sintáticos. O mais usual, em português do Brasil, seria dizer 1-‘O rabino dá nó na gravata.’, porém, a estruturação usando o sujeito rabino da frase 1 como complemento da frase 2- ‘Gravata dá nó no rabino!’ produz o efeito de humor no texto. Outra inferência que se faz é a de que com a segunda frase o que está em jogo não é o fato de o sujeito da 1 ser rabino, para a 2 tanto faz que o sujeito da 1 seja representante de uma religião,

pois este é visto como um complemento na 2, ou seja, assim uma pessoa é tornada objeto. Vejamos:

Esquema 3		
Sujeito	Verbo	Predicado/Complemento
O rabino	dá	nó na gravata.
Gravata	dá	nó no rabino.

Com o esquema, podemos verificar que há inversão dos sujeitos e aquele que seria, numa construção usual da língua, o sujeito gramatical torna-se o complemento da construção proposta por JS no seu texto. Ou seja, para proporcionar ao seu leitor um tom engraçado, JS faz inversões sintáticas; neste caso, não será o rabino – que seria o esperado numa construção usual – quem praticará a ação, será o objeto ao qual o rabino está ligado que efetuará a ação nele:

Bergson, assim como Aristóteles, afirma que só ao homem é facultado o riso, porém, ri-se dos animais e objetos quando a estes são deliberadas ações que se assemelham às ações dos homens, isto é, por exemplo, não rimos de um cachorro em si, mas muito provavelmente nos causará o riso se este mesmo cachorro nos aparecer com vestimentas semelhantes às do seu dono. No caso do exemplo 4, o

riso nos é provocado exatamente por permitir que imaginemos uma gravata dando um nó no possível cliente. Ao propor essa transposição, o autor impõe ao leitor que a atitude do rabino levou-o a se tornar o objeto de seu objeto, ou mais, que ao rabino não seria mais possível discernir em qual posição ele estaria.

2.3. Ideologia e poder

Segundo Van Dijk (1995), o uso da mídia está direta e estritamente vinculado à questão do poder das elites sobre as demais camadas sociais. Para o autor, seu uso e abrangência facilita a difusão de ideologias de um determinado grupo social – o dominante – e, conseqüentemente, firma a dominação deste sobre os demais; isto é, há um controle sobre as ações daqueles que não pertencem ao grupo dominante e a perda de liberdade dos ‘dominados’.

Este domínio se dá por meio de estratégias discursivas variadas a fim de criar um vínculo de credibilidade com o outro (o leitor do texto de José Simão, por exemplo). Podemos citar, dentre as estratégias, as citações, relatos, fontes confiáveis, que são empregados para controlar e manipular a aceitação de tais modelos, já que a mídia tem como uma de suas funções a de padronizar os moldes.

Isso não significa que seja exatamente a mídia que defina e produza as ideologias, cabe também a ela um outro papel, essencial, o de reproduzir e difundir tais ideologias entre os membros de um determinado grupo social a que se destina (o leitor de um jornal, por exemplo).

Partindo dessa postulação, podemos evidenciar a veiculação de ideologias, quando, por exemplo, faz a menção de aspectos concernentes ao humor e à própria marca ideológica:

E o dalai-lama disse que "os jornalistas têm de ter trombas de elefante para farejar as notícias". Tromba de elefante? Entendi, jornalista, além de bem informado, tem de ser bem dotado! Rarará! Eu tenho tromba de anta, serve? Rarará!

Data: 28 de abril de 2006.

Com este trecho põe-se em evidência um conjunto de informações, que vão do campo da materialidade física de um ser a questões ideológicas, que também estão inseridas no processo do humor, a exploração de um tópico que é notoriamente típico desse processo pertencente ao campo da materialidade física: o estereótipo das características físicas e a menção sexistas nas piadas que revela o pensamento de uma sociedade, como Possenti (1998) afirma. Ao mesmo tempo em que usa do discurso de um terceiro – que não pode ser o leitor nem o colunista (pois somente assim será possível o riso) –, para construir com isso sua piada, alimenta uma face de poder. A isso o leitor atua como agente ativo, pois ele está em comunhão com o colunista.

Assim, os modelos mentais (aqueles que são, digamos, representantes do senso-comum em uma determinada sociedade) e que estão presentes nas representações sociais são oriundos das percepções sociais e das interações cotidianas, compartilhados em discursos públicos – que também são difundidos pela própria mídia. Com isso, o aprendizado do público não está necessariamente ligado à sua experiência: criam-se atalhos informativos, dados pela mídia, para o acesso a novas atitudes e ideologias e, desse modo, elaborar seus modelos que são apresentados a uma determinada sociedade por articulistas que compartilham de uma ideologia, como bem mostrou Chauí (2000):

Os ideólogos são membros da classe dominante e das classes aliadas a ela, que, como intelectuais, sistematizam as imagens e as idéias sociais da classe dominante em representações coletivas, gerais e universais. Essas imagens e idéias não exprimem a realidade social, mas representam a aparência social do ponto de vista dos dominantes. São consideradas realidades autônomas que produzem a realidade material ou social. São imagens e idéias postas como universais abstratos, uma vez que, concretamente, não corresponde à realidade social, dividida em classes sociais antagônicas. Assim, por exemplo, existem na sociedade, concretamente, capitalistas e trabalhadores, mas na ideologia aparece abstratamente o Homem. (2000, pp. 216-219).

Porém, é válido lembrar que as ideologias controlam – ou têm maior poder – sobre o conhecimento geral, comum, mas não necessariamente sobre o

conhecimento individual; desse modo, cria-se uma abertura para um distanciamento do olhar do indivíduo sobre a coletividade. Talvez seja nessa lacuna que se deva atribuir ao leitor a sua carga de responsabilidade humanizadora e possibilidade de sair desse ciclo de reprodução e repetição ideológicas.

Podemos ainda definir essa manobra das ideologias, citando mais uma afirmação de Chauí (2000):

A inversão entre causa e efeito, princípio e consequência, condição e condicionado leva à produção de imagens e idéias que pretendem representar a realidade. As imagens formam um imaginário social invertido – um conjunto de representações sobre os seres humanos e suas relações, sobre as coisas, sobre o bem e o mal, o justo e o injusto, os bons e os maus costumes, etc. Tomadas como idéias, essas imagens ou esse imaginário social constituem a ideologia. (2000, pp.216-219).

Nota-se que as relações sociais, vistas pelo viés proposto por Van Dijk (1995), estão relacionadas à área de representação mental compartilhada e assimilada pelos indivíduos e, conseqüentemente, da relação estabelecida entre as instâncias interpoladas pela mídia – poder/autoridade (elite → dominação) e não-poder/não-autoridade (maioria → dominados); uma relação que será representada através da língua e, mais especificamente, através do discurso.

Observemos no esquema a seguir que o discurso humorístico confere a um processo de encadeamento e articulação sistemáticos. Para a manutenção das

instâncias que constituem o trinômio poder – mídia – não-poder há a necessidade de uma inter-relação. Vejamos:

No esquema acima, podemos observar que no discurso se tem a expressividade das relações sociais mediadas pela língua. Qualquer uma das instâncias que se utilizam da língua para se expressar são, de algum modo, submetidas às demais instâncias, isto é, para que elas existam é preciso que existam as demais, visto que se nutrem dos resquícios discursivos de suas co-elaboradoras.

Porém, note-se que no triângulo do esquema há uma ordem hierárquica para as condições de poder. A mídia está no centro, pois ela articula as outras duas instâncias de maneira a melhor lhe satisfazer, contudo, isso não impossibilita a intersecção entre as duas localizadas nas extremidades.

O discurso, nesse contexto, apresenta-se como materialidade dos desdobramentos das representações imaginárias dos lugares que os interlocutores atribuem um ao outro e a si mesmos (Pêcheux, 1999).

2.4. Ideologia e Análise do Discurso

Enquanto a ideologia pode ser considerada como base de sustentação de uma sociedade, por sua vez, o conhecimento pode ser entendido como um saber partilhado pelos membros de uma comunidade social ou cultural, sem que haja necessariamente a presença de uma ideologia.

Assim vista, a ideologia, seria, por definição, social e comum aos membros de um grupo, controlando as crenças sobre o mundo e ainda os critérios de avaliação dos membros sobre a realidade. Logo, as ideologias são o fundamento das ‘representações sociais compartilhadas’ (que são, os ditos modelos mentais que caracterizam as circunstâncias de aparição da ideologia – ambiente, papéis) por grupos sociais e, mais especificamente, armazenadas na memória do integrante social.

Por outro lado, o discurso – entendido como a materialização do uso da língua em determinado contexto histórico-social –apresenta-se como elemento de reprodução de uma ideologia (e também produtor de outra); isto é, o discurso é ideológico por si, sendo marcado pela ideologia ‘geral’ e daquele que produz o discurso. Assim, o discurso constrói e reproduz também várias classes de conhecimentos, reveladas pelas estratégias utilizadas na organização das idéias. E nesse sentido, algumas ideologias podem funcionar para legitimar a dominação, mas também para articular a resistência nas relações de poder.

Ainda é possível dizer sobre a base das maneiras como as ideologias organizam atitudes sociais, supõe-se um esquema ideológico geral que consiste em um conjunto de categorias básicas que definem a auto-identidade de grupos (critério de identidade, atividades típicas, objetivos, normas e valores, grupos relacionados e recursos ou falta deles).

O grupo social a que pertence o leitor da coluna de JS pode pertencer a outros grupos sociais – o que é de se esperar –, mas quando atua na função de leitor da Folha de S. Paulo e, mais especificamente, da coluna pesquisada, percebe-se uma postura quase incisiva do colunista: a de tentar antecipar a postura de seu leitor. Ele, JS, atua como se soubesse quem é seu leitor, como se soubesse o que o outro busca em seus textos, por isso mesmo articula de tal forma as informações que acaba por conduzir uma manifestação específica para este grupo social, definindo atitudes e categorias várias de auto-identidade entre o grupo.

Estas categorias explicam muitas propriedades das ideologias, mas não há certeza de que elas se apliquem bem a todas elas (como aquelas religiosas, políticas, profissionais, etc). O que parece é que as ideologias podem ser adquiridas e que para serem usadas necessitam algum tipo de organização, como é o caso também para outros sistemas de crenças.

Ao relatar uma posição marcadamente ideológica, JS, além de veiculá-la, pode induzir ao surgimento de outras. Vejamos como essa marca aparece num trecho do texto de JS. Observemos o exemplo:

“[...] E a campanha do Garotinho, que recebeu grana até de assaltante? O quê? O Garotinho está sujando o nome do assaltante? Rarará. Então manda o Garotinho para a Febem.[...]”.

Data: 28 de abril de 2006.

Neste exemplo, podemos perceber que algumas situações e informações vigoram a partir da ideologia predominante (a partir de um senso-comum, de que todo político é ladrão) que se materializa no enunciado. Num primeiro momento, e gradativamente, JS vai construindo seu raciocínio conduzindo o leitor a também aderir ao seu modo de pensar.

Na sequência, no esquema, buscamos demonstrar e observar as etapas lingüísticas que se materializam no enunciado dando-lhe o sentido esperado pela comunidade (leitora da coluna, especificamente).

Para a análise do excerto do texto que propomos, primeiramente tomemos como base os núcleos enunciativos do trecho “Garotinho”, “receber dinheiro de assaltante”, “ ‘sujar’ o nome do assaltante” e “Febem”, pois a partir desses núcleos elaboramos o esquema:

Esquema 5		
↓	Núcleos Enunciativos	Movimento
	Garotinho	Ideologia marcada no senso-comum.
	receber dinheiro de assaltante	Ser corrupto (todo político).
	“sujar” o nome do assaltante	Ser desonesto (todo político e mais pontualmente o referido); Julgamento de valor.
	Febem	De indução.

É a partir dos dois primeiros núcleos enunciativos que o autor constrói o movimento (este calcado no que Althusser (1970) institui como AIE, as leis) que induz ao sentido esperado pela comunidade leitora – e no qual emanará o riso –, materializado lingüisticamente pelo uso do substantivo próprio com significado de substantivo comum, isto é, o “Garotinho” político é transformado em qualquer “garotinho”.

Mais uma vez o autor faz afirmações que partem de um elemento específico para uma generalização: de um político ser corrupto e desonesto para todos o serem. Ao afirmar que lugar de “garoto” que foge à lei é na Febem, induz seu leitor a acreditar que o destino, ou o lugar de “correção” para comportamentos inadequados, de político corrupto seja o presídio.

O questionamento proposto nesse enunciado pode levar seu leitor não a refletir, mas a aderir sem qualquer hesitação ao que está dito, favorecendo novamente a solidificação do senso-comum. Isso parece-nos não ser a situação ideal para um texto que tem por objetivo ser humorístico. Em outro momento, ainda ratificando a postura observada, induz a um pensamento do leitor, tentando persuadi-lo por meio de uma não-explicitude:

<p><i>“ E o Itamar é candidato só para fazer Fusquinha! [...]”.</i></p>

<p>Data: 28 de abril de 2006.</p>

Sabemos que popularmente a expressão “fazer fusquinha” significa fazer careta com intuito de desdenhar, temos no trecho, aparentemente, um evidente ponto de vista (que pode ou não ser o do autor): o de que este candidato não deve ser levado a sério. Porém, isso só pode ser determinado por um contexto que é próprio do *corpus* e que pertence também às estruturas do contexto, ainda podemos dizer que o discurso muda o conhecimento que os participantes têm sobre o conhecimento do outro.

Isso pode ser constatado na afirmação feita, pois falar de um candidato que já fora presidente com tal “espirituosidade”, configuraria, no mínimo uma indelicadeza. Contudo, não se trata de sutilezas dessa natureza, mas sim de associações a um conhecimento previamente partilhado pelo grupo, já que foi na época de atuação de Itamar Franco como presidente que surgiu um projeto para

crescimento das indústrias automotivas no país, que segundo seu governo, como alavanca inicial, seria dada com a reedição do modelo “fusca” (carro visto como popular e com o qual o povo brasileiro se identifica).

Ressaltou-se bastante o caráter social da ideologia, contudo, ainda que as ideologias sejam socialmente compartilhadas, obviamente nem todos os membros de grupos a elas são submetidos de igual maneira, podendo os membros falarem ou atuarem sobre a base da ideologia adquirida, mas nem sempre podem formular suas crenças explicitamente. Do mesmo modo, poderíamos assumir que nem todos os membros se identificam com um grupo ideológico (aqui entendido como membros que partilham de determinada ideologia) da mesma maneira e com igual força, sendo necessário assumir as variações em experiência e identificação.

Isso nos leva a refletir sobre a coletividade das ideologias, ou seja, sua base social. Supõe-se que elas sejam propriedades de ‘grupos sociais’ e que estes grupos podem ser conjuntos mistos. Mas nem todas as coletividades sociais são ‘grupos ideológicos’, já que essas coletividades podem estar reunidas para partilharem modelos mentais que antecedem a estrutura ideológica. Portanto, é necessário satisfazer vários critérios sociais sobre a durabilidade, continuidade, práticas sociais, interesses, relações com outros grupos, incluindo também a base fundamental de identificação de grupo: um sentimento de pertencer ao grupo que se expressa tipicamente pelo pronome *nós*, como relata Van Dijk (2003).

Pensando por este ângulo, percebemos que os grupos sociais têm ideologias relacionadas com suas metas e interesses a respeito de outros grupos, além de terem, como comunidades culturais, outras crenças gerais, estas, como dito em outro momento, nem sempre ligadas a ideologias como conhecimento, normas e

valores que não precisam relacionar-se com as de outras comunidades culturais. O autor conclui que as coletividades ideológicas são comunidades de práticas e comunidades de discurso: não que uma associação seja ideológica enquanto organização, mas sim a coletividade de pessoas que a compõe. Isso nos parece ser bastante singular, visto que tratamos nesta pesquisa exatamente de um texto que está diretamente vinculado a uma organização: a mídia do jornal Folha de S. Paulo.

As ideologias necessitam de uma representação específica para um determinado grupo social, estas representações são a base do discurso, como salienta Van Dijk (2005):

Se han definido las ideologías como creencias fundamentales que subyacen en las representaciones sociales compartidas por tipos específicos de grupos sociales. Estas representaciones son a su vez la base del discurso y de otras prácticas sociales. (2005, p. 7)

Percebemos ainda que tais representações se instauram no discurso, isto é, a maneira de como elas são difundidas, produzidas e reproduzidas é através do discurso. Mais uma vez, ancoramo-nos no que o autor informa a respeito:

También se ha supuesto que las ideologías son principalmente expresadas y adquiridas a través del discurso, esto es, por interacción comunicativa hablada o escrita. Cuando los miembros de un grupo explican, motivan o legitiman sus acciones

(grupales), lo hacen típicamente en términos de discurso ideológico. (2005, p.7-8).

Outro aspecto que pode ser levantado a partir dessas constatações é a intervenção do contexto que, por sua vez, depende das e influencia as propriedades relevantes da situação comunicativa tal como são interpretadas pelos usuários da língua. Assim entendidos, pode o contexto ser denominado de ‘definições da situação’, como o chama Van Dijk (2005). Uma de suas características é fazer com que o discurso veiculado seja aceito por quem o lê, no nosso caso; porém, ele pode ser marcado ideologicamente como resultado de “*actitudes subyacentes que são por si ideológicas*” (Van Dijk, 2005).

Elemento não menos relevante é a compreensão do discurso. Para este aspecto podemos destacar que ele também depende da relação que se tem entre os interlocutores ou co-interlocutores, ou seja, como seus interlocutores são percebidos ou não pelo outro, como são ideologicamente parcializados.

Há, neste aspecto, uma dimensão que se diferencia: a de incluir o *nós* e excluir *eles*. Explicamos. Ao fazer uso do pronome *nós*, JS aproxima o leitor a uma concordância do que está sendo dito, ou seja, o leitor se torna voz ativa, não só o colunista; ao passo que ao ser utilizado o pronome *eles*, JS, marca – negativamente – o limite de quem faz ou não parte daquilo que se diz, excluindo a si e, conseqüentemente, ao seu leitor (ou co-interlocutor), algo que como foi mencionado é presente no texto de JS. Assim, temos:

Esquema 6
JS + leitor → nós → situação positiva → poder
Não JS e/ou não leitor → eles → situação negativa → não poder
JS + Ø → eu (autoridade plena) → situação positiva → poder

Observemos o excerto a seguir:

<i>E vai indo que eu não vou!</i> <i>Acorda, Brasil!</i> <i>Que eu vou dormir!</i> <i>UFA!</i>
Data: 28 de abril de 2006.

Claramente percebemos que há uma exclusão dos outros – *eles* que não lêem o jornal, a coluna – *nós*, que partilhamos de opiniões e conhecimentos semelhantes (ideologias ou não, conhecimento de grupo, etc) podemos nos dar ao luxo de ir dormir, ou em outras palavras, *nós* temos aspectos positivos, enquanto *eles* merecem ser lembrados de acordar. Há ainda outro aspecto interessante de ser analisado: com o uso de um pronome pessoal em primeira pessoa, na primeira e terceira linhas, presencia-se que nem sempre os membros de um grupo aderem ao grupo ideológico de maneira igual e com a mesma intensidade, sendo necessário pensar nas variações de experiência e identificação.

O discurso passa então a ser visto e entendido como construtor de várias classes de conhecimentos, direcionadas às comunidades que nele têm seu conhecimento implicado. O conhecimento é essencial para a compreensão do discurso e contribui para dar sentido ao texto.

2.5. Estratégias discursivas e argumentativas

Neste item pretendemos abordar de maneira sucinta as maneiras práticas de como as ideologias e demais estruturas são apresentadas no discurso.

Os falantes de um idioma produzem e compreendem estrategicamente tanto a fala quanto o texto escrito. Sendo assim, as formas fonológicas, lexicais, sintáticas, os significados locais e globais podem ser controlados pelas representações subjacentes, como é o caso dos chistes, dos lapsos e até a própria ambigüidade, podendo estas ser enunciadas pelo discurso. A estratégia geral que controla estes variados movimentos e estruturas está baseada na interna polarização intragrupal e extragrupal das ideologias: *nossas coisas boas e suas coisas más* → enfatizadas e o seu contrário.

Especificamente no nosso caso, percebemos que tais conhecimentos embutem o poder que a mídia carrega em sua transmissão, que ora faz pelo viés discursivo e ora pelo simbólico. Contudo, de quaisquer das maneiras irá formular e apresentar aquilo que o ‘auditório’ aceita, pois só conseguirá desenvolver sua argumentação se estiver conectado a teses admitidas pelo auditório, em momento anterior ao da discussão, como se fosse um pré-contrato (Perelman & Tyteca, 1996).

Neste sentido, as informações apresentadas sempre estarão de acordo com o que é permitido pelo público leitor da coluna de José Simão, o que nos leva a

afirmar que o humor serve como subjacência para algo extralingüístico, propriamente dito.

Todo leitor dispõe do uso de estratégias argumentativas e/ou discursivas e não é exceção o leitor do texto humorístico de JS na FSP. Tais estratégias não se diferenciam de muitas outras estruturas formais: não variam com a ideologia, podendo, dessa maneira, relacionar-se com as demais de outros grupos através da educação, da formação e experiência.

Por ser independente da ideologia, a argumentação nos leva a deduzir que para ser ou não taxada como boa ou má, dependerá mais dos indivíduos do que dos grupos. Assim:

[...] a eleição de um ponto de vista não é inocente, se trata de um das possibilidades de que dispõem os usuários da linguagem para pôr ênfase no significado e nas crenças subjacentes. (Van Dijk, 2003, pp.).

A argumentação servirá para se obter a adesão do auditório para uma tese determinada como propõe Perelman & Tyteca (1996), ao invés de o argumentador impor suas vontades por coação ou alienação, ou seja, o argumentador (ou autor, no caso de JS) utilizará estratégias para compor seu texto de modo a induzir o leitor a enxergar aquilo que o autor quer que se deduza, como demonstra o esquema abaixo:

Quando JS diz:

“ Antitucanês Reloaded, a Missão. Continuo com a minha heróica e mesopotâmica campanha Morte ao Tucanês”. Acabo de receber mais um exemplo irado de um militante do antitucanês. É que em Malawi, na África, tem uma universidade chamada Bunda College. Devia abrir franquia no Brasil! A Paixão Nacional Rarará. Mais direto, impossível Viva o antitucanês! Viva o Brasil!”.

Data: 28 de abril de 2006.

Ou ainda:

“E atenção. Cartilha do Lula. Mais um verbete para o óbvio lulante. "Estadista": companheiro Lula que adora freqüentar estádio. Rarará. O lulês é mais fácil que o inglês. Nós sofre, mas nós goza. Hoje só amanhã!”

Data: 28 de abril de 2006.

Por estes exemplos, presenciamos em ambos, que JS traz como argumentos a necessidade de positivação do *nós* e a negativação *deles*. Além de provocar um retorno à memória episódica do seu leitor e de um senso-comum entre as séries de filmes norte-americanos (em geral, filmes de ação que têm continuação intitulam-se no segundo período como *reload*, a missão, ou com referências do gênero – como *Matrix: Reloaded*), pressupõe também que seu leitor já tenha assistido a filmes de feição artística semelhantes, evidenciados principalmente na expressão “*Antitucanês reloaded*”.

Deixa evidente sua marca pessoal de “*minha heróica e mesopotâmica campanha*”, ou seja, não é qualquer lista: é uma lista heróica (adjetivo de qualidade positiva em nossa cultura, nada melhor do que ser o herói de uma missão); e mais, é mesopotâmica: o valor intrínseco a uma sociedade situada em outro momento histórico. Finda seu comentário, exaltando essa ‘missão’: “*Viva o antitucanês! Viva o Brasil!*”.

No segundo excerto, mais uma vez, ele remete o leitor a sua memória episódica. Quando diz “*Cartilha do Lula*”, leva o leitor a pelo menos duas leituras: uma que diz respeito ao senso-comum de que o presidente é alguém carente de formação escolar, remetendo ao binômio alfabetização ↔ não-alfabetização. E neste caso, o trabalho de JS é para incutir no leitor a idéia de que Lula é sinônimo de ignorância. E leva também a uma segunda leitura, quando o presidente propôs uma cartilha de ações voltadas ao setor econômico, que gerou alguma polêmica na mídia e mesmo dentre os membros do Governo.

Quanto à primeira leitura, seria ingenuidade pensarmos que o autor fez referência à cartilha apenas por representar o senso-comum dentro da sociedade

brasileira que julga o presidente como sendo semi-alfabetizado. Por isso, consideramos a segunda leitura mais propícia ao cerne do próprio jornal e do perfil que apresenta JS, sem, contudo, excluir a outra, já que seus leitores também podem lembrar-se desse episódio. Além de justificar, com o fato de o Lula lançar “modinhas” (palavras e usos inadequados de palavras), a existência do próprio “dicionário” proposto por JS em sua coluna³².

Isso vem a ser confirmado com a exploração lingüística do termo ‘estadista’, que no dicionário Novo Aurélio vem a ser denominado como “pessoa versada em assuntos políticos; homem de Estado”. Porém, JS não faz referência direta a esse sentido, cria o seu próprio, com a utilização de vocábulos amplamente marcados no discurso de Lula (quando ainda sindicalista e candidato a cargos públicos do/no governo), por exemplo, “companheiro”; e uma menção lexical de um outro vocábulo: “estádio” (de futebol).

Assim, com a utilização de vários elementos gramaticais formadores de palavras, ora com a inclusão de sufixos, ora com o apagamento de sufixos, ora com a substantivação de nomes próprios, ora com a criação de adjetivos, ora com jogo de palavras, ora com a ambigüidade, dentre outras possibilidades, compõe suas piadas.

Em referência ao exemplo anterior, vejamos o quadro seguinte:

³² O resultado dessas “coletâneas” podem ser visualizados no livro, lançado recentemente, “No País da Piada Pronta”, onde reúne verbetes do “lulês”, “tucanês” e “anti-tucanês”.

Quadro 2

1) Estadista: pessoa versada em assuntos políticos; homem de Estado → exclui esse sentido, o denotativo; formação:

2) Companheiro: palavra amplamente usada por Lula, que marca o discurso petista (partido político do qual é filiado e membro emérito).

3) Anula o sentido denotativo de “estadista”, utiliza o sufixo “ista” como atividade e faz aproximação sonora de estádio e estadista (não leva em conta que suas raízes não são as mesmas) e conclui que “estadista” é aquele que tem como atividade ir ao estádio.

O autor faz a junção desses elementos, constrói e cria um novo sentido para ‘estadista’: “*companheiro Lula que adora freqüentar estádio*”. Surge o humor, a graça pelo conhecimento que seu leitor tem dessas possibilidades que a língua propicia e que já são esperadas pelo próprio leitor. Portanto, o que se afirma, mesmo que não tão explicitamente, é que Lula é estadista, mas porque frequenta estádios e não porque é versado em assuntos políticos. Mais uma vez JS vai para o impossível, extrapola para o que não é, já que, como dissemos no quadro, estádio (do grego *stádion*) não apresenta a mesma raiz de estadista (estado, do latim *statu*), aciona-se novamente a pauta prévia de crítica à política e, mais especificamente, ao governo Lula.

Tal leitura se intensifica se analisarmos as palavras “lulante” e “Lula”. Como se nota, a primeira é criada a partir da segunda, como se fosse um substantivo derivado. Além disso, se desmembrarmos a primeira, veremos como é composta.

A expressão “*óbvio lulante*”, num primeiro momento, pode se apresentar apenas como uma crítica ao vocabulário proferido pelo Lula. Satiriza esta marca do presidente, que aos olhos do conhecimento grupal e compartilhado é uma vergonha (lembrando que este mesmo público é de uma diferente posição da do presidente, faz parte, em sua maioria, de uma elite mais conservadora).

O sentido que o autor dá ao nome Lula fica explícito em suas observações, como os que mencionamos, e ao unir o semantema ao sufixo latino “-ante”, produz um outro significado, o primeiro é o suporte do significado. O sufixo utilizado corresponde ao agente da ação, neste caso especificamente, qualificando o resultado da composição a um estatuto de “lulante” exprimir “algo que é próprio do Lula”. O que nos remete novamente à “Cartilha do Lula”. Ainda é possível observar quando unimos a expressão “Cartilha do Lula” a “óbvio lulante”, que o colunista indica por ser um livro voltado ao aprendizado, o autor se posiciona como um ser superior, por estar alocado num lugar de poder, o que é marcado no discurso com “*Mais um verbete para o óbvio lulante*”.

Ao compor tal oração, o autor concede aos termos “mais”, “um” e “para” valores que remetem ao JS um ar de superioridade, que pode ser observado com o uso de “para o”; ou seja, ao utilizá-lo permite pensarmos que ele faz isso como se

fosse uma caridade, ou talvez, um ato de cidadania, como se dissesse aos seus leitores “já que esse presidente é um incapaz, vamos ajudá-lo ofertando-lhe ‘mais um verbete’, visto que ele insiste em fazer um livreto de aprendizado”.

Desse modo, o ‘mais um’ recebe ao mesmo tempo uma carga semântica negativa e positiva. Positiva para o autor (e leitor, conseqüentemente, já que nesse momento as *personas* se confundem e se coincidem, tornam-se co-enunciadores) e negativa para o governante (e também para qualquer outra pessoa que seja favorável ao presidente; já que também neste caso, as *personas* se confundem e coincidem). Em poucas palavras, trabalha sempre com os extremos de uma balança: um valor inclusivo e outro excludente.

CAPÍTULO III

3. A escrita sobre o humor e sua espetacularização

De que forma o humor é percebido pelas mais diversas instâncias sociais? Foi a partir desse questionamento que buscamos compreender e estruturar este capítulo, apresentando desde indícios que se instauram na escrita – como ato de linguagem – até o que alguns teóricos dizem sobre o humor.

3.1. Texto humorístico, escrita, suporte e sociedade

A escrita, a partir dos conceitos de Certeau (2005), é entendida como conhecimento quando ela se instaura como escritura, isto é, algo que não pode ser apagado do/no ‘corpo’³³, dessa forma, assegura-se o real conhecimento. Por sua vez, este só se dará com o trabalho: *[...] coloca-se uma superfície autônoma sob o olhar do sujeito que assim dá a si mesmo o campo de um fazer próprio [...]*

³³ Aqui nos referimos ao corpo psicanalítico.

(Certeau, 2005, p.225). Isso nos leva à questão de como se fundamenta a relação de quem escreve com a escrita e de quem lê com a escrita.

Como dissemos, o humor, em nossa contemporaneidade mais especificamente, é um produto de uma sociedade global e sendo assim é uma mercadoria, e como tal pode promover um encantamento que cega, não deixando enxergar as estratégias mercadológicas (manifestadas pela expressão lingüística) que o texto divulga.

Partamos do princípio segundo o qual todo escrito estará vinculado a um suporte e, levando-se isso em consideração, localizaremos as instâncias e as relações de poder, já que um suporte como o livro ou o jornal impresso recebe uma certa valoração; ou seja, quando se valoriza um suporte (e, conseqüentemente, um texto que nele está, sem uma observação mais atenta), estabelecem-se algumas relações de poder entre vários membros, por vários meios: tem-se o escrito e o suporte; o escrito e o leitor; o escrito e o escritor; e mais, entre o escritor e o leitor; o escritor e o suporte; e ainda, o leitor e o suporte.

Com isso podemos configurar o esquema abaixo. Vejamos:

Nesse sentido, o suporte (seja ele jornal, revista, meio eletrônico, livro, etc) que carrega o humor é admitido como elemento de grande valor; em outros termos, recebe uma carga valorativa positivada, às vezes, maior do que realmente deveria receber. Com isso, esses meios, analogamente, equiparam-se ao conteúdo e este aos meios, ou seja, tornam-se um só bloco, a mesma coisa; assim, quando se está falando do suporte é como se estivesse fazendo a análise também do conteúdo e seu caminho contrário também. Desse modo, o humor recebe o mesmo estatuto ofertado ao livro, admitindo-se nele um valor que não está explicitado – podendo ser aqui denominado por valoração do objeto –, idéia que é percebida mais nitidamente nas falas do senso-comum, como pudemos observar na fala de um ator ao ser entrevistado para um programa dominical sobre a peça a estrear, diz que “[...] *o humor tem esse poder de alertar [...]*”³⁴.

Quando observado apenas o livro como suporte material de um escrito, atribui-se mais valor ao que ali se sustenta. Por exemplo, um texto acadêmico, mesmo que conhecido, mas não publicado, receberá uma valoração diminuta se comparado com o mesmo texto se for publicado num livro (como suporte material); ou seja, só por estar no suporte “livro”, ele recebe um valor a mais, um valor positivo que, por extensão, revela uma valoração por publicação editorial (e pelas próprias editoras).

Dessa forma, se o livro pode receber “qualquer tipo de informação” que ele continuará sendo livro, então ele está sendo “menorizado” como suporte, pois se

³⁴ Na ocasião tratava-se da peça “Sua Excelência, o candidato”, apresentada ao público no programa “Fantástico”, de 01 de outubro de 2006, às 22h57; peça que, segundo o ator Reynaldo Gianecchini é um texto de 20 anos e tem como pano de fundo a época das ‘Diretas Já’.

não há regra objetiva (considerando que classificar um texto como “bom” ou “ruim” para ser publicado, um paradigma muito subjetivo) para designar o que é ou não “livro” (além daquele que os dicionários dizem) ou como se caracteriza um (forma interna, externa, tipo de fonte, dentre outros), qualquer objeto que seja identificado como “livro”, o será; desse modo, entendemos que o suporte “livro” por si está “menorizado”, apesar da sua aparente valoração.

Assim, analogamente ao que ocorre com o livro³⁵, o texto humorístico é sacralizado pelas mais diversas camadas da sociedade, recebe um valor que toma lugar da ação, preferindo a estagnação³⁶. Nos textos de José Simão, percebe-se que a repetição é aquela que circula no senso-comum e, conseqüentemente, reflete uma ideologia, caracterizando a repetição como se fosse a própria crítica e não um instrumento para tal, tornando o texto humorístico apenas uma embalagem.

A partir desse ponto, podemos relacionar essa valoração do objeto aos conceitos de Certeau (2005) em relação à escrita (como escritura ou como escrito). O que se nota nos textos humorísticos se relaciona mais ao escrito (sem trabalho) do que à escritura (com trabalho). Para Certeau (2005) trata-se de uma engrenagem própria da maquinaria social:

[...] essa panóplia desenha em pontos fixos as relações entre regras e corpos igualmente móveis. Em peças destacadas eis a máquina de escrever da Lei – o sistema mecânico de uma articulação

³⁵ O suporte livro carrega em si uma representação de objeto de importância, ou seja, o estatuto de livro já garante uma igualdade de valor para qualquer tipo de conteúdo que nesse suporte se instale.

³⁶ Queremos dizer com isso que não provoca uma reação com vistas a mudanças, mas sim provoca uma reação-paralisante, na maior parte das vezes.

social. Essa maquinaria transforma os corpos individuais em corpo social. Ela faz esses corpos produzirem o texto de uma lei. Uma outra maquinaria vem somar-se a esta: paralela à primeira mas de tipo médico ou cirúrgico, e não mais jurídico. Ela serve uma ‘terapêutica’ individual e não coletiva. [...] .(2005, p.233).

Tal engrenagem vincula-se a uma necessidade não aparente de que se faça parte de uma cultura que prioriza a substituição – e para o nosso caso, uma substituição de falta pelo texto humorístico de José Simão –, como destaca Certeau (2005):

[...] é substituída por uma terapêutica de acréscimos (o mal é uma falta, um déficit, que se deve suprir por drogas, apoios etc), a aparelhagem da utilidade continua exercendo o seu papel de escrever sobre o novo texto do saber social em vez do antigo, assim como a grade de ferro da Colônia penal é sempre idêntica, mesmo que se possa trocar o papel normativo que ela grava sobre o corpo do suplicado.” (2005, p.235).

Levando ainda em consideração os conceitos de Certeau (2005) acerca de escritura, vê-se o texto humorístico não mais como criador de uma crítica, mas sim como perpetuador e multiplicador da ideologia dominante, que se dissipa em outras ideologias, possibilitando que diferentes posições ideológicas circulantes na sociedade brasileira, mais especificamente, sejam satisfeitas com determinadas

escolhas que o colunista JS faz, agregando ao uso de alguns adjetivos um valor ora menos ofensivo (ou perigoso), ora mais. E o faz exatamente por conhecer seu público (e parece-nos que conhece bem) e saber das expectativas que sua platéia tem em relação ao que pretende (ou melhor, pagaria para) ler na coluna. Vejamos o exemplo a seguir:

“E o novo apelido do Garotinho é jacaré: fora do Rio não é nada! Rarará.”

Data: 26 de agosto de 2006.

Com este excerto, podemos perceber que, à primeira vista, a metáfora empregada em “Garotinho é jacaré”, sugere que há seleção subjetiva para uma finalidade objetiva de deslocamento entre significantes e significados. Ao mesmo tempo em que remete ao sentido de o animal jacaré ser um bicho voraz, conhecido pela impetuosidade com que captura suas presas, também nos remete a um rebaixamento (simbólico) qualificador do político, especialmente para os leitores da Folha de S. Paulo, mesmo que não sejam eles paulistas, ao lerem o impresso, simbolicamente marcam sua identificação com a Unidade Federativa paulista. Nota-se que ao enunciar “fora do Rio não é nada!”, ele, JS, afirma, no subentendido que, talvez no Rio de Janeiro o político questionado seja alguma coisa³⁷. Assim, a mescla desses sentidos, significados e significantes, aponta para uma relativização de um (possível?) proeminente perigo.

Então, a linguagem, e mais precisamente o discurso, torna-se (ou seria ele apenas um receptor, passivo da interferência de outro, e dessa maneira ‘seria tornado’?) instrumento de poder, são os aparelhos de encarnação como observa Certeau (2005):

[...] e que não se trata mais de ler os segredos de uma ordem ou de um Autor escondido, mas de produzir uma ordem para escrevê-la no corpo de uma sociedade selvagem ou depravada. A escritura adquire um direito sobre a história, em vista de corrigi-la, domesticá-la ou educá-la. Ela se torna poder nas mãos de uma ‘burguesia’ que coloca a instrumentalidade da letra no lugar do privilégio do nascimento, ligado à hipótese de que o mundo dado é razão. [...] A imprensa representa essa articulação do texto no corpo mediante a escritura. A ordem pensada – o texto concebido – se produz em corpos – os livros – que a repetem, formando calçamentos e caminhos, redes de racionalidade através da incoerência do universo. O processo vai se multiplicar. Ele é ainda apenas a metáfora das técnicas, melhor taylorizadas, que transformarão os próprios seres vivos em impressos da ordem. (2005, p.236).

Faz-se necessário dizer que para a constituição do corpo é preciso que os sujeitos/indivíduos se sintam inseridos na cultura. Para tanto “*eles só se tornam corpos graças à sua conformação a esses códigos*” (Certeau, 2005, p.240), ou seja,

³⁷ Vê-se também que esse mesmo procedimento de “transformar” um substantivo próprio em substantivo comum, se faz notório em “Rio”, já que tanto se refere (por elipse) a Unidade Federativa quanto a rio (curso de água).

a aceitação da cultura se dá, principalmente, pelo ritual da linguagem – para o humano; e, mais especificamente, pelo ritual da língua – para uma determinada sociedade.

Dessa forma, isso nos leva a pressupor que o sujeito/indivíduo buscará sempre o senso-comum e estará predisposto a optar por ele, já que será no senso-comum que o sujeito/indivíduo se sentirá inserido na cultura (de modo geral), e no(s) grupo(s), (de maneira mais localizada), *“pois onde é que há, e quando, algo do corpo que não seja escrito, referido, cultivado, identificado pelos instrumentos de uma simbólica social?”* (Certeau, 2005, p.240), estabelecendo seu lugar na engrenagem da maquinaria. Nas palavras de Certeau (2005):

[...] Onde se acha o limite da maquinaria pela qual uma sociedade se representa por gente viva e dela faz as suas representações? Onde é que pára o aparelho disciplinar que desloca e corrige, acrescenta ou tira nesses corpos, maleáveis sob a instrumentação de um sem-número de leis? Na verdade, eles só se tornam corpos graças à sua conformação a esses códigos. [...] A economia liberal não é menos eficaz que o totalitarismo para efetuar essa articulação da lei pelos corpos. Ela procede apenas segundo outros métodos. Em vez de esmagar os grupos para marcá-los com ferro único de um só poder, atomiza-os inicialmente e depois multiplica as redes estreitas dos intercâmbios que conformam unidades individuais às regras (ou às ‘modas’) dos contratos sócio-econômicos e culturais. (2005, p.240).

Em um de seus textos, publicado em 26 de agosto de 2006, em meio a um período bastante fervilhante do/no cenário político brasileiro, comum ao característico ciclo eleitoral, com seu horário de propaganda gratuita, temos a ambientalização do cenário político-eleitoreiro. Acrescentemos a este dado o fato de que além de eleição para Senador e Deputados Federal e Estadual, teríamos candidatos para a escolha de Governador e Presidente da República e uma diversidade de elementos que permeavam a política no Brasil. Vejamos a sequência a seguir:

*E adorei aquele outro candidato: prometo
fazer na vida pública o que faço na privada.
Rarará. Valeu pela sinceridade!*

Data: 26 de agosto de 2006.

Tanto para o jornal onde é veiculada a coluna de JS, como para o humor brasileiro de maneira geral, o tema política é um terreno fértil para a área. E nesse contexto, algumas palavras interpõem o campo semântico. A partir dessas observações podemos entender com mais propriedade o trecho citado.

Notemos que ao dizer “*E adorei aquele outro candidato:*”, pela própria estruturação da língua, após o uso dos dois pontos (:) anuncia-se, via de regra, um esclarecimento, uma enumeração, uma fala, uma citação de outrem, o que não ocorre neste caso, pois para tanto se faria necessário para se reproduzir as palavras do candidato o uso das aspas.

Tanto no caso de ser uma paráfrase como de uma invenção de fala de JS (e neste caso, o candidato sequer existe, é uma personagem simbólica, que ataca todos os políticos, ou seja, é uma personagem universal), temos uma propagação das instâncias de poder, que segundo Althusser (1970) podem se realizar através, por exemplo, da informação. O senso comum, que aqui entendemos como elemento marcador de ideologia, é apresentado ao leitor pela suposta fala do candidato: *“prometo fazer na vida pública o que faço na privada”*.

Em relação a esta frase, nota-se que JS descarta a elipse (na vida privada) e adere ao substantivo feminino “privada”, no seu sentido denotativo de latrina, cloaca. E qual é a serventia da “privada”? Receber dejetos. Logo, é com o jogo desses sentidos denotativo e conotativo que provocará o riso. Ele tem consciência disso, a expressão onomatopaica, *rarárá*, representativa do riso, reforça essa conjuntura. A oração *“Valeu pela sinceridade!”*, vem a constatar a aceitação da opção pelo sentido conotativo, isto é, a de que o candidato fará na vida pública o que faz na privada: dejetos.

Ao falar de escrita, fica implícito o fazer de leitura, inclusive. Esse processo, nos textos de JS, pelos leitores da coluna, ramifica-se, principalmente em dois aspectos: o da leitura criadora e o da imposição de uma leitura (Chartier, 1990, p. 123). Em relação a isso, Chartier, em sua *A História Cultural...*, sinaliza:

[...] Por um lado, a leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livros: ela é uma ‘caça furtiva’, no dizer de Michel

de Certeau.³⁸. Por outro lado, o leitor é, sempre, pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correta, a uma leitura autorizada. Abordar a leitura é, portanto, considerar, conjuntamente, a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la. (1990, p.123).

Pensando a partir das considerações propostas por Chartier (1990), pudemos elaborar uma tríade. Com ela, tentamos levar em conta as possibilidades que fazem com que o texto adquira sentido(s), pois, segundo o autor, será das variações desses elementos que dependerá o significado a ser obtido por uma ou outra organização de componentes. Assim segue a constituição da tríade:

³⁸ Nota do autor. M. de Certeau. “Lire un braconnage”, in *L’invention du quotidien, I, Arts de Faire*, Paris, Union Gnrales d’ditions, 10/18, 1980, pp. 279-296.

Com o esquema acima, tentamos sintetizar alguns dos elementos que acreditamos ser de relevância ao considerarmos as forças que controlam o texto. Para isso fazemos uso de Chartier (1990), quando diz:

[...] Todo o dispositivo que visa criar controle e condicionamento segrega sempre táticas que o domesticam ou o subvertem; contrariamente, não há produção cultural que não empregue materiais impostos pela tradição, pela autoridade ou pelo mercado e que não esteja submetida às vigilâncias e às censuras de quem tem poder sobre as palavras ou os gestos. [...]. (1990, p.137).

O que acabamos de ler pode servir como uma elucidação dos mecanismos que se fazem presentes num texto e como esse controle se enraíza na cultura de uma sociedade, cabendo ao leitor se posicionar frente ao texto e encontrar uma saída para esse ciclo, talvez, através do ‘trabalho’, como veremos adiante.

3.2. Humor, mercado e poder

A partir da concepção de mercado lingüístico apresentada por Rossi-Landi (1985), podemos expressar mais contundentemente a relação que aqui propomos trabalhar. O autor leva para o campo da linguagem o conceito de mercado,

mercadoria e afins, sinalizando que como a produção material – de artefatos e utensílios como mesa, cadeira, etc – se concretiza, na produção lingüística se tem os signos como unidades que constituem a palavra, esta por sua vez, ao encadear-se com outras palavras forma expressões, frases, enunciados, textos, discursos, compondo-se de acordo com determinadas regras e modalidades operacionais produz-se o utensílio lingüístico. Este, assim o entendendo, está em função de uma produção lingüística (e por que não mercadológica?).

A isso podemos ligar a própria produção humana, já que a linguagem é algo inerente ao que os gregos designavam como *logos*, com o significado de ‘palavra e razão’, e desse modo inerente ao Homem. Dessa maneira, “*o trabalho é atividade humana social*”, segundo Rossi-Landi (1985, p. 178). Acrescentemos a este sentido a característica dele não ser um elemento encontrado puramente na natureza, para existir precisa da ação, da intervenção humana. Nas palavras de Rossi-Landi (1985):

As palavras, os enunciados, os discursos e assim por diante são igualmente produtos humanos, artefatos: eles não existem na natureza sem intervenção humana; e sua presença denuncia imediatamente e sem possibilidade de equívoco, a presença do homem.”(1985, p. 180).

À medida que o homem pode ser entendido como fruto do seu trabalho – pois pensa, age, se manifesta – ele mesmo é produto, é forjado para uma determinada função, para diversas ações, por estar marcado histórica, ideológica e

socialmente. A escrita surge para firmar essa constatação, como afirma Rossi-Landi (1985):

[...] O fato aparece ainda mais claramente com a escrita, que permite ver uma língua na forma de objetos especialmente disponíveis, que podem ser compostos e decompostos como outros objetos ‘materiais’ [...]. (1985, p. 179).

Essa produção se articula a inúmeros artifícios lingüísticos e se expressa da maneira que melhor lhe for conveniente. Aqui incluímos nosso objeto de estudo: o humor. Pensando o humor como um produto da linguagem, podemos estabelecer relações, e a primeira delas se liga ao fato de que foi produzido com alguma finalidade (seja social, seja mercadológica, seja de poder, ou ainda, seja da união de todas elas). Mais uma vez assemelhando-se ao produto material (e entendido dessa maneira, o texto humorístico seja a concretização de um desses produtos materiais também). Devemos, contudo, fazer uma ressalva: há uma similitude social entre o produto lingüístico e o material – propriamente dito –, portanto há homologia e não necessariamente identidade.

Outra relação que se pode estabelecer é de que o homem, ao produzir um artefato lingüístico, produz, também, artefato material. Adequando sua expressão lingüística (por exemplo, um discurso, um enunciado) ao seu tempo, criar e recriar artefatos e construções para a modificação de sua expressividade ao longo dos tempos.

Se tomarmos a leitura como uma forma de controle do tempo livre, então enquanto o cidadão não está em sua atividade comercial (propriamente dita) ou dormindo, é preciso que ele trabalhe na obtenção e manutenção do *status quo* da sociedade. Por isso se impõe a ele desde revistas que dizem quais ídolos ele deve cultivar, veículos que deve ter, até em quem deve votar. Como isso é trabalho, é preciso que o lazer esteja embutido, para tornar a tarefa (aqui entendida como comercial) menos árdua. É aí que entra o humor, a fotografia, etc.

Zizek (2003), ao falar do totalitarismo vivido nos dias atuais, aponta que a sua existência se dá quando o sujeito/indivíduo acredita que a suposta realidade é mesmo a realidade, o que pode ser exemplificado com algo que é permitido, o que leva essa permissão a tornar-se uma obrigação. Nas palavras do autor:

O fato fundamental do advento do “totalitarismo” consistiria, pois, em que a lei social começa a funcionar como supereu: já não é mais aquela que proíbe e que, com base nessa proibição, inaugura, sustenta e garante o campo da coexistência dos sujeitos burgueses “livres” e o de seus diversos prazeres; tornando-se “louca”, ela começa a ordenar diretamente o gozo: ponto de mutação onde a liberdade-de-gozar *permitida* se inverte num gozar *obrigatório*. A injunção supereu-óica seria, pois, um “você deve gozar porque pode gozar!” – o que é, convém acrescentar, a maneira mais efetiva de bloquear ao sujeito o acesso ao gozo. (Zizek, 2003, p. 164).

Reconhece-se o humor como esse gozo, convém dizer, vazio, ocupando o lugar da falta, que, por sua vez, é uma presença inerte, repulsiva (Zizek, 2003, p. 165). Assim, esse vazio é preenchido por algo que se considera necessário e ao se submeter a ele, vira regra, lei, um imperativo, impõe-se a necessidade de rir. Há *“momentos em que se deseja que a sociedade enfrente a realidade, force um confronto e evite as amenidades daqueles que sempre nos convocam a ‘relaxar’ e a mudar de assunto”* (Hitchens, 2006, p. 110).

O humor ascende nesse âmbito como uma mercadoria fabricada pelo homem e por ele negociada. E como mercadoria, o humor é condicionado ao totalitarismo do homem e de suas necessidades. O problema está quando há mais propostas de necessidade do que há realmente necessidade. Há uma constante propaganda para se vender este ao aquele ‘humor’ (pode-se ler, por exemplo, este ou aquele dito programa humorístico; uns ou outros autores de textos de humor). Nessa mobilidade encontra-se um elemento de grande importância no estudo do humor: a persuasão.

Em relação a ela, ao mesmo tempo em que o texto humorístico persuade (sim, persuade, pois muitos produtos relacionados ao humor são vendidos e procurados) incita à resignação, na medida em que a repetição do discurso toma para si um lugar comum e de destaque. É como se aquilo que é constantemente repetido se tornasse vago, vazio de sentido. Observemos o excerto de um texto de JS:

Todos os textos
<p><i>Antitucanês Reloaded, a Missão. Continuo com a minha heróica e mesopotâmica campanha “Morte ao Tucanês”. Acabo de receber mais um exemplo irado de antitucanês.</i></p>

Em todos os textos que constituem o nosso *corpus*, sempre há a inserção da oração “*Antitucanês Reloaded, a Missão*”, com isso percebemos que o autor, ao falar as mesmas coisas, do mesmo jeito, primeiramente persuade seu leitor (a aderir a sua idéia, por exemplo) e como consequência disso, talvez a longo prazo, faz não com que seu leitor tome a leitura como elemento de reflexão, mas sim, de remissão de uma culpa não aparente nem consciente³⁹, neste caso, o leitor resigna-se diante do que lhe é dito, isso podemos atestar com a inserção de um exemplo dado por um suposto leitor, como é afirmado acima, com a expressão “acabo de receber”, por exemplo.

Estabelece-se mais uma vez a comunhão: ao utilizar um exemplo do seu (suposto?) leitor, o autor assenta a relação com o outro e, ao enviar um exemplo, o leitor (se realmente enviar) aceita as condições intrinsecamente instituídas. Mesmo se não houver nenhum leitor que lhe envie quaisquer tipos de informações, JS

³⁹ Na psicanálise chamada de ‘falta fundante’, onde o preceito fundamental se firma com a própria constituição da história do sujeito, relacionada a uma constante busca do objeto perdido pelo ser desejante.

manipula o leitor a aceitar as condições instituídas, além de criar (ou seria melhor dizer impor?) um clima de cumplicidade.

Algo semelhante é proposto pela teoria behaviorista de Skinner (1974), onde seu postulado se firma no condicionamento do comportamento, a partir do estabelecimento de relações funcionais com esse meio; ou ainda, nos termos da área, entre os estímulos (meios) e as respostas (comportamento ou manifestações comportamentais), o que pressupõe, segundo nossa leitura, um condicionamento comportamental clivado ao assujeitamento do indivíduo.

O mesmo ocorre nas situações com a posição inversa, vejamos mais um trecho:

Como disse aquele torcedor: “Pelada por pelada, eu prefiro a minha nega”. Rarará! E a seletinha é assim: individualmente, umas feras. Juntos, não dão uma feijoada.

Data: 26 de agosto de 2006.

Nesse fragmento, vemos uma recolocação de posições. A fala do leitor porta-se como a fala do autor. Isso é aceito pelo último no momento que é utilizado como parte integrante do seu texto. Em ótica diferente, mas com semelhança de raciocínio, implica dizer que a argumentação se efetiva, por exemplo, na manipulação e no emprego do instrumento lingüístico, cujo discurso é destinado a um interlocutor, em uma determinada situação discursiva. Em texto publicado em

2006, França, diz que o orador, e em nosso caso, o autor, ordena em esquema e expõe em palavras e desempenha diante de seus leitores uma cena “teatral”.

Com isso, o riso torna-se apenas um momento catártico, isto é, há apenas o extravasamento momentâneo de um sentimento. Ou ainda um álibi para a aceitação passiva de um acontecimento. Para esse tipo de encadeamento, e nesse sentido, podemos assemelhar o discurso humorístico ao publicitário, para o qual Baudrillard (1997), ao escrever sobre os papéis da publicidade, diz que:

[...] o produto designado tende a ser somente um álibi sob cuja evidencia se desenrola toda uma confusa operação de integração. Se resistimos cada vez mais ao imperativo publicitário, tornamo-nos ao contrário cada vez mais sensíveis ao indicativo da publicidade, isto é, à sua própria existência enquanto segundo produto de consumo e manifestação de uma cultura. É nesta medida que nela ‘acreditamos’; o que consumimos nela é o luxo de uma sociedade que se dá a ver como autoridade distribuidora de bens e que é ‘superada’ em uma cultura. Somos investidos ao mesmo tempo de uma autoridade e de sua imagem. (1997, p. 175).

Propomos aqui transpor o que Baudrillard (1997) expõe sobre a publicidade ao mundo do humor, podendo ser pertinente também para o texto humorístico, já que assim como o primeiro, o texto humorístico se propõe a vender seu produto, seja qual for o meio utilizado para se vender a mercadoria (se quisermos fazer uso dos termos de Rossi-Landi [1985]), o desejo implícito na pseudonecessidade pode

ser percebida numa latência constante de gratificação, cada um a seu modo, por uma falta que todo indivíduo sente, sem saber qual é o referencial dessa falta⁴⁰. Motivo pelo qual o humor, por mais que encontre um comprador, hoje, em geral, não toca de maneira sensível⁴¹, isto é, que não está tão facilmente suscetível às sensações externas, não as retorqui, conforme diz Baudrillard (1997):

[...] Portanto ele não ‘acredita’ na publicidade mais do que a criança no Papai Noel. O que não o impede de aderir da mesma forma a uma situação infantil interiorizada e de se comportar de acordo com ela. Daí a eficácia bem real da publicidade, segundo uma lógica que, apesar de não ser a do condicionamento-reflexo, não é menos rigorosa: lógica da crença e da regressão. (1997, p. 176).

Considerando o que afirma Baudrillard (1997), o riso permitido pelo humor, quando, por exemplo, o leitor dos textos de JS ri com o autor (das piadas, trocadilhos e das mais diversas expressões humorísticas neles contidas), o primeiro se submete a um devotamento daquilo que é escrito e dessa maneira se insere num processo de alheamento, ou seja, transfere e confere para outrem o domínio, um certo poder.

Observemos o texto a seguir⁴²:

⁴⁰ E mesmo que saiba, que tenha consciência nada fará para abster-se dessa latência.

⁴¹ Sensível num sentido de não *logos*.

⁴² Os grifos a seguir são nossos.

E está decidido: no próximo jogo, o Ronalducho entra no lugar da bola! Rarará! E o grande grito no Brasil não foi: “Gooool”. O grande grito no Brasil foi: “QUEM É ESSE FRED?”. Procura em álbum de figurinha, procura no Google, liga para o irmão que é o único que entende de futebol.

Data: 20 de junho de 2006.

Interessante perceber nos itens sublinhados que o discurso humorístico apresenta em sua constituição lacunas, preenchíveis com um repertório de subentendidos, estimulando a uma suposta interatividade e integração. Bergson (2001), em seu entusiástico ensaio *O riso...*, elucida algumas considerações que apreciamos e com as quais em parte concordamos:

[...] Por mais franco que o suponham, o riso sempre esconde uma segunda intenção de entendimento, eu diria quase de cumplicidade, com outros ridentes reais ou imaginários. Quantas vezes já não se disse que o riso do espectador, no teatro, é tanto mais largo quanto mais cheia está a sala; quantas vezes não se notou, por outro lado, que muitos efeitos cômicos são intraduzíveis de uma língua para outra, sendo portanto relativos aos costumes e às idéias de uma sociedade em particular? (Bergson, 2001, p. 5)

Ainda sobre o texto de JS mencionado acima, notamos que o escrito é o que foi dito pelo senso comum. A população, em geral, soltou aos quatro ventos frases

como aquelas, porém, nada se pensou na contramão. O dito recebe o valor de escritura⁴³ e submete a escrita a uma desvalorização, ou ainda, o escrito passa a valer tanto quanto a oralidade.

Ao propor a palavra “Ronalducho”, o autor fez uma aglutinação de outras duas palavras, o substantivo próprio “Ronaldo” (nome de um jogador de futebol) e o adjetivo “gorducho”, reduzindo a possível frase “Ronaldo é gorducho”, e subentendendo-a, numa única expressão: “Ronalducho”.

Ao analisarmos uma expressão como a indicada, torna-se evidente que em uma pesquisa em linguagem apontar apenas para alguns pontuais fenômenos é pouco, é preciso que também se aponte para a presença (exclusiva) do senso-comum, que aqui é tomado como uma característica negativa. Além disso, o tom “sarcástico” predominante nessa formação de uma nova palavra (“Ronalducho”), remete-nos às brincadeiras infantis (de trava-língua, trovas, adivinhas, parlendas, etc), e nesse caso o que seria lúdico pode infantilizar. Isto é, quando JS toma o leitor como infantil (pelo exercício do lúdico), ele exerce certo poder sobre o leitor, manipulando-o, transferindo para si o poder da “palavra do pai”⁴⁴. Termo que nos remete à “palavra onipotente”, entendida como sendo aquela que, por si, é dotada de conteúdo, ou seja, concede a si a qualidade de mestre, artífice em relação aos demais.

⁴³ Cf. Certeau, M. *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Tomo 1. 11ª edição. Petrópolis. Ed. Vozes. 2005.

⁴⁴ “Palavra do pai” é aqui entendida como a ordem imposta por algum sujeito que, inconscientemente, é visto como superior hierárquico dentro do grupo. Por exemplo, na família, o pai; na escola, o professor (?); na leitura da coluna de JS, o próprio autor.

Situação diferente se encontra em “QUEM É ESSE FRED?”, supondo (e talvez impondo) o desconhecimento de quem seria o jogador Fred (realizador de um dos gols do Brasil no jogo contra a Austrália na Copa do Mundo de 2006), a que se refere JS. Ainda afirma que para se descobrir quem tratava ser o agente de um feito tão importante (para aqueles que assistiam ao campeonato) era necessário buscar informações que confirmassem que ele era realmente jogador, por exemplo, em álbuns de figurinhas ou em sítios de busca prestigiados pelos usuários das tecnologias como a que cita. Podemos apontar como elemento causador da (pré)suposta inferência subentendida na frase citada a utilização do pronome demonstrativo “esse”, incitando no emprego de uma determinada posição para o elemento seguinte (Fred), ou seja, o pronome determinará a posição em que o objeto questionado deverá permanecer, indicando a situação pública e social do ser (Fred) no espaço e no tempo em relação ao leitor e ao próprio JS. O uso de tal pronome ainda incita a desvalorização do objeto questionado (Fred), já que num discurso informal (como se propõe a ser o texto de JS) o referido pronome recebe uma carga de valor negativa.

Por outro lado, há uma valorização dos meios eletrônicos como ferramentas de prestígio, mais uma vez há a imposição de um valor (ou será que este juízo de valor já estava presente na sociedade e apenas foi realizada uma transcrição da falácia popular?).

Com o trecho seguinte, veremos que a informação dada sugere que o próprio JS conseguiu-a no sítio de busca que menciona:

O desconhecido é mineiro, joga na França, entra aos 40 minutos, faz gol e vira herói. Como dizia aquela antiga propaganda de chocolate: “Vai ter sorte assim com Bis”.

Data: 20 de junho de 2006.

Em seguida, ao apropriar-se da fala de outrem (“*Vai ter sorte assim com Bis*”) e trazê-la para o seu texto, incorpora-a deixando nas entrelinhas que também concorda com isso, porém, deixa instaurado um distanciamento entre essa frase e a última oração do período anterior (“[...] *faz gol e vira herói*”). É como se ele dissesse: “ele fez gol, virou herói, mas foi pura sorte”. Concedendo e reiterando o valor negativo que vem crescendo ao longo dos dois excertos que mostramos.

Nos exemplos expostos acima, há uma apropriação do senso-comum sob a devoção, sem que haja trabalho – no sentido de efetiva elaboração mental e reflexiva do homem sobre sua conduta para a produção da mercadoria. Há uma adequação da sociedade ao indivíduo. Esse devotamento e, conseqüentemente, submissão, fará com que se creia que o humor saciará a falta e seu produto se firmará como objeto de desejo e integração.

Isso conduzirá o humor – através de seu produto, o riso – a servir como cobertura, álibi de algo que não se assume, ou melhor, que se aceita sem quaisquer questionamentos e reflexões com vistas a uma ruptura desse ciclo, a uma instauração de mudança. Será uma mercadoria com finalidade de conduzir e manipular a absorção de uma estrutura, favorecendo a uma assimilação imediata dos valores sociais, ideológicos etc, a fim de se atingir um consenso. Tem-se a

impressão de inserção do indivíduo na coletividade da sociedade. O humor não se instaura como subversivo, ao contrário, ilude o indivíduo numa elaboração de sofismas em seu discurso, apresenta-se como um subterfúgio do real, ou como afirma Hitchens (2006) *“O humor é facilmente definível como uma arma de crítica e subversão, mas com frequência é mero conforto ou técnica de sobrevivência”* (2006, p. 108).

Mas se o humor é visto e aceito como um produto de uma sociedade, como ele se torna comprável, ou ainda, o que está por trás dessa faceta ilusória de ingenuidade? Se quisermos seguir com o que diz Baudrillard (1997) veremos que:

A sociedade se faz maternal para melhor preservar uma ordem de coerções. Por trás deste sistema de gratificação vemos, além disso, reforçarem-se todas as estruturas de autoridade: planificação, centralização, burocracia – partidos, Estados, aparelhos reforçam sua autoridade por trás desta vasta imagem maternal que torna cada vez menos possível sua contestação real. (1997, p.185)

E questionando mais, que coerções seriam estas?

O discurso de humor se torna um objeto a serviço de uma relação real entre o indivíduo e a sociedade, através de uma ligação imaginária (supressão da falta). Este discurso se organiza de maneira a parecer lúdico, toma essa forma para se apresentar mais atraente, para melhor seduzir quem o lê. Baudrillard (1997) confronta isso com a relação da criança com a mãe, e diz:

Ao mesmo tempo em que dissocia produtor e consumidor no mesmo indivíduo, graças à abstração material de um sistema muito diferenciado de objetos, a publicidade se empenha, em sentido inverso, em recriar uma confusão infantil entre o objeto e o desejo pelo objeto, em reconduzir o consumidor ao estágio em que a criança confunde sua mãe com o que ela lhe dá. (1997, p. 184).

Seduz seu leitor a seguir com normas e regras, ou seja, a própria instância social. Antes por vias não tão físicas, preferimos uma coação interiorizada, se assim podemos dizer. Nesse movimento de “adestramento” social, o leitor não mais se sente perdido (em relação a quem está de fora do grupo), se sente incluído, necessário, *“faz convergir as veleidades flutuantes sobre um objeto que mascara, ao mesmo tempo em que o revela”* (Baudrillard, 1997, p. 185). Ele engana, sua função é revelar sem a intenção de comprometimento, mas implicitamente com o intuito de veicular os valores dessa sociedade.

Uma maneira clara de se evidenciar tal manobra nos textos de JS, como dissemos, é a inclusão ou chamada que ele faz para a participação do leitor nos textos⁴⁵ com a presença ou quando menciona o envio de piadas, trocadilhos, enviados pelos leitores, por exemplo. A expressão desses muitos valores se dirige aos valores de uma sociedade global, de consumo em benefício da ordem: *“se, na sociedade de consumo, a gratificação é imensa, a repressão também o é”* (1997, p. 187). São formas de se manifestar do poder. E sendo assim, sabemos que ele não é

⁴⁵ Claro que se trata também de uma forma de se contabilizar o seu próprio sucesso e afagar o ego.

para todos, o poder é resguardado para alguns e aqueles que o detêm utilizam-se de artefatos lingüísticos que induzem o pensamento a incluir artificialmente o indivíduo no seletorol de leitores (e a ser excluído, por outro lado). Aquela minoria se expande ilusoriamente sem deixar que se identifique o ‘real’.

São as manobras que Althusser (1970), em *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*, nomeia de AIE – aparelhos ideológicos⁴⁶. Neles são as instituições (igreja, política, escola, família, imprensa) que articulam as manifestações, controlando a leitura e a escrita. No caso de JS, ele controla para manipular a leitura por meio de signos lingüísticos específicos que conduzirão a determinadas significações latentes.

Tendo-se em vista o exposto, vê-se que a produção da escrita passa a querer, em uma primeira instância, a relativização da exteriorização, ou seja, remete à realidade sem vista de mudá-la.

Certeau (2005) nos fala que a escrita serve-se para uma “*atividade multiforme e murmurante de produtos do texto e de produzir a sociedade como*

⁴⁶ Althusser outorga ao Estado ‘aparelhos’ em prol da manutenção da ordem e das condições de exploração por parte da classe dominante. Aos ARE – Aparelhos Repressores do Estado – cabe manter a ordem pela repressão, inclusive física, secundariamente pela ideologia, ficando com esse papel o Exército, as polícias, os tribunais e até o próprio Governo. Os segundos, os AIE – Aparelhos Ideológicos do Estado –, representados por instâncias como a religião, a cultura, o direito, a escola, a informação, etc, cumprem seu papel de modo massivo pela ideologia, a repressão física pode se manifestar atenuada pelo simbólico, por exemplo. Acreditamos que, hoje, os primeiros estejam em uso de maneira mais deturpada; em comparação, os últimos, em nossa sociedade, elevaram-se, mas são vistos nessa mesma sociedade com olhar desprestigiado (não está em voga, por exemplo, ter uma religião, basta dizer que se acredita em Deus, numa força superior). Contudo, um se relaciona com o outro, ambos estão intrinsecamente ligados, tanto que os ARE se manifestam por meio dos AIE em situações singulares. Os ARE não podem ser considerados inexistentes (eles se fazem notar), mas os AIE parecem prevalecer na nossa sociedade, em particular, e acreditamos ser por uma razão também ideológica, que se resume numa frase feita bastante popular “que a violência não leva a lugar algum”, por conta disso, os AIE cresceram, se reproduziram e se fortaleceram no tocante às relações e condições de exploração e poder.

texto” (2005, p. 224). O texto escrito passa a qualificar-se por ter poder sobre a exterioridade de modo a produzir uma ordem, mais uma vez dizemos, agora fabricada; quer ser eficaz para o social (de uma sociedade global), criando instrumentos de uma apropriação do espaço exterior para sua distribuição:

A ilha da página é um local de passagem onde se opera uma inversão industrial: o que entra nela é um ‘recebido’, e o que sai dela é um ‘produto’. As coisas que entram na página são sinais de uma ‘passividade’ do sujeito em face de uma tradição; aquelas que saem dela são as marcas do seu poder de fabricar objetos. No final das contas, a empresa escriturística transforma ou conserva dentro de si aquilo que recebe do seu meio circunstancial e cria dentro de si os instrumentos de uma apropriação do espaço exterior. (2005, p. 226).

Desse modo, a subversão, tão aclamada e relacionada ao texto humorístico, não está no que o autor escreve (nem como ele escreve), pois não se revela uma exterioridade, mas sim se cria, pelo artefato lingüístico, uma identificação (“*Agora, a identidade depende de uma produção*”. [Certeau, 2005, p. 228]), real e ilusória, concomitantemente. A “revelação” só se concretizará quando houver trabalho (no sentido já especificado inicialmente), como reforça Certeau (2005):

[...] A escritura, com isso, fica progressivamente abalada. Outra escritura vai aos poucos se impondo sob formas científicas, eruditas ou políticas: ela não é mais o que fala, mas o que se fabrica. (2005, p. 228).

O texto recebe outro valor, o de produzir, fabricar produtos para o mercado, transformando sua relação com a linguagem e, mais especificamente, com a palavra. Nesse aspecto, caberá ao leitor se pronunciar desfavoravelmente ao ato de enunciar por enunciar (ou ainda de rir por rir, no caso de textos humorísticos), isto é, com o esvaziamento dos sentidos⁴⁷, pois não há mais a certeza de um Alguém onipotente que dita os mistérios em seus enunciados, a Modernidade configura-se em solicitar substitutos para ele. O que nos faz acreditar que hoje não haja um único Alguém, mas vários “Alguém”. Porém, isso acarreta dizer que o indivíduo cede lugar para o sujeito e este para conseguir um espaço, apropria-se do que lhe é ofertado na escrita, qualquer que seja ela (dispõe-se a isso o texto humorístico, por exemplo).

A linguagem, a língua e, mais especificamente, a escrita, recebe um estatuto de valor mercadológico, para troca nas relações sociais, dentre outras, torna-se a moeda corrente da modernidade, como enfatiza Certeau (2005) no excerto:

O domínio da linguagem garante e isola um novo poder, ‘burguês’, o poder de fazer a história fabricando linguagens. Este poder, essencialmente escriturístico, não contesta apenas o privilégio do ‘nascimento’, ou seja, da nobreza: ele define o código da promoção sócio-econômica e domina, controla ou seleciona segundo suas normas todos aqueles que não possuem esse domínio da

⁴⁷ Processo que, segundo Certeau, se instaurou com a Modernidade, no século XVII, “[...] *pela desvalorização do enunciado e pela concentração sobre o ato de enunciar* [...]” (2005, p. 229).

linguagem. A escritura se torna um princípio de hierarquização social que privilegia, ontem o burguês, hoje o tecnocrata. Ele funciona como a lei de uma educação organizada pela classe dominante que pode fazer da linguagem (retórica ou matemática) o seu instrumento de produção. [...] (2005, p. 230).

E o texto humorístico de JS não foge à regra, alimenta-se do senso-comum para divulgar e difundir as relações de poder e, conseqüentemente, assegurar seu lugar nessas relações. Dessa forma, agrada por evidenciar um “óbvio” consensual, e exatamente por ser consensual, mascara o humor, tornando-o também conformado, sem confrontações reais, mais uma mercadoria na prateleira a ser vendida.

3.3. A mídia, o humor e o poder ou o poder por meio do humor

A palavra ‘mídia’, apesar da origem latina, tem sua propagação a partir da pronúncia do inglês, da palavra *media* como mídia, consagrando-se, por apropriação, no Brasil, com o significado de “meio de comunicação”. E quando pensamos em meio de comunicação alguns se sobressaem a outros, vêm-nos à mente a revista, a internet, os telejornais, os jornais impressos, dentre outros; apesar de serem “meios” diferentes, apresentam elementos que os convergem a um ponto comum, ao vértice da informação, ou melhor, do domínio sobre a informação.

Podemos iniciar comparando dois tipos de jornais: o impresso e o televisivo. Se no telejornal há a figura do “âncora”, no jornal impresso é o próprio colunista (e mais precisamente JS, para este trabalho) quem ocupa este lugar de “autoridade” da notícia, “*a opinião é emitida de um lugar outro, o lugar do saber como lugar do poder [...]*” (Chauí, 2006, p.11) completando uma rotina de relações do cenário figurativo do suporte, como salienta a autora:

A encenação se realiza por meio de uma operação precisa: a ciência simula a magia e a magia simula a ciência. [...] O programa, porém só se completa no momento em que a descoberta científica e o pitoresco, a aplicação técnica e a operação miraculosa são igualmente elevadas ou depreciadas pela figura da autoridade, ou seja, do (a) ‘âncora’, que se coloca como detentor do ‘verdadeiro saber’ porque detém o poder de interpretar, comentar, traduzir e transmitir a suposta informação, manipulando simulacros. (2006, p. 18).

Chauí (2006) reafirma esta posição ao exemplificar com o filme “The Truman Show”, ao dizer da tomada de decisão da personagem principal que:

Por acaso, descobre a verdade (em inglês, verdade se diz *truth*) e terá que tomar uma decisão essencial: permanecer na ficção como espetáculo (*show*) ou tornar-se homem verdadeiro (em inglês, *true man*) e mostrar (em inglês, *to show*) a verdade, enfrentando-a. Ele se decidirá pela segunda alternativa. O ponto alto do filme, porém, encontra-

se na atitude do público de televisão: embora sabedor da farsa, durante anos o público acompanhou o programa como se o espetáculo da vida de Truman fosse realidade; porém, encarou a tomada de decisão real e verdadeira como se fosse ficção. Truman, ou o protagonista, distingue realidade e ficção, verdade e simulacro, mas o público tornou-se irremediavelmente incapaz dessas distinções. (2006, p. 19).

Situação semelhante ocorre com o texto humorístico de JS, reafirmando o que já foi dito: serve apenas como um momento catártico. A realidade toma valor de ficção e a ficção o valor de realidade. O simulacro parece ter mais força na concepção e percepção de mundo do leitor que a própria realidade. Semelhança pode ser notada em jornais televisivos como “Brasil Urgente”, onde seu “âncora”, José Luiz Datena empresta à notícia uma dramatização peculiar, tornando qualquer tipo de fato (seja ele corriqueiro ou não, seja de caráter emergencial ou supérfluo) em um grande acontecimento teatral, como se os indivíduos reais fossem personagens e a vida real um palco. Tudo toma forma de entretenimento.

No romance *1984*, George Orwell⁴⁸ relata uma sociedade totalitária em que as pessoas são permanentemente condicionadas a obedecer a ordens (que se passam por ‘conversas’ com uma tela de televisão) e são vigiadas por câmeras; aqueles que infringem alguma regra (implícita ou explícita) são submetidos a diversos tipos de penalidades, mas aqueles que se ‘comportam bem’ (ou seja, seguem criteriosamente às regras) têm como recompensa ‘contato’ com um rosto de semblante bondoso

⁴⁸ ORWELL, George. *1984*. (Trad. Wilson Veloso). 9ª edição. São Paulo. Ed. Nacional. 1976.

para conversar sem medo (já que nesta sociedade o que impera é o medo e a solidão), porém o que não lhes é nítido é que este ‘rosto amigo’ está na realidade os vigiando e dando-lhes ordens. Essa sociedade ficcional relatada por Orwell mostra-nos um pouco de nossa contemporaneidade, onde os meios de comunicação, sejam eles quais forem, exercem um controle (e conseqüentemente detém poder) imensurável sobre o público, controlando desde suas atitudes mais simples até suas formas de pensar mais complexas.

Transpassando esse cenário ao meio jornalístico impresso, vemos que o acima exposto semelhantemente ocorre com as notícias manuseadas por JS: algo que deveria ser tomado como sério e se buscar uma ação-operante, torna-se um entretenimento, mas não qualquer tipo de entretenimento, mas aquele que foca o controle, que busca desviar a atenção. Nas palavras de Chauí (2006):

[...] É possível perceber três deslocamentos por que passaram a idéia e a prática da opinião pública: o primeiro, como salientamos, é a substituição da idéia de uso público da razão para exprimir interesses e direitos de um indivíduo, um grupo ou uma classe social pela idéia de expressão em público de sentimentos, emoções, gostos e preferências individuais; o segundo, como também observamos, é a substituição do direito de cada um e de todos de opinar em público pelo poder de alguns para exercer esse direito, surgindo, assim, a curiosa expressão ‘formador de opinião’, aplicada a intelectuais, artistas e jornalistas; o terceiro, o que ainda não havíamos mencionado, decorre de uma mudança na relação entre os vários meios de

comunicação sob os efeitos das tecnologias eletrônica e digital e da formação de oligopólios midiáticos globalizados (alguns autores afirmam que o século XXI começou com a existência de dez ou doze conglomerados de *mass media* de alcance global). Esse terceiro deslocamento se refere à forma de ocupação do espaço da opinião pública pelos profissionais dos meios de comunicação” (2006, p. 12).

Assim, o sério é sucumbido pelo humor catártico (que aqui entendemos como elemento de remissão de uma culpa). Desse modo, o que seria um momento de repouso, isto é, de não-trabalho, torna-se um passatempo controlado, ou nas palavras de Chauí (2006), “*um deixar passar o tempo como tempo livre e desobrigado, como tempo nosso*”⁴⁹ (*mesmo quando esse ‘nosso’ é ilusório*)”.

Nesse sentido, o humor de JS não é caracterizado como uma escritura, e sim como um escrito, já que não há a presença do ‘trabalho’ (como proposto por Rossi-Landi [1985]), ou seja, não permite desconstrução para que se construa o novo, necessário para a confecção de uma escritura, ou seja, não há um movimento de criação que captura a experiência do mundo, transcende-a, transformando-a e criticando-a, por meio de uma experimentação do novo (Chauí, 2006), e já que estamos numa sociedade de classes, a fim de fazer seu leitor interagir, interpretar e participar das decisões sociais, políticas e culturais. Como salienta a autora:

A chamada cultura de massa se apropria das obras culturais para consumi-las, devorá-las, destruí-las,

⁴⁹ Isto é, de controle do leitor – nota nossa.

nulificá-las em simulacros. Justamente porque o espetáculo se torna simulacro e o simulacro se põe como entretenimento, os meios de comunicação de massa transformam tudo em entretenimento (guerras, genocídios, greves, festas, cerimônias religiosas, tragédias, políticas, catástrofes naturais e das cidades, obras de arte, obras de pensamento). Visto que a destruição dos fatos, acontecimentos e obras segue a lógica do consumo, da futilidade, da banalização e do simulacro, não espanta que tudo se reduza, ao fim e ao cabo, a uma questão pessoal de preferência, gosto, predileção, aversão, sentimentos. É isto o mercado cultural. (Chauí, 2006, p. 22).

Tomando-se como base o que a autora propõe como sendo a chamada indústria do entretenimento, podemos dizer que o humor proposto pelo jornal⁵⁰, e mais diretamente o proposto pela “Folha de S. Paulo” com a coluna de JS, é uma maneira de seguir com as regras do mundo capitalista, apresentando-se como mercadoria pronta para o consumo (e trata-se de um consumo massificado), e como produto dessa indústria do entretenimento, busca meios para ser consumido como ‘distração’, isto é, massifica-se (e, em tais circunstâncias, iguala-se) o descanso e a atividade comercial; em outras palavras, tanto o descanso quanto a própria atividade comercial são mercadorias, ou seja:

[...] o amusement é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo avançado. É procurado por aqueles que querem subtrair-se aos processos de

⁵⁰ Entendido como meio de comunicação de massa.

trabalho mecanizados, para que estejam de novo em condições de afrontá-lo. (Chauí, 2006, p. 28).

Supomos assim tocar nos aspectos que explicam os motivos pelos quais ler a coluna de JS é sinal de *status* e de prestígio social, pois a partir do momento em que o leitor da coluna de JS é inserido no grupo, ele se torna também um co-elaborador, e assim se sente, ilusoriamente, detentor de poder; talvez por ser uma forma de controle social, ou seja, por ser uma leitura destinada a alguns privilegiados (essa provavelmente seja uma das primeiras sensações que fazem com que os leitores se sintam interessados a ler a coluna, ainda que seu leitor não tenha plena consciência disso), que podem pagar por ela, formando um grupo determinado, que comumente será chamado de ‘culto, intelectualizado’.

Divisão social que também permeia o texto de JS quando, por exemplo, ele mostra vários tipos de piadas para agradar as mais diversas preferências de seus leitores, neste caso, ao contrário do que diz o adágio popular, é possível agradar a ‘gregos e troianos’. O que nos leva a pensar que há a seleção de assuntos para agradar (como no livro de Orwell) cada leitor, escolhendo o que podem ou não, o que devem ou não ler. Isto é, cada escrito define o consumidor e determina o conteúdo a que terá acesso e o tipo de informação que poderá receber.

Pressupõe-se ainda que o humor por ser um produto e o jornal seu veículo, este criará estratégias que seduzam e agradem seu leitor (consumidor). Para que ele compre, não poderá realmente chocá-lo, preferirá não fazê-lo pensar e sim apenas aderir ao que já está posto, por isso, a informação enunciada devolverá com nova roupagem o que o leitor já sabe, viu, em outras palavras, e mais uma vez, é o senso-

comum cristalizado. De outra maneira reafirmamos que o mundo se torna espetáculo da espetacularização da comunicação.

Desse modo, em geral, o “Caderno Ilustrada” passa a ser o local de gratificação para com o leitor. Será onde ele poderá usufruir momentos de descontração. Lembrando que essa descontração é, na verdade, mais uma maneira de controle do tempo e de garantir a manutenção da cadeia produtiva. Seguindo com o raciocínio, então teremos, mais especificamente, a coluna do José Simão como recompensa pelo bom comportamento do leitor (como na sociedade prescrita por Orwell).

Por apresentar-se com características de entretenimento, de imediato, a coluna irá satisfazer nossos desejos, pois não nos pedem, explicitamente, nada em troca: que reflitamos, não exigem atenção apurada, etc. A única solicitação é a de que permaneçamos constantemente infantis.

Operando com a não-distinção entre o real e o simbólico, o texto vem a presentificar, pela linguagem, o que pode ou não ser real para aquele público, o que deve ou não ser absorvido por ele para a manutenção de uma ordem. A linguagem se torna símbolo e presentifica uma ausência inerente ao ser humano, uma falta inconsciente que jamais será suprida, apenas manipulada com preenchimentos vazios no Vazio.

Assim, o texto de JS convergirá para um discurso anônimo e impessoal, mas que parecerá ser dotado de personalidade, individualidade dentro do campo coletivo de que faz parte no grupo, criando uma imagem (ilusória) de reciprocidade entre as partes envolvidas. Surge a falsa constatação de que se é membro de um grupo que detém o conhecimento, isto é, identifica-se com a possibilidade de poder (sobre

outros que não fazem parte do grupo) por meio da informação, já que foi dada a abertura para o deciframento dos símbolos.

Quando JS fala sobre uma notícia do jornal, ele não se responsabiliza⁵¹ pelo que diz e se descarrega de sua responsabilidade pelo viés do humor. Ela não acontece porque a (suposta) crítica não se desmonta a si: não há uma desconstrução para uma nova construção, ou seja, não busca a mudança, basta a adesão, servindo para suprir momentaneamente a falta. O leitor passa a ser objeto e não mais sujeito, ele é visto como elemento intercambiável, com seu valor de troca. Massifica-se o outro e o desabilita à reflexão, a permissividade máxima é a homogeneização.

Por outro lado, não será apenas na imprensa que perceberemos tais procedimentos de homogeneização, também na Academia será constante e em grau acentuado a permissividade com que se busca um aspecto homogeneizador, o desenvolvimento de mesmices que atuam como a cristalização do que é aceito pelo grupo.

3.4. O lúdico e a infantilização: outra face do humor

Até este momento o humor vem sendo tratado como um componente estratégico que suscita na transmissão de ideologias (mercadológicas e sociais), desencadeando certo mal-estar naquele que não se adequa às condições impostas.

⁵¹ Não se trata aqui de uma responsabilidade civil, do Direito estabelecido entre os homens e para eles, mas pensamos numa responsabilidade humanizadora e psíquica, se assim podemos dizer.

Propomos neste item uma observação de outras faces do humor e mostrar possíveis caminhos de um humor menos controlado seja por instâncias ideológicas, sociais, mercadológicas. É no lúdico que encontramos uma abertura para um estabelecimento de uma ruptura, *“uma relação com a consequência não premeditada”* (Hitchens, 2006, p. 111).

Se entendermos o humor como um fruto de uma sociedade, teremos que entendê-lo também como elemento de persuasão com determinada finalidade, ou seja, não será um fruto ingênuo, assim como também não o é o jornal, implicando construções que propagam e transmitem sua finalidade implícita ou explicitamente através de armadilhas (inclusive lingüísticas) criadas para capturar seu leitor.

Num primeiro momento seria natural sermos capturados, e por um lado isso é benéfico, porém, para sairmos – ou ao menos nos desviarmos – das armadilhas impostas, cabe-nos um posicionamento de “senhorio”, ou seja, de sermos senhores do que lemos. Evidentemente forçará a uma nova postura, uma postura criativa (e aqui entendemos criativo como sendo algo além do senso-comum), envolta num trabalho (como proposto por Rossi-Landi [1985]), tem-se deste modo um ato criativo.

E ainda mais, por haver criatividade responsabilizadora, se assim podemos dizer, há o compartilhamento com o Outro, isto é, não é mais um movimento solitário, como até então se viu, pois não se busca mais no senso-comum o elemento humorístico, busca-se, constrói-se na percepção responsável que se tem do Outro e de Si. Não se terá como prêmio por bom comportamento uma coluna dedicada ao humor de riso-fácil e onipotente, se edificará um riso aberto a outras possibilidades,

o humor tenderá a ser menos controlado, habilita-se a saída de se rir por coisas que não só aquelas impostas.

Pensando por este viés, elaboramos o seguinte esquema:

No esquema, podemos perceber que é através do ato criativo, aqui entendido como forma de expressão da singularidade, que é possível edificar-se um riso menos controlado e menos controlador. O ato criativo vem a ser o elo que transcenderá o fazer – e neste caso trata-se do fazer ler o texto humorístico – a fim de encontrar com o outro a suposta liberdade de escolha. Com isso, o conjunto dos fios ao longo do tear, por entre os quais se passa a trama, torna-se apenas um desafio a mais a ser assumido e pensado, um fazer com propósitos menos centralizados no que se acredita que o outro quer e sim naquilo que ambos podem fazer juntos.

Pensamos que será dessa ligação nem tão simples assim de se relacionar com o conhecimento – e aqui propomos incluir tanto aquele escolar como o de mundo (e o texto humorístico se enquadra neste patamar) – que podemos encontrar um modo de nos desvencilharmos das armadilhas que os textos nos impõem, pois sim, nenhum texto é neutro e o texto humorístico não fugiria à regra.

Cabe a nós estabelecermos qual grau de permissividade daremos a ele – texto – e qual grau de questionamento aplicaremos. Não estamos dizendo com isso que a responsabilidade será exclusivamente do leitor, mas sim que olhar poderemos possibilitar e habilitar em nossas leituras e aos nossos leitores.

Quando o texto humorístico trata seu leitor como infantil, está informando a quem ele deverá se reportar, ou seja, quem tem o poder da palavra, pois o fato de ter a palavra já lhe dá poder sobre os demais. Mais uma vez estabelecemos ligação com a “palavra do pai”, isto é, aquele que detém – em diversas ordens – a tomada de decisão. Se suplantarmos ao outro – e neste caso JS – este poder, em suas mãos fincaremos e nos assentaremos cada vez mais como sujeitos imobilizados.

Assim, ser infantil em relação ao humor é ser manipulado e manipulável. É ser dotado de inflexibilidade laboral – no sentido proposto por Rossi-Landi – o que nos tornaria seres tais quais as personagens de Orwell. Por isso, acreditamos que “*o humor deve ser agudo – deve preservar sua relação com a espirituosidade – e não deve ter medo*” (Hitchens, 2006, p. 110).

Por outro lado, se nos mostrarmos capazes de questionar o que é questionável – e os textos o são –, capacitaremo-nos ao ato de rir como Bergson propõe sermos os únicos capazes de rir.

Considerações finais

De repente, do riso fez-se o drama.

Iniciamos esta pesquisa perguntando se rir é a solução e chegamos ao final, nessas derradeiras considerações, certos de que o humor faz parte da história do homem e que a qualidade de rir é, sem dúvidas, merecedora de um olhar questionador. Assim, propusemo-nos a ler textos humorísticos com olhos e ouvidos conectados, pois há vozes que falam e intentam e ouvidos que escutam, mas fingem se ensurdecer.

Tentar entender o que essas vozes dizem é assumir o papel de pesquisador, sem, contudo, deixar de ser leitor. Melhor dizendo, ser pesquisador é ser leitor, mas sê-lo não como cotidianamente se é, é sê-lo com vontade de apreender o mundo, tentar entendê-lo para dele fazer um lugar menos abrasivo. E compartilhar esse olhar é uma das tarefas dessa dissertação.

O humor anunciou-nos essa possibilidade por ser, essencialmente, ambíguo. Foi na ambigüidade de sentidos, na leitura múltipla que enxergamos um caminho para nos desvencilharmos do já tão dito caráter subversivo do humor. Pusemos em xeque essa característica e nos deparamos com a onipotência e a manipulação, que se dá por meio do uso da língua e sua manifestação apropria-se do discurso, transcendendo a materialidade física do texto. Por isso a necessidade de se estudar,

concomitantemente, as condições sociais, políticas e culturais em que se inserem os discursos.

Para nós, quando o humor sobre o poder (pois sim, o humor fala de quem está no poder) se transformou em poder do humor, o riso vazio venceu. A midiatização fez do riso um espetáculo, uma encenação sobre a vida, e fez desse simulacro a realidade.

Estabelece-se, assim, um consenso humorístico: de um lado, um humor leve e descontraído; e de outro, um humor pesado e cínico, mas nenhum deles posiciona-se de modo a quebrar o invólucro em que está. De repente, mas não repentinamente, perde-se sua função subversiva, para o reforço de um modelo que visa a produzir no público um hábito, ao menos, contestável: o de esquecer os debates de idéias.

O humor (e, conseqüentemente, o riso) transforma-se de remédio em ópio, torna-se um engodo destinado a não modificar nada. Rendemo-nos em homenagem ao riso, cedemos aos seus encantos. Na nossa sociedade contemporânea, rir é não mais resistir, é conformar-se.

À medida que os valores e as certezas se tornam incertos, o medo, a insatisfação e a angústia tomam conta do ser e do mundo, vindo o humor para tentar suprir essa fissura, que, ao contrário, vai cada vez mais se abrindo, deixando o ser e o mundo mais laico.

É assim que o humor cobre a tudo na nossa contemporaneidade, na nossa sociedade que se vangloria de ser divertida e permissiva, tornando o nosso humor também incerto, porque, se antes sabia a quem voltar seu olhar, hoje, tudo pode ser recreativo, por isso o “*humor universal, padronizado, midiatizado, comercializado, globalizado, conduz o planeta*” (Minois, 2003, p. 554).

Se o humor de antes era instigante porque buscava desestabilizar as normas sociais, políticas e culturais; hoje, o riso é elemento de coesão de uma sociedade superficial e conivente, o “*riso moderno existe para mascarar a perda de sentido*” (Minois, 2003, p. 632). O nosso humor afirma sem interrogar. São as vozes que ele traz em seu discurso, intimidando-nos a calar.

Por um lado, os discursos humorísticos fazem-nos quietos; por outro, falam demasiadamente o que querem de nós. Sob essa perspectiva, o humor, em si, torna-se secundário. Não se trata de um julgamento de valor, apenas dizemos que não é mais a sua função ser reacionário, mas interpolar o vazio. Escreve Minois (2003):

Não é um riso de alegria, é o riso forçado da criança que tem medo do escuro. Tendo esgotado todas as certezas, o mundo tem medo e não quer que lhe digam isso; então, ele fanfarreia, tenta ser *cool* e *soft*, ri tolamente de qualquer coisa, até para ouvir o som da própria voz. É nesse sentido que o século XX morre de rir e, ao mesmo tempo, anuncia a morte do riso. (2003, p. 554).

Ao postarmo-nos diante do texto humorístico tendo em mente que ele é a materialidade de discursos que refletem o pensamento de uma sociedade, é admitir que aspectos lingüísticos permitem desnudar as práticas cotidianas dessa sociedade, fazendo-nos pensar a maneira como interagimos com o outro.

Por isso, para rir é preciso tomar distância de si mesmo e do mundo, acreditamos que só assim será possível rir de maneira menos controlada e controladora. Acreditamos que o humor, no sentido de uma querência de ser mais

libertador, propõe uma sacralização do mundo e uma dessacralização do poder, de não se conformar com as normas e de fazer o homem assumir-se como o responsável pelo seu destino.

Não que haja uma receita para isso, mas acreditamos ser possível desvincular-se de uma leitura massificadora e, com isso, obter um humor menos homogeneizador, que não suscite apenas em fuga, escape de uma responsabilidade, ao contrário, ao se tentar sair dessa leitura controlada, o que se buscará é a ação. É participar do mundo e partilhar com o outro esse mundo. Para nós, seria essa uma concepção positiva do humor.

Referências

e

Bibliografia

Referências Bibliográficas e Bibliografia Consultada

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. (Trad. J. Moura Ramos). Lisboa/São Paulo. Martins Fontes. 1970.

AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. *Rumores do humor: a subjetividade discursiva na produção e na leitura de textos humorísticos*. Dissertação de mestrado. Araraquara. 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo. Hucitec. 1999.

BARROS FILHO, Clóvis. Mundos possíveis e mundos agendados: um estudo do uso da mídia na sala de aula. In: Barzotto, V. e Ghilardi, M. I. (orgs.). *Mídia, educação e leitura*. São Paulo. Ed. Anhembi Morumbi e Associação de Leitura do Brasil. 1999.

BARZOTTO, Valdir Heitor. *Leitura de revistas periódicas: forma, texto e discurso*. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 1998.

_____. A participação do leitor na definição da forma do objeto portador de textos: um projeto educativo. In: Barzotto, V. e Ghilardi, M. I. (orgs.). *Mídia, educação e leitura*. São Paulo. Ed. Anhembi Morumbi e Associação de Leitura do Brasil. 1999.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. Coleção Debates. São Paulo. Perspectiva. 1997.

BERGSON, Henri. *O Riso: ensaio sobre a significação do cômico*. 2ª ed. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 2001.

BONIATTI, Edina e BIDARRA, Jorge. *O destino das palavras: a ambigüidade lexical na interpretação de texto*. In: Ciências & Cognição. Ano 02, Vol.06. Nov/2005. 2005. Disponível em www.cienciasecognicao.org

BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica*. São Paulo. EDUC/Pontes. 1992.

CAMBOIM, José Afonso de Sousa. *Língua hílar e língua : ensaio sobre o riso e a técnica da opacificação cômica na performance lingüística de José Cândido de Carvalho*. Brasília. Bárbara Bela. 1999.

CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola. *Na tessitura da cena da vida*. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 1997.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Tomo I. 11ª edição. Petrópolis. Ed. Vozes. 2005.

CHARTIER, Roger. *A história cultural – entre práticas e representações*. Lisboa. Difel. 1990.

CHAUÍ, Marilena. *Filosofia*. São Paulo. Ed. Ática. 2000.

_____. *Simulacro e poder – uma análise da mídia*. São Paulo. Ed. Fundação Perseu Abramo. 2006.

CONFORTIN, Helena. Leitura do humor na mídia. In: Barzotto, V. e Ghilardi, M. I. (orgs.). *Mídia, educação e leitura*. São Paulo. Ed. Anhembi Morumbi e Associação de Leitura do Brasil. 1999.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo. Cultrix. 1978.

ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1983.

FIORIN, J.L. (org). *Introdução à Lingüística I – objetos teóricos*. São Paulo. Contexto. 2002.

_____. (org). *Introdução à Lingüística II – princípios de análise*. São Paulo. Contexto. 2003.

FRANÇA, Maria Teresa Rego de. *A construção lingüística do riso nas crônicas de José Simão*. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2006.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro. Imago. 1977.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro. Forense-Universitária. 1986.

_____. *A ordem do discurso*. 5ª ed. São Paulo. Loyola. 1999.

GHILARDI, Maria Inês. Mídia, poder, educação e leitura. In: Barzotto, V. e Ghilardi, M. I. (orgs.). *Mídia, educação e leitura*. São Paulo. Ed. Anhembi Morumbi e Associação de Leitura do Brasil. 1999.

GREGOLIN, M. R. (org.). *A língua na malha do poder*. In: *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos. Claraluz. 2003.

GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. Trad.: Alceu Dias Lima et al, 9ª ed. São Paulo. Cultrix. 1989.

GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural: pesquisa de método*. Trad. Haquira Osakabe, Izidoro Blikstein. São Paulo. Cultrix/EDUSP. 1973.

GUIMARÃES, Eduardo. *Não só... mas também: polifonia e argumentação*. In: Cadernos de estudos lingüísticos. Nº 8. Campinas. S/d.

HITCHENS, Christopher. *Cartas a um jovem contestador*. São Paulo. Companhia das Letras. 2006.

HOLLANDA, Aurélio Buarque de. *Dicionário Novo Aurélio*. 1999.

ILARI, R. e GERALDI, J.V. *Semântica*. São Paulo. Ática. 1985.

LYONS, J. *Semântica – I. Trad. W. Ramos*. Lisboa. Martins Fontes. 1977.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo*. Petrópolis. Vozes. 1994.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. (Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção). São Paulo. Editora UNESP. 2003.

MOSCA, Lineide. S. (org). *Discurso, argumentação e produção de sentido*. São Paulo. Humanitas. 2006.

MOURA, Heronides Maurílio de Melo. *Apresentação*. DELTA. Vol.18. P.IX-XVI. 2002.

ORWELL, George. 1984. (Trad. Wilson Veloso). 9ª edição. São Paulo. Ed. Nacional. 1976.

PÊCHEUX, Michel. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux*. (Orgs. Gadet, Françoise e Kak, Tony). Campinas. Ed. Da Unicamp. 1990.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas. Editora Unicamp. 1997.

_____. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas. Pontes. 1999.

PERELMAN, Chaim. *Retóricas*. (Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira). 2ª edição. São Paulo. Martins Fontes. 1999.

PERELMAN, C. e TYTECA, L.O. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo. Martins Fontes. 1996.

POSSENTI, Sírío. *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. Campinas/SP. Mercado de Letras. 1998.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Maringá. Ed. UEM. 2000.

ROSAS, Marta. “Por uma teoria da tradução do humor”. *Revista de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, D.E.L.T.A.* vol. 19. pp. 133-161. 2003.

ROSSI-LANDI, Ferruccio. *A linguagem como trabalho e como mercado – uma teoria da produção e da alienação lingüísticas*. (Trad. Aurora Fornoni Bernardini). São Paulo. Difel. 1985.

SKINNER, B. F. *Sobre o Behaviorismo*. São Paulo. Cultrix. 1974.

TRAVAGLIA, L. C. “Uma introdução ao estudo do humor na lingüística”. *Revista de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, D.E.L.T.A.* vol. 6. nº 1. 1990.

ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 5ª edição. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian. 1987.

VAN DIJK, Teun A. *Estructuras textuales de las noticias de prensa*. Quaderns de comunicació y cultura. 1983..

_____. *Ideología y análisis del discurso*. UPI. Abr. Vol 10. N° 29. 2005.

_____. *Ideología y Discurso: una introducción multidisciplinaria*. Ariel Lingüística. 2003.

_____. *The mass media today: discourses of domination or diversity?*. In: <http://www.discourses.org/download/articles/>. 1995.

ZIZEK, Slavoj. *O mais sublime dos histéricos – Hegel com Lacan*. (Trad. Vera Ribeiro). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 2003.

ANEXOS

ANEXO 1

Data: 03 de março de 2006.

FOLHA DE S.PAULO

ILUSTRADA

sexta-feira, 3 de março de 2006

JOSÉ SIMÃO

Socuerro! Deu gripe aviária nos tucanos!

BUEMBA! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronto! Homem surdo ordenado padre. Obat! Esse é bom pra se confessar depois do Carnaval. E a penitência deve ser sempre a mesma. Não escuta nada mesmo! E adorei o Galvão Urubueno na Rússia Abaixo de Zero! Ele devia trabalhar naquele documentário dos pingüins. E abaixo de zero é sempre assim: a mão fica dura e o pingolim encolhe! Rarará! E a apuração das escolas de samba? Eu sou do tempo do Carlos Imperial: "Maaaaangueeeira! Deissshh". E aí a dona Zica desmaiava. E a campeã: Unidos da Vila Isabel. Ou melhor: Unidos da Venezuela. A escola foi

patrocinada pelo Chávez. Foi sem querer querendo. Ou seja: a Venezuela ganhou o Carnaval no Brasil! Rarará!

E deviam convidar a Condoleeza Rice pro desfile das campeãs. Agora no Brasil é assim: o melhor jogador é argentino, o Tevez. A melhor escola de samba é venezuelana, e o PIB é paraguaio. PIB quer dizer Pobreza Individual do Brasileiro! E essa notícia: "Camilla Parker-Bowles, mulher do príncipe Charles, duquesa da Cornualha, foi nomeada coronel de um batalhão do Exército britânico". Ou seja, um canhão pro batalhão! Rarará!

Buemba 2! O SERRA E A TARUGA! Deu gripe aviária nos tucanos! Continua o embate Ser-

ra Vampiro Anêmico x Alckmin Picolé de Chucho. Vão decidir no palitinho? E diz que o Tasso veio pressionar o Serra. Veio tomar conta de tartaruga? Rarará! Diz que teve uma festa na prefeitura e mandaram o Serra buscar a orquestra. E horas depois, nada da orquestra chegar. E o povo começou a reclamar. E o Serra: "Se me pressionarem muito, eu não vou mais". O cara não tinha nem saído! E a cena mais dantesca do Carnaval: o Alckmin no Sambódromo comendo camarão com CHUCHU. Sabe como é o nome disso? Canibalismo! Rarará! É mole! É mole, mas sobe. Ou como diz o outro: é duro, mas desce!

Antitucanês Reloaded, a Mis-são. Continuo com a minha he-

róica e mesopotâmica campanha "Morte ao Tucanês". Acabo de receber mais um exemplo irado de antitucanês. É que no Rio desfilou um bloco carnavalesco chamado É Mole. Mas é Meu! Rarará. Mais direto, impossível. Viva o antitucanês. Viva o Brasil!

E atenção! Cartilha do Lula. Mais um verbete pro óbvio lulante. "Supremacia": carne que o companheiro serve no churrasco do Torto. O lulês é mais fácil que o inglês. Nós sofre, mas nós goza. Hoje, só amanhã.

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno. Acorda Brasil! Que eu vou dormir! Até a Semana Santa!

@ -> simao@uol.com.br

113

ANEXO 2

Data: 11 de março de 2006.

FOLHA DE S. PAULO

ILUSTRADA

sábado, 11 de março de 2006

JOSÉ SIMÃO

Rio Urgente! Recruta Zero subiu o morro!

BUEMBA! Buemba! Macaco Simão Urgente! O escultor-geral da República. Direto do País da Piada Pronta! Sabe como se chama a suspeita de falsificação? Marilene FALSARELLA! Já imaginou depondo na CPE: "A senhora jura dizer a verdade, dona Falsarella"? Rarard.

E a RIOLÊNCIA? E a comédia do Exército procurando os fuzis roubados do quartel lá no Rio? Primeiro, como é que os bandidos roubam os fuzis do quartel? Os soldados alegaram que foram pagos desprevenidos. Mas a gente paga o Exército para eles NUNCA estarem desprevenidos. Rarard! E diz que é mais fácil o Bush achar o Bin Laden que o Exército achar os

fuzis roubados. Bush: "Encontrei o Bin Laden". Exército: "Não encontramos os fuzis". O fuzil fugiu. Não é mais fuzil que se fala, agora é FUGIL! Rarard!

E eu sei quem foi o culpado de tudo: o Recruta Zero. Mas há controvérsias: dizem que foi o Sar-gento Tainha! Rarard! E o Zé Scafi flagrou os soldados subindo o morro. Diz que eles gritavam: "Eu quero ir para o Haiti". "Eu vou desertar." "EU QUERO A MINHA MÃE!" E o site Comentando diz que tá no sétimo dia dessa competição Comando Vermelho x Comando Verde-Oliva! E esses fuzis já devem ter virado brinco, pulseira, correntinha! Um monte de badulaque!

Tá pior que a novela do Serra. E

o Serra Vampiro Anêmico sai ou não sai? O Vampiro vai sair do cabão? A tartaruga vai botar a cabeça para fora? Quando é que os tucanos vão ENCERRAR, ops ENSERRAR, essa novela? O Poleiro dos Insensatos!

E hoje a lista definitiva das traduções de "O Segredo de Brokeback Mountain": "Queimando a Rosca na Montanha", "Pica da Neblina", "Chapada dos Veadeiros", "Os Pedes que se Amavam" e "A Montanha das Loucas"! E já tem um povo por aí dizendo que a dona Marisa em Londres estava a cara da Miriam Leitão. Rarard! É mole? É mole, mas sobre. Ou, como diz o outro: é duro, mas desce!

Antitucanês Reloaded, a Missão. Continuo com a minha he-

róica e mesopotâmica campanha "Morte ao Tucanês". Acabo de receber mais um exemplo irado de antitucanês. É que no Rio saiu um bloco carnavalesco chamado Empurra que Entra. Ueeeb! Mais direto impossível. Viva o antitucanês. Viva o Brasil!

É atenção, Cartilha do Lula. Mais um verbete pro óvio lulante. "Patrocínio": matar uma pátria. Bush cometeu um patrocínio no Iraque. Rarard!

O lulês é mais fácil que o inglês. Nós sofre, mas nós goza. Hoje só amanhã.

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno. Acorda, Brasil! Que eu vou dormir!

@ -> simao@uol.com.br

ANEXO 3

Data: 28 de abril de 2006.

FOLHA DE S. PAULO

ILUSTRADA

se

JOSÉ SIMÃO

Buemba! A Varig é viável ou voável?

BUEMBA! Buemba! Maruwo Simão Urgente! O esurubambador-geral da República! Direto do País da Piada Frontal! O Lula costuma usar tudo o que ele ganha! Na torça-fetra, vestiu a camisa da seleção argentina. Essa merece uma camisa-de-força. É quando ele vai vestir a camisa-de-força? Rarará!

É o dalai-lama? A gente já está afundado num mar de lama, só com o focinho de fora, e aí chega mais lama. Dá-lhe lama. Que vista mais inconveniente. Aparecer na casa dos outros na hora errada. Eu vou fazer uma denúncia contra esse dalai-lama. Que ele é irmão do Gushiken, primo do Okamoto e tio do ucunpunturista do Alckmin. Família lama.

É o dalai-lama disse que "os jornalistas têm de ter trombas de elefante para farejar as notícias". Tromba de elefante? Entendi, jornalista, além de bem informado, tem de ser bem dotado! Rarará! Eu tenho tromba de anta, serve? Rarará!

E eu não entendo nada do que esse dalai-lama fala. E entendo tudo o que o Gilberto Gil fala. Alô, uma amiga minha perguntou para a filha: "Você sabe o que é metáfora?". "Sei, é uma música do Gilberto Gil." Rarará!

É uma amiga minha que vai viajar quer saber se a Varig é viável ou voável. É a campanha do Garotinho, que recebeu grana até de assaltante? O quê? O Garotinho está sujando o nome do assaltante? Rarará. Então manda o Garotinho para a Febem. E essa rixa chamar x Garotinho? Garotinho x Vêzio! Corre na internet que é a disputa entre o Estatuto da Criança e da Adolescência versus o Estatuto do Idoso.

E o Ilamar é candidato só para fazer Fusquinha! E nova denúncia: o Ilamar usa xampu de Viagra. Para ficar com o topete em pé! Rarará. É mole? É mole, mas sabe. Ou, como diz aquele outro: é mole, mas, se provocar, ressuscita!

Antitucanês Reloaded, a Missão. Continuo com a minha heróica e mesopotâmica campanha "Morte ao Tucanês". Acabo de receber mais um exemplo irado de um militante do antitucanês. É

que em Malawi, na África, tem uma universidade chamada Bunda College. Deixa abrir franquias no Brasil! A Putxão Nacional. Rarará. Mais direto, impossível. Viva o antitucanês! Viva o Brasil!

E atenção. Cartilha do Lula. Mais um verbete para o óbvio lulante. "Estatista": companheiro Lula que adora frequentar estádio. Rarará. O lulês é mais fácil que o inglês. Nós sofre, mas nós goza. Hoje só ananã!

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

E vai indo que eu não vou! Acorda, Brasil!

Que eu vou dormir!

UFA!

@ -> simao@uol.com.br

ANEXO 4

Data: 20 de junho de 2006.

FOLHA DE SPALLO

TERÇA-FEIRA, 20 DE JUNHO DE 2006

JOSE SIMÃO

Buemba! Os Tralhas x Ostrália!

BUENBA! BUENBA! Macaco Simão Urgente! O escudilhado do gol da República! Diretor da Copa do Mundo! Brasil x Ostrália. Os Tralhas x Os Tralhas! Nunca vi tanta tralha em campo.

Como disse aquele torcedor: "Pelada por pelada, eu prefiro a minha negra". Rarará! É a seleção é assim: individualmente, umas feras. Juntos, não dão uma falhada!

Está decidido: no próximo jogo, o Ronaldinho entra no lugar do bola! Rarará! É o grande grito no Brasil não foi: "QUEM É ESSE FRED?". Procura em algum de figurinha procura no Google. Siga para o irmão que é o único que entende de futebol.

O descobridor é mineiro, joga na França, entra aos 40 minutos, faz um gol e vira herói. Como dizia aquela antiga propaganda de chocolate: "Vá ter sorte assim com Bis". É o Gagliolo? Você viu um Gagliolo?

Eu prefiro o grill-in que engaga-lol

Eu adoro Portugal, que ganhou de 2 x 0. Mas a torcida comemorou a vitória de 4 x 0. É que eles comemoram os replays! É a melhor partida do Paraguai foi a partida para casa.

É tá na hora de o Brasil arrumar adversários mais perigosos: a seleção dos Pigmeus de Botswana, a Sociedade Desportiva dos Baixinhos da Xuxa ou o REALMATISMO do Campaio.

É técnico bom era o Ferda, que dormia no banco o jogo inteiro. E os jogadores faziam o que bem entendiam. Ou seja, jogavam! É como é que a Globo fez leitura labial do Ronaldinho Gaúcho? É leitura dental! Rarará!

Eu grande grito no Brasil não foi: 'Gool'. O grande grito no Brasil foi: 'Quem é esse Fred?'

É o mais hilário da Copa é o jogador da Holanda Felipe C'OC'! Já vi jogador se defender de tudo que é jeito: com as pernas, de castiçal, de cabeça, até com as mãos, mas Cocu foi a primeira vez! É a transmissão? Cocu entrou, Cocu correu, Cocu caiu. Cocu em pé, Cocu sentado. Rarará. É mole! É mole, mas sabe! Ou, como diz aquele outro: é mole, mas, se provocas, ressuscita!

Antitacanes Belhaded, a Missão.

Continuo com a minha heróica e mesopotâmica campanha "Morte ao Tacanês". Acabo de receber mais um exemplo irado de antitacanes.

É que no Rio tem um casa de depilação chamada PELA ZERO. E a coitada deve ser o Tony Ramos. Rarará. Viva o antitacanes! Viva o Brasil!

É atenção. Cartilha do Lado. Mais um verbete para o óbvio lulante. "Canguari": guri para encherro.

O lulês é mais fácil que o inglês. Nós sofre, mas nós goza. Hoje só amanha.

Que eu vou pingar o meu colírio dechínogeno!

Nas bolad!

simão@uol.com.br

ANEXO 5

Data: 26 de agosto de 2006.

FOLHA DE S. PAULO

SÁBADO, 26 DE AGOSTO DE 2006

1

UEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República, Diretor do Pleito Caído!

E olha o adesivo que eu vi num carro: "Faça sexo seguro; segure no meu sexo". Rarará.

E sabe porque os corintianos são chamados de Galácticos? Porque são como Plutão: tão só esperando para serem rebaixados!

E essa é direto do país da piada pronta: "Garotinho apóia o Pudim". Eles vão dirigir o Parque da Mônica?

E o Garotinho aparece todo gordo. Eu acho que em vez de apoiar, ele comeu o pudim. Aliás, comeu todos os pudins. Fez degustação de pudins. Rarará.

E o novo apelido do Garotinho é jacaré: fora do Rio não é nada! Rarará.

Freqüências! E o Lalalé é uma tradição ambulante: é uma mala, mas só promete bolsas! Tem o Bol-

sa-Escola, o Bolsa-Família, o Roda a Bolsa. Só falta prometer o Bolsalsi-

cha e o Bolsalada. E o Bolsaco Cheio! E o Geraldo Alckmin Picolé de Chuchu tá tão empolgante que vai lançar um novo programa: SONO ZERO! Tá botando o povo pra dormir! Rarará.

E um amigo me disse o seguinte: viver em Cuba deve ser como morar num condomínio em que a síndica é a Helôisa Helena. Rarará! Ela devia mudar o nome daquele partido PSOL para Pinho Sol. Eles não querem fazer limpeza política?

Ou então como tem um monte de ex-petista bravo podiam mudar o nome para PTbull! Rarará!

E adorei aquele outro candidato:

E adorei aquele outro candidato: prometo fazer na vida pública o que eu faço na privada

prometo fazer na vida pública o que eu faço na privada. Rarará! Valeu pela sinceridade!

É mole? É mole, mas sobe. Ou como diz aquele outro: é mole, mas, se provocar, ressuscita!

Antitucanês Reloaded, a Missão. Continuo com a minha heróica e mesopotâmica campanha "Morte ao Tucanês". Acabo de receber mais um exemplo irado de antitucanês. É que na Vila Guilherme, aqui em

JOSE SIMÃO Buenba! Garotinho apóia Pudim!

Sampa, tem um motel chamado Makakus Motel! Venha descascar sua banana! Oba! Já achei o meu ninho de amor! Mais direto impossível. Viva o antitucanês. Viva o Brasil!

E atenção. Cartilha do Lula. Hoje não tem porque o Lula está botando botox. O Lulox botou botox até na bundox! O lulés é mais fácil que o inglês. Nós sofre, mas nós goza. Hoje, só amanhã.

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno.

Chega de pleito.

Queremos blunda!

MAIS ÉTICA NA DEMAGOGIA!!!!!!

simao@uol.com.br

ANEXO 6

Data: 31 de março de 2007.

FOLHA DE S. PAULO

SÁBADO, 31 DE MARÇO DE 2000

JOSÉ SIMÃO

Ueba! Gravata dá nó no rabino!

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Diretor do País da Piada Pronta!

Rabino Henry Sobel foi pego sobeltraindo gravatas da Vuitton, Gucci e Armani na Flórida! Então não é rabino, é ROUBINO! Roubino Sobel. Pelo menos tem bom gosto. Vuitton é melhor que roubar vaso de cemitério! Pelo menos não tem lastro no além! E ele pretendia usar essa gravata onde? No encontro com o papa?! E o governo americano quer acabar com as religiões no Brasil?

Primeiro, a bispa Insônia, depois o roubino Sobel, só falta pegar um pai-de-santo e o padre Pinto. Pro furto virar ecumênico!

E a TV Vale-Tudo informa: a partir de agora, que cada um tome conta do seu rabino! Rarárá!

E como disse um amigo meu: dá pra confiar em quem usa cabelo chanel? E sabe o que o Sobel falou pra

polícia? Tão querendo me pegar pra Cristo! Rarárá.

E sabe como é o nome do delegado que prendeu o Sobel? PAGAN! E ele alega apagão mental. Apagão tá na moda! Hoje eu vou dar um apagão no shopping Iguatemi! É a mesma desculpa do Éssper. Tô achando que já virou tendência! E a gravata deu um nó na vida do rabino!

E esse calor do inferno?! Tô suando mais que periquita de cozinheira. O Lula podia lançar mais um programa social: o BOLSA VENTILADOR! O filho do companheiro que for pra escola ganha um ventiladorzinho de pilha.

E a pomba que paralisou Congonhas? Congonhas muda de nome

Só falta pegar um pai-de-santo e o padre Pinto. Pro furto virar ecumênico! Rarárá!

pra POMBONHAS! E o chargista Alecrim ensina como se declina o verbo atrasar: "Os vôos do Rio atrasaram, os vôos de Belo Horizonte atrasaram e os vôos de São Paulo atrasaram". Aeroporto de Atrasonhas. Rarárá!

E o novo PFL? O DEM? Deixa Eu Mandar, Deixa Eu Mamar e agora um novo significado: Desespero em Marcha. Rarárá. É mole? É mole, massobe!

Antitucanês Reloaded, a Missão. Continuo com a minha heróica e mesopotâmica campanha "Morte ao Tucanês". Acabo de receber mais um exemplo irado de antitucanês. É que em Ribeirão Pires tem uma loja de rodas chamada Rodas Chavasca! Uau! Mais direto, impossível. Viva o antitucanês. Viva o Brasil!

E atenção. Cartilha do Lula. Mais um verbete pro óbvio lulante. "Mialgia": doença que dá em gato de companheiro. O lulês é mais fácil que o inglês. Nós sofre, mas nós goza. Hoje só amanhã.

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

simao@uol.com.br

ANEXO 7

Data: 01 de abril de 2007.

Ueba! Congonhas vira Pombonhas!

Buembra! Buembra! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da piada Pronta!

Pensamento da semana: se o Romário tem duas BMWs e três Ferraris, pra que ele quer um Gol Mil? Ops, um Gol Míope!

E diz que o Romário vai mesmo lançar o Gol Balada: um peixe, três cachorras, só funciona das 22h às 6h, é movido a pó de guaraná e não faz test-drive!

E um amigo meu disse que, em vez de escova progressiva, ele tá fazendo escova regressiva: toda manhã ele perde dez fios de cabelo! Rarará.

E tem nova gíria pra pau mole. Agora se diz: al dente! Pingolim al dente! E esse microondas global? Acordei suando mais que periquita de cozinheira. Por isso que o Lula vai lançar o BOLSA VENTILADOR! O filho do companheiro que for pra escola ganha um ventiladorzinho de pilha!

E finalmente o Lula fez uma retumbante declaração sobre a zona aérea: “O problema nos aeroporto é PASSAGEIRO!”. Rarará!

E a Martox? A ministra EGOTURISMO! Diz que ela vai botar o Supla pra fazer trilha sonora dos aeroportos. Zona aérea com trilha do Supla. Rarará!

E essa: “Pomba paralisa aeroporto de Congonhas por 14 minutos”. Então é Pombonhas! Rarará!

E o chargista Marco Aurélio revela que agora no Brasil existem dois tipos de moradores: o morador de rua e o morador de aeroporto!

E o PFL mudou de sigla de novo! Agora é DEM! De Democratas. E como eles vão conseguir transformar o Borhausen num democrata?! Rarará. Mas DEM pode ser Deixa Eu Mandar! Ou Deixa Eu Mamar! Ou DEM de DEMGUE! Rarará!

É mole? É mole, mas sobe! Ou, como diz aquele outro: é mole, mas chacoalha pra ver o que acontece!

Antitucanês Reloaded, a Missão. Continuo com a minha heróica e mesopotâmica campanha “Morte ao Tucanês”.

É que em Manaus tem um local que vende um guaraná chamado A Flô de Zíaco!

Mais direto, impossível. Viva o antitucanês. Viva o Brasil!

E atenção. Cartilha do Lula. Mais um verbete pro óbvio lulante. “Especulação”: companheiro que vende espetinho de gato na praça da Sé! O lulês é mais fácil que o inglês. Nós sofre, mas nós goza. Hoje só amanhã.

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

E quem não tiver colírio pode pingar silicone com água oxigenada pra ver o mundo loiro e de peitão!

simão@uol.com.br

Domingo, 01 de abril de 2007.

ANEXO 8 - EDITORIAL

Data: 10 de agosto de 2007.

Editoriais

editoriais@uol.com.br

Vício antigo

Como seus antecessores, de Sarney e Collor a FHC, Lula lança mão de verbas e cargos para submeter o Congresso ao Executivo

COMO SEMPRE na história deste país, o governo federal recorre ao testado e comprovado estratagema de liberar verbas e cargos para influenciar votações no Congresso. Trata-se de uma crônica distorção da democracia brasileira que Lula, na oposição, prometia corrigir. Mas seu governo, neste como em outros pontos, em nada inovou.

O Planalto empenhou R\$ 67 milhões nos seis dias iniciais de agosto para aprovar a prorrogação da CPMF, mais de três vezes o total que havia sido liberado em sete meses. Até o valor é similar aos R\$ 80 milhões que FHC pulverizou em maio de 2001 para evitar a CPI da Corrupção.

Militantes propensos a justificar os meios pelos fins poderiam alegar que no caso da CPMF se trata de uma necessidade. De certo denunciariam como "golpista", hoje, uma propaganda política — mesmo se ideada por um Duda Mendonça — que associa-se tal corrupção do processo parlamentar com a imagem de ratos roendo a bandeira do país.

Fernando Henrique acusou a campanha feita pelo PT na época de "nazista". A direção petista de então devolveu a pecha de "fascista", assim: "FHC é chefe de um governo que esteriliza o Legislativo, a poder de medidas provisórias, e que conduziu o país a uma fase de trevas".

Muitos adversários de Lula diriam que a frase se aplica bem ao atual governo. Nem por isso se qualificariam como oposição

consequente, capaz de iniciar a erradicação do patrimonialismo que assola a política, aqui, desde que o Brasil era Portugal.

O líder do DEM, Onyx Lorenzoni (RS), confrontado com práticas equivalentes dos governos FHC integrados por seu partido, saiu-se com esta: "Estava errado lá e está errado agora". Nada indica que, se voltar ao poder, o ex-PFL agirá de modo diferente.

Tal constatação por certo não justifica a temporada de caça ao apoio político e de oferta de cargos aberta por Lula. Os R\$ 67 milhões são só a ponta de um iceberg bilionário que o Planalto estaria prestes a dissolver sobre o Congresso. Também das verbas represadas do PAC se aguarda uma enchente neste semestre, destinada a irrigar o prestígio regional e local dos aliados, cujo apetite não se aplaca somente com recursos.

O Executivo federal entesourou um cobiçado acervo de cargos, cuja barganha por serviços parlamentares em áreas sensíveis foi intensificada. A nomeação prometida de Luiz Paulo Conde para a presidência de Furnas coincidiu não só com a retomada da tramitação da CPMF como também com a resistência da CPI do Apagão Aéreo —interinamente presidida pelo ex-rebelde Eduardo Cunha (PMDB-RJ)— a convocar depoimentos incômodos para o Planalto, notadamente o de Denise Abreu, diretora da Anac.

Lula dá uma contribuição importante, ainda que não inédita nem recordista (como talvez gostasse), para sujeitar o Congresso. Ao concentrar tudo na Presidência, acumula poder, mas também conflitos e a obrigação de arbitrar, coisa que a história, a teoria política e seu próprio retrospecto não recomendam.

ANEXO 9 - PAINEL DO LEITOR

Data: 10 de agosto de 2007.

Painel do Leitor

O "Painel do Leitor" recebe colaborações por e-mail, fax (0/xx/11/3223-1644) e correio (al. Barão de Limeira, 425, 4º andar, São Paulo-SP, CEP 01202-900). As mensagens devem ser concisas e conter nome completo, endereço e telefone. A Folha se reserva o direito de publicar trechos. leitor@uol.com.br

LEIA MAIS CARTAS NA FOLHA ONLINE → www.folha.com.br/paineldoleitor

Foro privilegiado

"O povo mineiro só tem que aplaudir a corajosa decisão do governador de Minas Gerais, Aécio Neves, de vetar esse projeto de lei vergonhoso de foro privilegiado apresentado pelos senhores deputados estaduais. Do que é que eles têm medo?"

Nós, os eleitores, que, segundo propaganda do TSE nas últimas eleições, somos os patrões, não temos nada disso. Então por que os nossos empregados deveriam ter?"

Qualquer projeto de lei que for apresentado para privilegiar políticos de qualquer nível deve passar por um plebiscito para que o povo decida se concorda ou não com esse tipo de regalia.

Os políticos precisam parar com essa prática ilícita de legislar em causa própria."

OLYRANOS (Belo Horizonte, MG)

"Legal esse governador Aécio Neves. Veta o projeto de lei da Assembleia que institui o foro privilegiado para diversas autoridades em Minas Gerais, mas libera sua bancada para derrubar o próprio veto.

De um lado, beneficia-se, na mídia, aparecendo como defensor das tradições liberais do Estado. De outro lado, é favorecido com a ideia de concentrar todas as investigações contra pessoas de sua base, incluindo secretários, nas mãos do procurador-geral de Justiça."

EDUARDO NEPOMUCENO DE SOUSA (Belo Horizonte, MG)

Reverso

"A Constituição da República diz que somos todos iguais. Mas o bri-

permanente sangria das nossas veias abertas, que destrói a vida dos cidadãos endividados, corrompe os nossos valores morais e acaba com a perspectiva de futuro para os brasileiros.

Parabéns ao brilhante Angeli!"

EDGARD LUIZ DE BARROS (São Paulo, SP)

Estratégia chavista

"Será que Hugo Chávez fornecerá toda a energia de que o Uruguai necessita por todo este século?"

Será que construíram uma refinaria de petróleo no Equador, com gastos de US\$ 5 bilhões, como simples estratégia econômica?"

Será que convidou o México para participar do Mercosul pelo simples desejo de manter laços econômicos?"

Acredito que devamos olhar as estratégias venezuelanas na América do Sul com menos cordialidade e sermos tão estrategistas quanto aquele país."

EVERALDO BATISTA (São Paulo, SP)

Super Simples

"Foi com grande indignação que recebi comunicado de meu contador sobre a conversão do Simples em Super Simples. Qual não foi meu estardalhaço ao saber que, entre vários outros aumentos, o pagamento sobre notas fiscais emitidas passou de 9% para 17% sobre o valor da nota.

Parabéns aos nossos governantes, que, mais uma vez, deram um grande incentivo ao trabalho informal e à ilegalidade.

Se ao menos a verba arrecadada fosse utilizada para benfeitorias à nação, eu não veria problemas em contribuir, muito pelo contrário.

procurador-geral de Justiça."

EDUARDO NEPOMUCENO DE SOUSA (Belo Horizonte, MG)

Reverso

"A Constituição da República diz que somos todos iguais. Mas o brigadeiro Juniti Saito, comandante da Aeronáutica, pensa diferente.

Na **Folha** de ontem, ele disse que o Airbus do presidente da República não pode voar com o reverso quebrado ('Avião de Lula não voa só com um reversor, diz Saito', **Cotidiano**, pág. C8). Mas os pobres mortais (199) voaram autorizados pela Anac, pela Infraero e pela Aeronáutica, sem o recurso funcionando. E o senhor Juniti Saito acha isso normal.

A assessoria de Lula é realmente uma vergonha."

OSVALDO LUIZ COLARUSSO SANTOS (Curitiba, PR)

Juros

"Lula e Mantega reclamam dos juros cobrados pelos bancos, mas, para baixá-los, bastaria que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal reduzissem suas margens absurdas e forçassem a concorrência preconizada no editorial de anteontem desta **Folha** ('Pior para a teoria', **Opinião**, pág. A2). Mas não acredito que isso vá acontecer neste governo.

Pior para o Brasil."

JACQUES JEAN PIERRE Coudry (Campinas, SP)

"Absolutamente perfeita a charge de Angeli publicada ontem (**Opinião**, pág. A2).

Além da completa corrupção estatal, este é o tema por excelência da nossa triste contemporaneidade: o domínio do país pelos plenipotenciários e vampírescos banqueiros e financistas.

Temos os juros mais elevados do mundo e a mais cruel espoliação e transferência de renda da população para aqueles que controlam o capital financeiro. Trata-se de uma

grande incentivo ao trabalho informal e à ilegalidade.

Se ao menos a verba arrecadada fosse utilizada para benfeitorias à nação, eu não veria problemas em contribuir, muito pelo contrário. Porém algo me diz que, novamente, esse dinheiro irá parar na cueca de alguns de nossos ilustres deputados e senadores."

RENATO ANEAS GUTIERREZ (São Paulo, SP)

Aborto

"É impressionante a ginástica que fazem os apoiadores do aborto no esforço de elaborar um consenso sobre o tema para convencer a opinião pública de que o aborto é um direito da mulher (como o artigo do doutor Aníbal Faundes de 7/8).

E o direito do nascituro? Não é preciso ser diplomada para saber que o feto não faz parte do corpo da mulher e que ele tem direitos como qualquer cidadão brasileiro.

Os que apoiam o aborto deveriam gastar o seu precioso tempo para pressionar o governo em relação a políticas públicas que deem melhores condições de vida ao brasileiro pobre (saúde, educação, emprego). Isso sim é consenso nacional."

FERNANDA COSTA (Jacareí, SP)

Maluf

"Peço, pelo amor de Deus, aos excelentíssimos ministros do STF que digam que não é verdade. Digam que é tudo intriga da imprensa. Que o STF não pactua com a impunidade. Que resta ainda um mínimo de justiça no país.

Li na **Folha** de ontem que o STF manda arquivar inquérito contra Paulo Maluf. Para o ministro Eros Grau, o caso prescreveu."

Meu Deus, que vergonha. Como nós, cidadãos honestos deste país, poderemos continuar a nos olhar, cara a cara, quando a mais alta corte do país se desmoraliza dessa maneira?"

PAULO ROBERTO LEITE (Santos, SP)